

3

FOLHA POLONÊSA

PRZEGLAD POLSKI

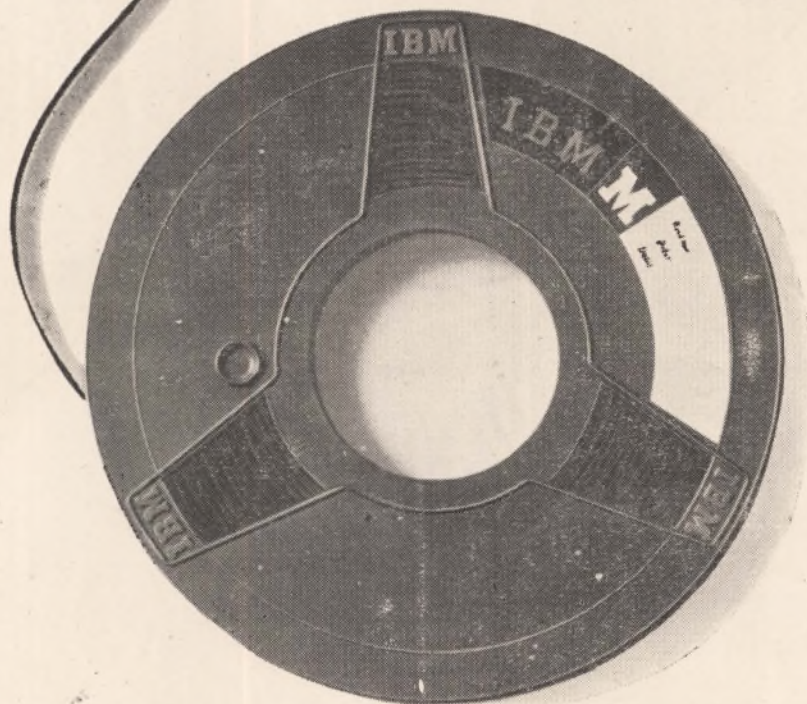
REVISTA
POLONÊSA



Ano IV Abril 1963

28

156	78292165	10938416	12349677	71101518	94635179	11061720	20071411	10120
173	63742182	24630529	1075	11061720	61859261	45681237	89234	
192	30210567	43142905	45	11061720	40320975	25784113	80543	
175	20692483	63470349	9	11061720	86291734	20965971	714108	
112	742545803	73140319	10	11061720	11898641	35390512	60493	
134	62110479	50610782	73	11061720	1903	21290536	60417	
114	10782971	81493175	643	11061720	25	62492017	89246	
196	50737176	51716593	6841	11061720	1	72192218	40310	
192	96417519	50462911	417173	11061720	7	40931218	73065	
175	91741314	91768314	8154163	11061720	1	51671485	80756	
109	91467911	52685113	504391	11061720	3	62190321	70735	
2451	60784113	84110679	713105	11061720	3	73980712	10349	
43	73654110	54938112	6243	11061720	8	29281222	99280	
				11061720	51491	71352421	3452968	703621
				11061720	2317	50431816	49538117	6425-



Qual é o limite da sua memória?

O desenvolvimento das técnicas industriais, o crescimento do volume das transações bancárias, a multiplicação das tarefas burocráticas em entidades públicas e particulares, a complexidade dos problemas científicos, são uma característica fundamental da era em que vivemos. Mas, até que limite, em que extensão, e de que maneira, o homem de negócios manterá registrados os detalhes da formidável engrenagem que não pára? Deverá ele buscar

outros meios para registrar o volume das operações, lançando mão dos dados que lhe interessam, no momento exato, no apertar de um botão? Deverá ele dedicar-se ao exame das operações sintetizadas e previamente analisadas?

Efetivamente, — este é o caminho! O volume das operações, os detalhes, podem ser registrados em fitas magnéticas como a que vemos acima. Aos computadores eletrônicos como o IBM 1401, em velocidades fan-

tásticas, caberá seguir o plano que a inteligência menos sobrecarregada do homem de negócios criou. Suas decisões serão tomadas com base nas variações significativas dos limites que você estabeleceu para a segurança do seu negócio.

Deixe os detalhes para a máquina. Use a sua inteligência para as decisões que exigem a qualidade incomparável do cérebro humano — de raciocinar.

IBM
DO BRASIL LTDA.



Odwiedź Polskę!

POLSKA CIĘ ZAPRASZA!

Przyjedź!

Zobaczysz jak zmienił się Kraj. W zabytkowych miastach ujrzyś nowoczesne dzielnice i rosnący przemysł. Doskonałe drogi zawiodą Cię do Twoich przyjaciół i krewnych. Odwiedzisz pamiątki i pomniki kultury narodowej. Wypoczniesz wśród polskiej przyrody — w górach, lasach lub nad jeziorami.

Najlepiej i najtaniej zwiedzisz Polskę biorąc udział w wycieczkach ORBISU.

ORBIS zapewni Ci wszelkie wygody.

Całodzienny pobyt w hotelach od dol. US 7,50 do 12,50 w sezonie i od dol. US. 5,50 do 10,00 poza sezonem, a w pensjonatach: w sezonie od dol. US. 3,10 do 4,50, poza sezonem — od dol. US. 2,50 do 3,60 przy 10 dniach pobytu.

Szczegółowych informacji związanych z przyjazdem udzielają biura podróży — korespondenci ORBISU:

SÃO PAULO:

— Passatours, av. São Luiz, 100 tel. 36-1808.

— Carrara S. A., r. Barão de Itapetininga, 224, 3.º tel. 37-2531.

— Compagnie Internationale de Wagons - Lits, r. Marconi, 101 tel. 36-7588.

— CIT Cia Italiana Turismo, pr. Dom José Gaspar, 22 tel. 34-5295.

— International Travel Promotion, r. 24 de Maio, 276 s. 103/104 tel. 36-9957.

RIO DE JANEIRO:

— Passatours, pr. Pio X, 78 tel. 23-8892.

— Air France, av. Pres. Ant. Carlos, 58 tel. 32-1998.



— American Express Co., r. México, 74 B tel. 31-2000.

— Carrara S. A., Av. Graça Aranha, 416 s. 1206 tel. 22-1792.

— Compagnie Internationale de Wagons Lits, av. Pres. Wilson, 164 b tel. 32-6965.

— Polvani do Brasil, av. Pres. Vargas, 392 tel. 43-8164.

PASSATOURS VIAGENS E CAMBIO LTDA.

Agente exclusivo de "ORBIS"

TURISMO
PASSAGENS
SÃO PAULO

Rua São Luiz, 100

Caixa Postal, 2.620

VIAGENS
CARGAS

Telefones:

33-7337 — 36-1808

37-0944

End. Telegr. PASSATOURS.

LUD

O MAIOR JORNAL
POLONES DA AMÉRICA
LATINA

FUNDADO EM 1920

BOA IMPRESSÃO VASTA DISTRIBUIÇÃO TRADIÇÃO

Circulação

É O PRIMEIRO EM
TERRAS DO INTERIOR
PARANENSE!



Penetração

É O PRIMEIRO EM
PENETRAÇÃO NOS
LAZOS DO INTERIOR!



Vantagem

O "LUD" CONTA
COM MILHARES DE
LEITORES. QUE
TÊM O QUE VENDER
E COM QUE COMPRAR.

FAÇA DELES SEUS
CLIENTES. — SEU
CRUZEIRO RENDERA
MUITO MAIS.



ANUNCIE NO LUD

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA CABRAL 846
FONE: 4-1057 — CAIXA POSTAL 155 — CURITIBA - PARANÁ

E FAÇA AGORA SUA ASSINATURA

CONICOS - TUBOS - ESPULAS - TUBETES



produzidos em papelão baquelitizado ou celoron e com
impregnação especial e anéis-reforços nas extremidades
— para as mais rudes tarefas;
não são afetados pela umidade, óleo ou ácidos.

FÁBRICA DE ESPULAS E TUBETES
"PROGRESSO"

HARASIM

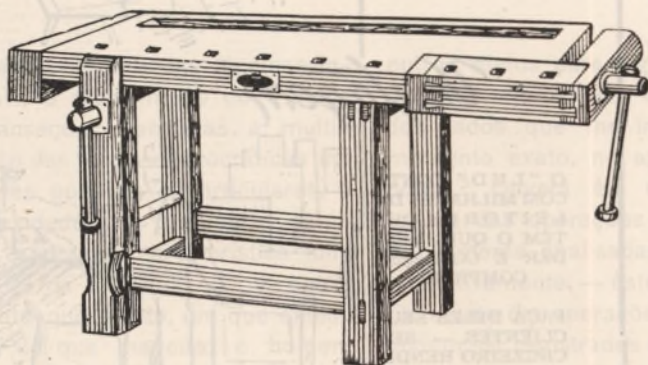
& Filho Ltda.

Rua Serra da Bocaina, 173 • Tel.: 9-7905 • End. Telefônico "HARASIM" • São Paulo

INDÚSTRIA DE MADEIRAS



RUA SOUZA LIMA, 200 — TEL.: 52-3942, — SÃO PAULO



Fabrykuje solidne warsztaty dla stolarzy, modelarzy i
amatorów jak również dla ślusarzy, jubilerów i t. p.
Posiadamy duży zapas warsztatów gotowych.

SPRZEDAJE i PRZYJMUJE
W KOMIS
KSIĄŻKI POLSKIE

SEWERYN HARTMAN

Rua Barão de Itapetininga, 140

s. 133 — Cx. Postal, 6335

Tel.: 37-5741

SÃO PAULO

Tipografia

ALADA LTDA.

Rua Vitória, 237 Tel.: 35-2994

SÃO PAULO

Druki handlowe wszelkiego
rodzaju

Zaproszenia na śluby

Karty wizytowe

Stemple

WYKONANIE SOLIDNE
I TERMINOWE

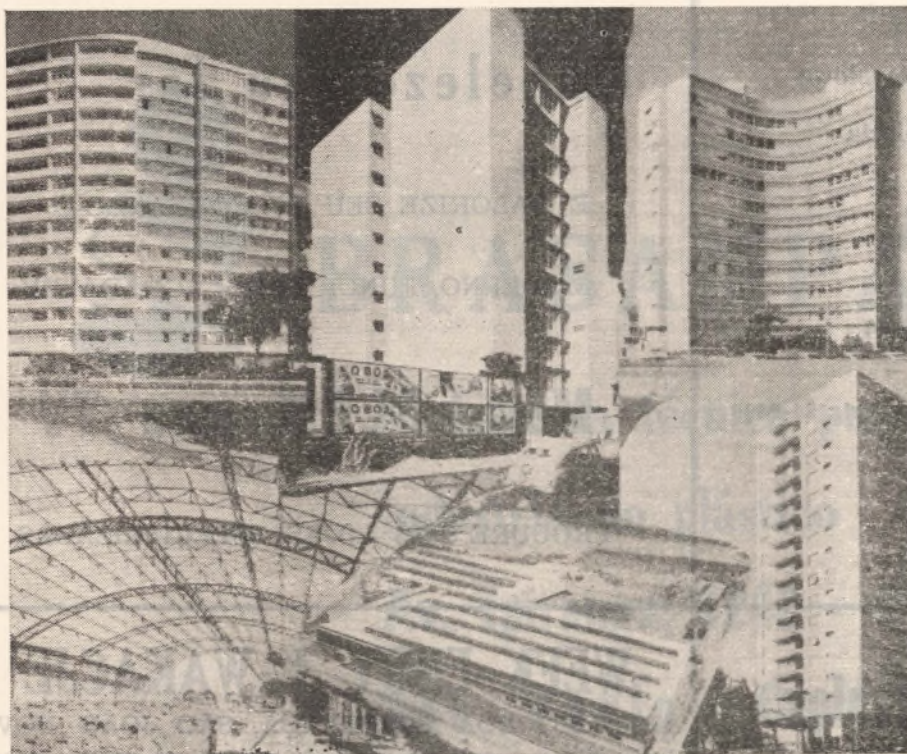
Construções

Mecânicas

Rozenowicz Ltda.

Transportadores
Alimentadores
Elevadores
Peneiras
Moinhos de martelos
Estruturas metálicas

Rua da Balsa, 10 PIQUERI
Cx. Postal, 11.912 — SÃO PAULO

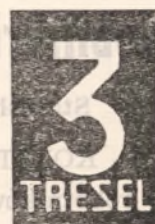


Organização completa de
construções e projetos
de edifícios
industriais,
residenciais
e obras de
engenharia

12 ANOS DE
TRADIÇÃO

Construtora e Imobiliária Tresel S. A.

AVENIDA S. JOAO, 1086 - 4.º And. - FONE 36-7186 (rêde interna) - SÃO PAULO



"INTRA FERRO"

Indústria de Trefilação de Ferro Ltda.

Trefilação de metais não ferrosos:

Alumínio

Alpaca

Cobre

Latão

Av. Celso Garcia 1.338

phones: 93-14-76

93-26-00

São Paulo



INDUSTRIA DE ABRASIVOS S.A.

Rua Fernandes Vieira, 174 - Belém - Fones: 92-2764 e 93-9700

Elektryczne instalacje przemysłowe
niskiego i wysokiego napięcia

E L O B R A

OBRAS ELÉTRICAS LTDA.

Brigadeiro Tobias 356 — 10.º Conj. 103 — Tel.: 34-0806

SÃO PAULO

Imobiliária Denis-Stanley

Stanisława Ossowieckiego

KONSTRUKCJA I REFORMY
60 robotników i inżynierów do usług.

SPRZEDAŻ NIERUCHOMOŚCI

Rua Aurora, 884 (parter i pierwsze piętro) w
pobliżu Av. Vieira de Carvalho. **SÃO PAULO**

Telefony: 37-9426 i 36-6748

Embeleze seu lar

E VALORIZE SEU TV TORNANDO-O

MODERNO, FUNCIONAL E AGRADÁVEL

Mesas ELEM para TV

PROCURE NAS LOJAS ESPECIALIZADAS

WEEK-ENDY I WAKACJE

RANCHO BOA ESPERANÇA, SÃO JOÃO NOVO
1.000 m. n.p. morza, źródła wody mineralnej, uroczyska spacerów,
konie pod wierzch, owoce.

Apartamenty z wodą bieżącą i światłem elektrycznym, kuchnia polska. — CENY UMIARKOWANE.

Odległość od São Paulo — kolejną 1 i ½ godz. Estr. Sorocabana lub drogą kołową 45 km. przez Cotia, Roselandia, Itapevi, Santa Rita, São João Novo.

Informacje telefonicznie: tel.: 35-5584 lub
Caixa Postal, 6335, São Paulo.
Tel.: SÃO JOÃO NOVO N.º 9



KUBKI PAPIEROWE

do 1 ltr pojemności

BUTELKI PAPIEROWE

(Container's)

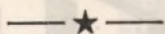
Talerzyki i kubki papierowe

Na uroczystości, pikniki, etc. (Fantasia)

Opakowania specjalne dla super-mercados, fabryk konserw, etc.

INDÚSTRIA INAJA

Artefatos, Copos, Embalagens de Papel S.A.



Fábrica: Rua Clelia, 1642 — Fone: 62-8631 — **SÃO PAULO**

End. Telegr.: "COPINDUS"

Artykuły luksusowe męskie. Artykuły importowane. Materiały krajowe i zagraniczne.

Pracownia krawiecka
(kierownictwo włoskie)
KOSZULE NA MIARĘ

Dandy

J. Grunpeter (dawn. Katowice)
R. Oscar Freire 667 (esq. R. Augusta)
SÃO PAULO

Dr. Arnaldo Serroni

ADVOGADO

Causas cíveis, comerciais, criminais,
trabalhistas e fiscais, inventários, despejos etc.

Praça da Sé, 96 — 5.º Salas
84, 89 e 90 — Tel.: 32-2461

SÃO PAULO



BRASAMPA S/A

Assistência técnica para
indústria do plástico

Av. Ipiranga, 1248 - Conj. 1107

São Paulo - Capital

KORZYSTAJCIE Z USŁUG

Companhia para Expansão da Construção

"COEXCO"

COEXCO inkorporuje nowoczesne i komfortowe domy mieszkalne. W domach COEXCO rozmieszczenie mieszkań, ich wykończenie i estetyka pozostają na najwyższym poziomie.

Pięć zasad COEXCO:

niezawodny termin
stała, niezmienna cena
własne tereny
staranne wykończenie
sprzedaż na raty

COMPANHIA PARA EXPANSÃO DA CONSTRUÇÃO "COEXCO"

São Paulo, r. São Bento, 279 — 12 piętro. Tel. 33-4737

Caldeiraria e Mecânica INOX Ltda.

ESPECIALIZADOS EM AÇO INOXIDÁVEL
— COBRE — ALUMÍNIO — FERRO —



RESERVATÓRIOS
AUTOCLAVES
CALDEIRAS
TANQUES
TACHOS



EQUIPAMENTO P/INDÚSTRIAS

- ★ Química - Farmacêutica
- ★ Gorduras - Sabões
- ★ Perfumarias - Cosméticos
- ★ Têxtil - Tinturarias
- ★ Papel - Papelão
- ★ Conservas - Chocolates
- ★ Carnes - Frigoríficos
- ★ Laticínios - Pasteurizados
- ★ Bebidas - Distilarias
- ★ Plásticos - Borracha
- ★ Tratamento de água

ESCRITÓRIO E FÁBRICA:
Rua Oliveira Lima, 455
Cambuci

Fone: 35-4995
SAO PAULO

"BRASTRAF" INDÚSTRIA DE TREFILAÇÃO S. A.

Trefilação de:

Tubos de aço com ou sem costura.

Barras cheias redondas e com todos os perfis.

Arame de aço.

Rua Ibitirama, 1.800
V. Prudente
Enderêço telegráfico
"BRASTRAF"

Enderêço para correspondência
Rua 7 de Abril, 252 — 10.º

SÃO PAULO

Fones: 63-3100
63-3109

SPIG

Sociedade Paulista de Instalações Gerais Ltda.

PROJETOS

INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS

ELETRICIDADE

MECÂNICA

HIDRAULICA

AV. DUQUE DE CAXIAS, 94

FONE: 52-1105 - (Rêde Interna)

End. Electr.: "SPIGERAL"

São Paulo

LANIFICIO "JAFET" S. A.

INDÚSTRIA DE LÃ

Fiação
Tecelagem
Tinturaria
Acabamento

X

Fios de Lã
Penteados
e cardados
Cobertores

X

Casemiras
Gabardines
Sarjas
Tropicais
Lãs da marca
Internacional

INDÚSTRIA DE ALGODÃO

Fiação
Tecelagem
Tinturaria
Acabamento

X

Fios de Algodão
Penteados e
Cardados
Crus e
Tintos

X

Tecidos de
Algodão

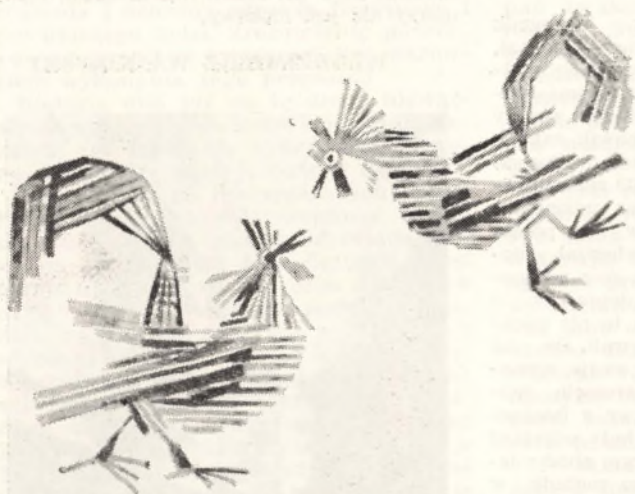
ESCRIT. CENTRAL: Rua Roberto Koch, 121

FÁBRICA: Av. Presidente Wilson, 4448

Ipiranga SÃO PAULO — BRASIL

Caixa Postal, 12305 — (Correio Ipiranga)

End. Tel. "ALEMIL" — Fone: 63-1147.



REDADORES RESPONSÁVEIS: Casimiro Kinskowski e Sigismundo Schlegel.

REDATOR CHEFE: Seweryn A. Hartman

DIRETOR ADMINISTRATIVO: Sergio Elia.

REPÓRTER: José Fassina

REVISOR: Adelio Buono

EDITADA: pela Editora Team Ltda.

Redação e Administração: — Rua Barão de Itapetininga, 140 conj. 133 - C. Postal 4530 - Fone: 37-57-41 - S. Paulo - Brasil.

Assinaturas: Cr\$ 800,00 anuais (12 números). Para os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul Cr\$ 500,00.

Para o exterior: US \$ 3,00. Número avulso Cr\$ 70,00.

Composto e impresso nas oficinas do jornal "LUD" — Al Cabral, 846 — Curitiba — Paraná.

POLITYKA, A RZECZYWISTOŚĆ — POLITYKA, A RZECZYWISTOŚĆ — POLITYKA, A RZECZYWISTOŚĆ

Czy w obronie cywilizacji?

Nigdy jeszcze bodaj świat nie był bardziej skłócony, niż obecnie. Dwie nieprzyjazne sobie siły stanęły oko w oko, obie groźne i straszliwe, gotowe każdej chwili do ostatecznej rozgrywki, której finałem może być zniszczenie wszystkiego co żyje na ziemi. My zaś, mali ludzie, widzowie tej zimnej wojny, patrzemy na to bezsilni.

Mówi się, że w epoce kamienia łupanego człowiek był prawie bezbronny, otoczony wrogą przyrodą, zdany wyłącznie na swoje słabe siły. Ale o ileż bardziej bezbronny jest on obecnie. Żyjemy na skraju złowrogiej przepaści, w którą pewnego dnia możemy być zepchnięci. Co może jednostka? Nie jest ona w stanie ani odwrócić niebezpieczeństwa, ani mu się czynnie przeciwstawić.

Stąd też ogarniające nas często uczucie zniechęcenia, gniewu i rozpacz. Całą samoobronę stanowi nie myślenie o przyszłości, balansowanie na wąskiej kładce — dzisiaj. Myślę, że temu właśnie zawdzięcza istnienie współczesna sztuka — owo bezładne nagromadzenie linii i barw w malarstwie i niezrozumiały bełkot w poezji. Jest to jedynie odbicie bezradności, która nas trapi i dookoła chaosu i wreszcie przerażenia, gnębiącego nas bezustannie.

Jakże biedny jest szary obywatel! Przemawia się w jego imieniu, wychwala go, wywyższa, ale w gruncie rzeczy o wszystkim decyduje za jego plecami grupa zawodowych polityków.

Cywilizacja, cóż ona nam dała! Jedyne niepewność jutra. Jesteśmy zmęczeni cywilizacją, potworem, który sami powołaliśmy do życia, a który zaczyna nas pożerać. To ona właśnie, cywilizacja, zrodziła potworny hałas motorów i głośników, zatruta powietrze dymem kominów fabrycznych i gazów spalinowych, zniszczyła życie w rzekach, a teraz zaczyna robić to samo z głębinami mórz, to ona zamknęła nas w ciasnych klatkach zasmrodzonych miast. Dzięki niej staliśmy się i stajemy coraz mniej samodzielni, coraz bardziej uzależnieni od rzeczy, na które nie mamy wpływu.

Dawniej, w szczęśliwych sielskich czasach, nikt nie był uzależniony od dostaw produktów, od psujących się łatwo mechanizmów. Wodę czerpał ze źródła albo ze studni, żywność albo sam produkował albo kupował od miejscowych producentów. Nie potrzebował się martwić, że ktoś stojący ponad nim, jakiś żarłoczny pośrednik, jakiś syndykat lub trust, podwyższy nagle cenę chleba, mleka lub mięsa i zmniejszy w ten sposób możliwość nabycia produktów, skazując go tym samym na niedożywienie. Nie musiał się też przejmować, że nagle zepsuje się stacja pomp albo elektrownia i przerwany zostanie dopływ wody lub światła.

To nie tylko bezradni jesteśmy wobec groźby konfliktu wojennego, bezradni jesteśmy wobec środków lokomocji publicznej, piekarzy, hurtowników bydła, ich strajk lub lokaut utrudnia nam życie.

Nie, nie jestem bynajmniej przeciwny cywilizacji. Ale widzę jej braki. Widzę przerost tych braków ponad zalety. Uważam np. że postęp techniki niekoniecznie musi iść w parze z beznamiętną gospodarką rabunkową przyrody, z niszczeniem lasów i zatrutowaniem wód otwartych, że powietrze powinno znajdować się tak samo pod ochroną, jak życie ludzkie, że walka z hałasem musi być prawnie uregulowana i nie tylko zresztą prawnie, ale i faktycznie. Jeżeli np. nie pozwoli się wypuszczać nowych samochodów bez pochłaniaczy gazów spalinowych to zagadnienie to zostanie naprawdę natychmiast rozwiązane przez fabrykantów samochodów. Zacznie to ich obchodzić tak jak dziś obchodzi moc motoru, zużycie paliwa lub kształt nadwozia.

Kultura techniczna ma być naszym sługą. Dzięki niej powinniśmy lepiej żyć, nie zaś więcej się męczyć.

Cywilizacja to nie znaczy straszliwa wojna i groza zagłady, przed którą dawniej dawał bezpieczne schronienie las albo dawały góry lub niedostępne wyspy, a teraz nie daje nikt i nic. To nie zna-

czy zaraza, przeskakująca kontynenty na skrzydłach samolotów, to nie znaczy idea nienawiści przenosząca się swobodnie na falach eteru lub na łamach prasy z kraju do kraju. Cywilizacja to nie zatłoczone samochodami jezdnie miast, to nie powietrze zatrute spalinami.

Ale cywilizacja, jak ją sobie wyobrażam, to podnoszenie wzwyż standardu życiowego ludzi, to podnoszenie ich etyki, to upiększanie planety, na której przebywamy, nie zaś destrukcja krajo-

Ba, ale czy nie mam zbyt wygórowanych żądań?

Czy ludzkość nie dąży do samozagłady albo do świadomego obniżenia swoich wartości intelektualnych?

ARAMIS

SPIS RZECZY:

Polityka a rzeczywistość ..	str. 5 - 6
W świecie nauki ..	6 - 8
Przeszłość a rzeczywistość ..	9 - 14
Reflektorem po świecie ..	14
Podróże — Przygoda ..	15 - 18
Rzeczy ciekawe ..	19
W Brazylii ..	20
Opowiadanie - Szkic ..	21 - 24
Na pograniczu bajki ..	24
Życie gospodarcze ..	26
Na naszym podwórku ..	27
W starym kraju ..	28

KPINY ZE SPRAWIEDLIWOŚCI

Początek opowieści zaczyna się jak w bajce. Oto w północnoniemieckim mieście Szlezewiku mieszka pewien wytworny, wysportowany i przystojny pięćdziesięcioletni pan, prezes najstarszego chóru męskiego w mieście. Jego życie układało się jak po rózkach. Był dyrektorem zarządzającym w zakładzie swego teścia. Miał i na chleb i na masło do chleba. Był szanowany przez współobywateli, którzy go wybrali na radnego. W swojej partii — Partii Wolnych Demokratów cieszył się ogólnym uznaniem.

Jako radny i człowiek w świecie bywały często reprezentował swoje miasto za granicą. Właśnie wracał był z takiej wizyty w Londynie i Harlingtonie, gdy spotkała go zdumiewająca niespodzianka: został aresztowany.

Za co? Za współudział w zamordowaniu 40.000 Żydów.

Tym ogólnie szanowanym człowiekiem był Martin Fellenz, niegdyś SS-Sturmabführer (major) i szef sztabu przy wyższym dowódcy SS i policji w Krakowie. A więc "grubsza ryba". Fellenz na procesie, który ślimaczył się od połowy listopada ub. r. aż do połowy stycznia b. r., czuł się tak pewny siebie, że obrońca zażądał od przewodniczącego, by oskarżony odpowiadał z wolnej stopy, gdyż wobec jego niewinności nie zachodzi niebezpieczeństwo ucieczki.

"Christ und Welt" — organ ewangelickiej frakcji rządzącej w NRD partii Chrześcijańskich Demokratów — tak tłumaczył butne zachowanie się Fellenza: "(...) Oskarżony był albo przekonany o swojej niewinności, albo też miał nadzieję, że jego potworne zbrodnie nie zostaną mu udowodnione".

Dziś chcemy się zająć nie osobą przestępcy (o zbrodniarzach wojennych napisano już tomy), lecz przebiegiem procesu i reakcją zachodnio-niemieckiej opinii publicznej.

Głównym zarzutem stawianym Fellenzowi przez oskarżenie było to, że dowodził likwidacją gett w Tarnowie, Miechowie, Michałkowicach i Przemyślu. Sam Fellenz nie poczuwał się do winy i twierdził, że "(...) był czymś w rodzaju lepszego pisarza", że "był tylko obserwatorem". Tygodnik "Christ und Welt" zaprzeczył temu: "To twierdzenie nie da się w przypadku Przemyśla utrzymać" i przytoczył niezbite dowody jego winy. Wielki zaś angielski dziennik liberalny "The Guardian" stwierdził wprost: "Udział Fellenza w masowych mordach dokonywanych w południowej Polsce nie budzi żadnych wątpliwości".

Jeżeli dowodził, a w Przemyślu dowodził, to jest również winny jak Eichmann, który przecież sam nie rozstrzeliwał...

Drugą kwestią, nad którą zastanawiał się sąd, było: czy "pisarz i obserwator Fellenz" wiedział, dokąd (po egzekucjach dokonywanych na miejscu) kierowano transporty Żydów, które według "Christ und Welt" zawsze kończyły się tym samym: "zagazowaniem i likwidacją". Eichmann również nie brał udziału w eksterminacji, był tylko "dyspozytorem kolejowym" i kierował transporty do obozów zagłady...

A więc: czy Fellenz wiedział?

Na okoliczność, czy członkowie SS w 1942 r. wiedzieli o losie wywożonych Żydów (do tej sprawy sąd przywiązywał szczególną wagę), zeznawały przed trybunałem w Flensburgu tuziny świadków. Kim byli ci świadkowie? Dawni członkowie SS i policji, gdyż jak napisał "The Guardian" "bezwzględność, z jaką SS przeprowadzała eksterminację, spowodowała, że jedynymi (poza stałymi przy życiu — przyp. W. W.) świadkami są tylko członkowie oddziałów egzekucyjnych".

Oto co mówili świadkowie.

SS-Sturmabführer, były kierownik kasyna oficerskiego w Krakowie — zeznał, że kiedyś w tymże kasynie oficerowie SS podczas gry w skata wspominali o jakimś rozstrzeliwaniu Żydów. Drugi świadek zwykły SS-man zapewniał sąd, że do chwili zakończenia wojny w ogóle nie słyszał o obozach zagłady. Oficer SS, który w NRD został skazany na dożywotnie więzienie za udział w masowym mordowaniu Żydów, a potem przedterminowo zwolniony, powiedział dosłownie: "Panie przewodniczący, pan mi może nie zechce wierzyć, ale ja naprawdę o niczym nie wiedziałem i nic na to nie poradzę". Jedni świadkowie powoływali się na brak pamięci, drudzy odwołali swoje zeznania złożone w śledztwie, inni wreszcie mówili, że nie zdawali sobie sprawy z istotnego celu istnienia obozów. Np. były adiutant gubernatora dystryktu lubelskiego, choć mieszkał o dwa kilometry od obozu zagłady w Majdanku i codziennie obok niego przechodził, był — jak zapewniał sędziów — przekonany, że się tam mieścił... wychowawczy oboz pracy...

Jak podobne zachowanie świadków można nazwać? Zmową? Sitwą? Składaniem świadomie fałszywych zeznań pod przysięgą?

W całej tej szajce znalazł się tylko "jeden sprawiedliwy": jakiś profesor medycyny, który w czasie wojny był niemieckim urzędowym lekarzem w Warszawie. On jeden jedyny uważał za rzecz niemożliwą, by wyższy oficer SS (jakim był Fellenz), oficer bezpośrednio podległy dowódcy SS i policji w Krakowie, mógł nie wiedzieć o likwidacji i gazowaniu Żydów...

Reakcja zachodnoniemieckiego społeczeństwa na proces Fellenza również była bardzo charakterystyczna. Na ten temat pisał "The Guardian": "Publiczność wykazała całkowity brak zainteresowania, a przecież tutaj nie chodziło o bagatelkę: 40.000 morderstw — to już zawsze coś. Na rozprawach bywała znikoma liczba osób. Niemcy stracili zainteresowanie, jakie okazywali w stosunku do poprzednich procesów..."

Po przewodzie sądowym, Fellenza spotkała nowa, tym razem przyjemna niespodzianka. Wyrok sądu brzmiał: 4 lata więzienia za współudział w zabiciu ... dwóch Żydów.

Z przebiegu tego procesu można na przyszłość (a wkrótce ma się odbyć około 900 rozpraw o ludobójstwo) wyciągnąć bardzo pośpne wnioski. Można oczekiwać, że będą to znowu kpiny ze sprawiedliwości. Wpływy b. SS i ugrupowań zbliżonych potężnieją, w miarę jak zachodnoniemiecka linia polityczna skręca coraz bardziej w prawo, w kierunku skrajnego nacjonalizmu. W 1955 r. ostatnia grupa przestępców i ludobójców skazanych przez sądy alianckie na śmierć wyszła na wolność. SS uratowała swoich przywódców, dzisiaj broni "średniaków", pomniejszając ich istotne winy, a gloryfikując ich przeszłość "bojową". Być może, już się wkrótce przekonamy, że SS w ogóle nie dopuściła się żadnych zbrodni. Przecież dr Graber, wydawca "Deutsche Hochschuller — Zeitung" jeszcze przed rokiem pisał, że na całym obszarze okupowanym przez Niemcy w latach 1941 — 1944 zginęło od 60 do 100 tysięcy Żydów. Skąd więc jeden Fellenz mógł uczestniczyć w zamordowaniu aż 40.000? Rehabilitacja SS jest faktem, który się dokonuje w naszych oczach. A co ze sprawiedliwością?

Takie samo pytanie zadał sobie "Christ und Welt": "Czy możliwe jest wymierzanie sprawiedliwości w procesach, które zajmują się najbardziej ponurym rozdziałem naszej historii?"

"Christ und Welt" na to pytanie nie daje

odpowiedzi, ale jest ona prosta. Nie, przy istniejącym układzie sił w NRF i panujących tam nastrojach, słuszny wymiar sprawiedliwości w procesach hitlerowskich zbrodniarzy nie jest możliwy.

WŁODZIMIERZ WAŚKOWSKI



W śródmieściu Olsztyna — nowe domy, nowe sklepy.

W ŚWIECIE NAUKI — W ŚWIECIE

W I E K

Pierwsza połowa naszego stulecia stała, w naukach przyrodniczych, niewątpliwie pod znakiem imponującego rozwoju fizyki. Poznanie budowy atomu, natury materii i energii zmieniło nie tylko nasze pojęcia naukowe ale również życie jednostek i społeczeństw. Zdobyte fizyki zrewolucjonizowały technikę, otworzyły drogę w przestrzeń kosmiczną, zawisły ciężką chmurą atomową nad losem ludzkości.

Stopień poznania i wykorzystania materii nas otaczającej zrobił milowe postępy, podczas gdy wiedza nasza o życiu, zwłaszcza o człowieku, twórcy tych imponujących odkryć, posuwała się do niedawna w żółtym tempie. Dystans między biologią a naukami fizykochemicznymi i technicznymi zwiększał się z każdym rokiem.

Nie ma w tym nic nadzwyczajnego. Najprostszy żywy organizm jest o tyle bardziej złożonym układem niż materia nieożywiona, że poznanie jego organizacji nie mogło poprzedzać poznania materii martwej.

Rozwój fizyki i chemii stworzył z jednej strony konieczne podstawowe koncepcje organizacji świata atomów i cząstek, z drugiej, dzięki odpowiednim aparatom poznawczym, umożliwił badanie procesów leżących u podstaw tych zjawisk, które nazywamy życiem. I oto dziś biologia zaczyna wysuwać się na czoło nauk przyrodniczych, można wręcz powiedzieć, że wkraczamy w wiek biologii.

Najwyższy czas po temu. Przed ludzkością stają teraz liczne palące problemy, które rozwiązać będzie mogła tylko biologia. Gwałtowny wzrost ilości ludzi zamieszkujących kulę ziemską w wyniku zdobyczy medycyny i higieny, gwałtowne

zmiany w środowisku, w którym żyjemy, wymagają szybkiego i radykalnego rozwiązania podstawowych problemów wyżywienia i ochrony zdrowia fizycznego i psychicznego ludzi. Zrozumienie podstawowych procesów życiowych jest warunkiem wykonania tego programu.

Biologia dziś już na tę drogę niewątpliwie wstąpiła. Zdobywcze biochemii i genetyki lat ostatnich wykryły podstawowe zasady organizacji materii żywej.

Niestety strona faktyczna tych badań jest trudna do spopularyzowania. Główną właściwością, charakteryzującą dzisiejszy rozwój nauk biologicznych, jest przejście z badania procesów życiowych całych organizmów, jako podmiotu badań, na poziom procesów zachodzących w jednej komórce, mówiąc ściślej — między różnymi cząsteczkami chemicznymi, składnikami materii ożywionej. Organizm człowieka, zwierzęcia czy rośliny jest tak niesłychanie złożony, a reakcje jego są wynikiem nakładania się tak wielkich ilości jednostkowych reakcji, że poznanie i kontrolowanie ich jest praktycznie niemożliwe. Największe postępy poczyniono ostatnio w badaniach nad organizacją procesów życiowych na najmniejszej złożonych organizmach, jak bakterie czy wirusy. Są one jakby najprostszym modelem żywego organizmu. Mimo olbrzymich różnic strukturalnych i funkcjonalnych między wirusem a człowiekiem, podstawowe zasady organizacji są te same. Pod tym względem podobień-

kinsa, tegorocznych laureatów nagrody Nobla z zakresu medycyny. W latach poprzednich również za badania chemiczne nad kwasami nukleinowymi otrzymali nagrody Nobla Ochoa i Kornberg, a za badania genetyczne nad rolą DNA w dziedziczności — Lederberg i Tatum, co zresztą też dowodzi, jak wielką wagę obecnie przypisuje się odkryciom roli kwasów nukleinowych w procesach życiowych.

W jaki sposób DNA spełnia rolę przekaźnika informacji o budowie białek? Już sama długa nazwa tego związku wskazuje, iż jest on dość skomplikowany. Bez przedstawiania dokładnej budowy chemicznej można go scharakteryzować jako związek występujący w postaci bardzo długiego łańcucha złożonego z czterech różnych składników, które oznaczamy sobie literami A, T, C, i G (od nazw zasad azotowych charakteryzujących te składniki).

Te składniki wzdłuż łańcucha są ułożone w sposób aperiodyczny, ale stały dla danego organizmu. W organizmach żywych DNA występuje w postaci dwóch łańcuchów, spiralnie naokoło siebie skręconych. Oba łańcuchy mają układ zasad wzajemnie się uzupełniający, tak że na przeciw A jest T a na przeciw T jest A, przy czym ta sama zależność występuje między C i G. Te pary zasad są powiązane atomami wodoru, które usztywniają podwójną spiralę. Jest to układ posiadający właściwość samoodtworzenia się. Przy każdym podziale komórki wiązania wodorowe pękają i każdy z pojedynczych łańcuchów dorabia sobie z niepowiązanych składników produkowanych przez komórkę drugi łańcuch uzupełniający. W ten sposób każda z dwóch komórek po podziale posiada znowu podwójną spiralę DNA, identyczną ze spiralą wyjściową. Na tej nader prostej zasadzie samopodwajania się opiera się przekazywanie informacji z komórek do komórek, czyli zjawisko dziedziczności. Przez komórki rozrodcze, w których DNA jest podstawowym składnikiem, przekazujemy naszym dzieciom nie tylko nasze najrozmaitsze cechy fizyczne ale zarówno dziedziczne uzdolnienia, jak i — niestety — dziedziczne choroby.

Doskonalenie się organizmów występujących na ziemi postępowało bardzo powoli na drodze ewolucji, w zasadzie opierającej się na nieskończonych ilościach prób, z których olbrzymia większość jest błędna a tylko nieliczne stanowią pozycje pozytywne. Udań próby zostają zapisane przy pomocy DNA i decydują o postępie. Dzięki temu "doświadczenia" ubiegłych pokoleń są przekazywane następnym. Bez metody utrwalania i przekazywania korzystnych zmian nie byłoby nas dziś na ziemi.

Jaki typ informacji i w jaki sposób przenosi DNA? W łańcuchu DNA kolejność ułożenia składników T.A.C. i G. stanowi jakby szyfr czteroliterowy, za pomocą którego zapisywane są wiadomości o budowie białek. Białka są również cząsteczkami łańcuchowymi, złożonymi z 20 różnych podstawowych składników zwanych aminokwasami. Cząsteczki różnych białek mogą zawierać od kilkudziesięciu do kilku tysięcy aminokwasów. Właściwości białek zależą przede wszystkim od ilości i kolejności różnych aminokwasów w ich łańcuchach.

Białka to jakby słowa księgi życia. Pisane są one alfabetem 20 literowym. Niektóre słowa są długie, złożone z setek i tysięcy liter. W komórce pojedyncze litery-aminokwasy są łączone w wyrazy — białka. Oczywiście ilość kombinacji losowych tych liter jest nieskończona, a organizm musi je połączyć w

ściśle określone wyrazy — białka. Pomyłka nawet w jednej literze może być już fatalnym błędem dla organizmu. Jak w każdym języku tak i w tym tylko pewne kombinacje liter dają sensowne wyrazy, inne są błędne lub zgoła bez sensu. Moglibyśmy więc organizm porównać z utworem, który zawiera określoną ilość słów — białek, stanowiących harmonijną albo przynajmniej zdolną do życia całość.

W komórce istnieją jakby maszyny, na których z wolnych liter-aminokwasów są składane — wyrazy — białka. Do maszyn tych — ribosomów — wprowadzane są jakby matryce z RNA, na których bezpośrednio składane są aminokwasy w łańcuchy — białka. Matryce RNA wytwarzane są zaś w jądrze komórkowym wg wzorów DNA, które jak wiemy są samoodtworzalne i przekazywane do każdej pochodnej komórki. A więc DNA w chromosomach jąder komórkowych — to jakby taśmy zaszyfrowanych informacji o budowie białek.

Powstaje teraz pytanie czy można odszyfrować zapis w DNA? W roku 1962 Nieremberg i Ochoa po raz pierwszy wykazali, że poszczególnym aminokwasom odpowiadały określone trójki zasad w RNA. A więc np. wyraz UUU odpowiada aminokwasowi fenyloalaninie. W ciągu paru miesięcy poznano skład trójek w RNA dla wszystkich 20 aminokwasów. Jest to wielki krok na drodze do odczytania szyfru. Matryce RNA są bardzo nietrwałe, szybko się zużywają i stale są wytwarzane nowe i przekazywane do ribosomów. DNA zaś jest trwały izolowany w jądrze i jako centralny zbiór informacji, samoodtworzany tylko przy powstawaniu nowych komórek.

Białka stanowią podstawowe środowisko, w którym odbywają się procesy życiowe. Jako enzymy katalizują one wszelkie reakcje chemiczne, w wyniku których organizm żywy przyswaja pokarmy, rośnie i różnicuje się na tkanki i organy. Od ich jakości i ilości zależą wszelkie cechy zarówno fizyczne, jak zapewne i psychiczne, zaś o specyficzności białek w pierwszym rzędzie decyduje układ kolejny w łańcuchach aminokwasów. A więc, w ostatecznym rezultacie wszystko sprowadza się do zapisu w DNA. Stąd jego decydująca i nadrzędna rola w organizmach żywych.

Nie ulega wątpliwości, że poznanie roli kwasów nukleinowych otwiera nową erę w biologii. Już dziś możemy wypreparować DNA z jednego szczepu bakterii i przenieść do drugiego. Przy czym, jak należało się spodziewać przeniesienie DNA może spowodować trwałą dziedziczną zmianę właściwości bakterii. Możemy więc np. ze szczepu opornego na penicylinę przenieść przy pomocy DNA tę właściwość do szczepu wrażliwego, lub na odwrót.

Są to tylko jednak początki poznawania tego fascynującego zagadnienia. Dziś nie potrafimy jeszcze izolować pojedynczych odcinków DNA, zawierających informację o jednym tylko białku. Taki odcinek będący jednostką dziedziczności nazywamy genem. Jak dotąd nie znamy kolejności liter szyfru DNA w genie, ale choć dziś jeszcze niemożliwe, przy zawrotnym tempie odkryć w tej dziedzinie może to bardzo szybko zostać zrealizowane. Gdybyśmy w pełni odczytali szyfr DNA, moglibyśmy się pokusić nawet o sztuczne syntetyzowanie różnych rodzajów DNA. Moglibyśmy sami układać i wydawać zlecenia komórkom, jakie białka znane lub nawet nieznane mają produkować. Gdybyśmy te nowe rodzaje DNA umieli wprowadzać do komórek wyższych organizmów (jak to dziś ro-

UKI — W ŚWIECIE NAUKI

BIOLOGIA

stwa między człowiekiem a wirusem są bardziej zaskakujące niż różnice!

W świecie najrozmaitszych związków chemicznych i składników materii ożywionej zauważamy z jednej strony wielką specjalizację, z drugiej wyraźną hierarchię. Do niedawna jeszcze uważaliśmy że skoro białka są składnikiem podstawowym protoplazmy, muszą być również najistotniejszym elementem w organizmie żywym. Lata ostatnie wysunęły jednak na czołowe miejsce w hierarchii substancji chemicznych związanych z procesami żywymi nie białka, ale kwasy nukleinowe DNA i RNA (są to skróty angielskiego brzmienia kwasu desoksyrybonukleinowego i kwasu ribonukleinowego). Kwasy nukleinowe występują w każdym organizmie żywym, choć w ilościach w porównaniu z białkiem bardzo nieznaczących. Ich rola nadrzędna polega na tym, iż w nich jest jakby zapisana informacja o budowie białek, które w tysiącach odmian występują w organizmach żywych. Poszczególne organizmy, tkanki czy komórki wytwarzają odmienne białka. Gdy w kulturze tkankowej hodujemy komórki o różnych właściwościach i różnym składzie białek, to mimo faktu, iż żyją one na jednej pożywie i czerpią te same pokarmy, tysiące komórek pochodnych powstających na drodze podziałów, przez lata całe zachowują dokładnie ten sam typ białek, które posiadały komórki wyjściowe. Jednym słowem, z pokolenia na pokolenie, z komórki do komórki przekazywana jest jakby "pamięć" i dyspozycja, jakie białka mają być wytwarzane. Związkiem przenoszącym z komórki do komórki informację o budowie białek, jest właśnie DNA. Budowa tego związku została dopiero niedawno dokładnie zbadana, głównie dzięki badaniom Cricka, Watsona i Wil-

bimy z bakteriami), moglibyśmy przystąpić do zamierzonych zmian właściwości organizmów, czy nawet do "syntezy" nowych organizmów.

To, co dziś jeszcze jest zupełną fantazją, już jutro może zamienić się w rzeczywistość. Takie możliwości w rękach ludzkich, z jednej strony mają szansę stać się wspaniałym narzędziem zmieniającym i udoskonalającym organizmy żywe, z drugiej jednak nadużycie ich mogłoby w skutkach okazać się stokroć groźniejsze od wykorzystania energii atomowej, jako narzędzia wojny. Hodowla robotów o właściwym DNA, czyli ingerencja w osobowość to jedna z wielu makabrycznych możliwości. Tatum odbierając parę lat temu nagrodę Nobla w Sztokholmie oświadczył, że gdyby do tego miało dojść, to nie mógłby pozostać nadal biologiem.

Mozna by jeszcze zapytać, jak powstały istniejące szyfry DNA dla dziś istniejących organizmów? Otóż pisanie szyfrów, które dają sensowne wyrazy białka, odbywa się w przyrodzie na zupełnie innych zasadach, niż w naszej praktyce. Nie ma twórcy piszącego ani zecera odlewającego czcionki w słowa. Składanie nowych szyfrów odbywa się na zasadzie zupełnie niewiarogodnej, a mianowicie na zasadzie olbrzymich ilości zupełnie bezkierunkowych prób. Te ślepe próby są w ogromnym procencie błędami. Czasem jednak dają nowe i całkiem sensowne wyrazy białka, jeszcze rzadziej — ale i to się zdarza — dla określonego organizmu lepsze i sensowniejsze, niż produkowane uprzednio. Przy kopiowaniu istniejących szyfrów zdarzają się błędy, jak w każdej drukarni, pojedyncze litery wypadają, zostają wstawione w niewłaściwym miejscu lub zastąpione niewłaściwą literą. Wtedy w szyfrze powstają błędy literowe, a w konsekwencji białka ze zmienionymi aminokwasami. W praktyce drukarskiej błędy nigdy nie udoskonalają utworu. Natomiast przy wielkiej ilości zdarzeń losowych takie błędy mogą stanowić o postępie i udoskonalaniu pierwotnego wzoru: tworzy żywego.

Zmienione szyfry DNA są łączone w różne kombinacje w potomstwie i w milionach komórek i pokoleń w ciągu milionów lat ewolucji prowadzą do wytworzenia lepszych szyfrów, dających lepsze kombinacje białek niż w wyjściowych organizmach. W ten sposób w ciągu ok. jednego miliarda lat istnienia życia na ziemi, z licznych losowych i bezkierunkowych zmian w DNA, powstały nowe szyfry na nowe białka i nowe organizmy, lepiej przystosowane do zmieniających się warunków na powierzchni naszej planety. Czynnikiem przyspieszającym wyłapywanie rzadkich "korzystnych błędów" jest dobór naturalny, który odrzuca zdecydowane błędy, a odsiewa rzadkie korzystne zmiany w DNA. Ten mechanizm ewolucji pociąga za sobą jako nieuchronną konieczność pewną niedoskonałość organizmów żywych. Zmiany w szyfrze DNA, które nazywamy mutacjami, powstają ciągle i mimo że są zwykle dla organizmu ujemne, nie są całkowicie eliminowane przez dobór. To też każdy organizm zawiera mutacje ujemne, powodujące u pewnej części osobników przedwczesną śmierć, zniekształcenia, kalectwa i upośledzenia umysłowe.

Okolo 2% dzieci tj. ok. 60 milionów przy 3 miliardowej ludzkości rodzi się obecnie z wyraźnymi chorobami dziedzicznymi, znacznie zaś większy procent z obniżoną żywotnością, odpornością czy inteligencją. Oto cena, którą płacimy za możliwość doskonalenia się i przystosowania do zmieniających się warunków życia. Zdrowi i dziedzicznie dobrze wypo-

sażeni mogą powstawać jedynie przy jednoczesnym przechodzeniu na świat słabych i chorych. Niski odsetek źle wyposażonych osobników zależy z jednej strony od poziomu mutacji, z drugiej od efektywności doboru eliminującego słabych od rozrodu. Niestety sam człowiek zmienia obecnie oba te czynniki w niekorzystnym dla siebie kierunku. Promienie jonizujące (np. Rentgen) lub te, które powstają przy testowaniu bomb atomowych, zwiększają częstość mutacji. Atakują one nasze kwasy nukleinowe i powodują błędy w ich replikacji, zdobywcze zaś higieny i medycyny przedłużając życie ludzkie i zmniejszając szanse śmierci przed wydaniem potomstwa, zwiększają równocześnie szanse rozmnażania się ludzi genetycznie gorzej wyposażonych którzy przekazują ujemne geny potomstwu. Grozi to stopniowym pogarszaniem się struktury genetycznej przyszłych pokoleń i zwiększającą się ilością nieuleczalnych kalek czy chorych psychicznie.

W tej sytuacji wspaniały rozwój biologii jest bardzo na czasie. Gdy całkowicie odczytamy szyfr DNA, gdy poznamy budowę poszczególnych genów i odpowiadających im białek, gdy dowiemy się, na jakich zmianach polegają zachodzące w nich mutacje, nie będziemy tak bezradni jak dziś wobec chorób dziedzicznych. Z jednej strony będziemy się mogli bardziej skutecznie bronić przed mutacjami, z drugiej zaś znosić ujemne efekty zaszłych już mutacji. Być może dla milionów dziś nieuleczalnie chorych otworzą się perspektywy powrotu do zdrowia. Kierując zaś zmianami właściwości dziedzicznych roślin, zwierząt czy drobnoustrojów będzie można niewątpliwie zupełnie zrewolucjonizować produkcję żywności. Na początku będziemy zmieniać proste jednokomórkowe organizmy, które w przyszłości mogą się stać głównym producentem białek, witamin, antybiotyków etc., w dalszym etapie również bardziej złożone organizmy. Być mo-



Super-market w Warszawie.

że potrafimy je zmieniać aż tak, aby móc je zabrać z sobą na inne planety i tam zainicjować jeszcze nie istniejące życie.

Rok 1962 był rokiem wielkich odkryć. Wierzmy, że otwiera on nam "wiek biologii", który — kto wie — czy nie stanie się początkiem szczęśliwszej ery w rozwoju ludzkości.

WACŁAW GAJEWSKI
(Przedruk z "Przeglądu Kulturalnego")

Indústria Metalúrgica

STELLA LTDA.

TUBOS "ELETRODUTOS"

TUBOS TREFILADOS

TUBOS PARA QUALQUER FIM INDUSTRIAL

Escritório: — Rua Conselheiro Crispiniano

N.º 53 — 9.º andar — conj. 93

Telefones: — 35-9189 e 35-9180

SÃO PAULO

Fábrica — Via Monteiro Lobato, 3097

Guarulhos

BRAZYLIA NA PRZESTRZENI WIEKÓW

W porównaniu z Polską, która obchodziła tysiąclecie swej państwowości, Brazylia ma historię o połowę krótszą. Jest to jednak historia bardzo interesująca, przede wszystkim dlatego, że w jej przebiegu politycznym i gospodarczym można się doszukiwać obecnych cech społeczeństwa brazylijskiego. Wszyscy pisarze zagraniczni zgadzają się w ocenie niektórych podstawowych cech Brazylijczyków: ich pogodnego usposobienia, ograniczonego materializmu i wyrozumiałości dla warstw społecznie bardziej upośledzonych.

Innym znamiennym historii Brazylii, które, zdaniem wielu pisarzy, wpłynęło na ukształtowanie określonych cech społeczeństwa, była okoliczność, że od najdawniejszych czasów rozwój tego kraju przebiegał cyklami. Istniały pewne produkty, które w danym okresie umożliwiały tak łatwe bogacenie się, że rzucano wszystko, przemierzano olbrzymie przestrzenie, byle tylko zdobyć złoto albo zająć się uprawą kawy i eksploatacją kauczuku. Ta skłonność do monokultury, żyłka spekulacyjna i niechęć do osiadłego, ustalonego sposobu życia i dorabiania się na miejscu, widoczna jest do dziś.

Spośród wszystkich państw amerykańskich Brazylia ma historię najbardziej urozmaiconą — politycznie, ponieważ żadne inne państwo na tej półkuli nie przechodziło przez tak długi okres rządów monarchistycznych — i gospodarczo, z uwagi właśnie na wspomniane cykle. Były one od początku zjawiskiem normalnym.

Jak wiadomo Pedro Alvares Cabral odkrył Brazylię 22 kwietnia r. 1500. Jest to niewątpliwie data pierwszego lądowania Portugalczyków na ziemi Krzyża Południa, data opanowania jej w imieniu króla portugalskiego. Ale Ameryka Południowa była już znana kilka lat wcześniej. Wiadomość tę utrzymywano w tajemnicy, jak zresztą przez jakiś czas także odkrycie Cabrala — ze względu na państwowych. Tym się tłumaczy, że już w r. 1494 papież ówczesny, Aleksander VI, działając jako rozjemca, przeprowadził między Hiszpanią i Portugalią podział ziem południowo-amerykańskich, które jak gdyby zostały dopiero co odkryte. W układzie tym Brazylia przypadła bez zastrzeżeń Portugalii, lecz ta ostatnia zajęła wówczas rozwojem dróg morskich z Indii, zwracała niewiele uwagi na nowonabyte ziemie.

Administracyjnie podzielono Brazylię na kapitanie. Każda z nich liczyła 50 mil wzdłuż brzegu morskiego i granice w głąb lądu miała nieograniczone. System ten nie działał sprawnie. Król nadawał bowiem kapitanie dworakom, którzy woleli trzymać się dworu, niż wędrować do dalekiej Brazylii. Niektórzy jedynie bardziej energiczni "kapitanowie" zrobili coś dla rozwoju administrowanych ziem w tym okresie. Byli to kapitanowie działający na północy w Pernambuco i na południu — w São Paulo, gdzie założono w r. 1530 São Vicente, w r. 1543 Santos i w r. 1554 São Paulo.

Gdy system niezależnych kapitanii nie zdał egzaminu podporządkowano je w r. 1549 urzędowi generalnego gubernatora. Ta forma rządu przetrwała w Brazylii z małymi zmianami, aż do uchwalenia niepodległości w r. 1822.

Kolonizacja Brazylii odbywała się bardzo powoli. Powodem słabego rozwoju kolonii nie były wojny, zdarzały się one rzadko — raz w w. XVI przez kilkanaście lat Francuzi okupowali okolice Rio de Janeiro, raz zaś Holendrzy — okręg Bahia w latach 1624 - 1654. Istotną przyczyną był brak ludności, a co za tym idzie — siły roboczej.

Portugalczyk, którzy nie mieli uprzedzeń

rasowych, próbowali rozwiązać to zagadnienie zachęcaniem osadników do łączenia się z kobietami indiańskimi. Praktyka ta była tak powszechna, że jak powiadają stare kroniki, na przybywające statki czekały już na wybrzeżu kandydatki do stanu małżeńskiego. Wdzięki ich mogły być od razu ocenione używały bowiem narodowych strojów indiańskich, jak współcześni nudyści. Wynikiem tej polityki było nie tyle wybitne zwiększenie się ludności ile okoliczność, że większość starych rodzin brazylijskich ma w sobie krew indiańską, co zresztą podobnie jak i w Ameryce Północnej, nie stwarza poczucia niższości, lecz przeciwnie stanowi powód do dumy rodowej. Przez podkreślanie pochodzenia indiańskiego Amerykanie czują widocznie podświadomie, że mają większe prawo moralne do ziemi zagrabionej tubylcom.

Powiększanie się liczby ludności w Brazylii zaczęło się dopiero z chwilą silniejszego dopływu kolonistów z Europy. Miało to miejsce począwszy od r. 1880 i pozostawało w związku ze zniesieniem niewolnictwa i rozwojem plantacji kawowych. Zmienił się też na skutek tego skład rasowy. O ile na początku XIX w. Brazylia liczyła zaledwie 4 miliony mieszkańców, w tym milion białych, milion Indian i dwa miliony Murzynów, o tyle w r. 1900 zamieszkiwało ją już 17 milionów osób, w tym ok. 60 proc. białych. I pomyśleć, że obecnie mamy w Brazylii do czynienia ze zgoła odmiennym zagadnieniem! Z nadmiarem ludności. Nie uważa się tego za coś złego. Przeciwnie prasa podaje corocznie, jak by z tryumfem, liczby ludności za każdym razem większe. Widocznie, panują tu jeszcze pojęcia z początków istnienia Brazylii.

Brazylia to kraj wielu możliwości w sensie bogactw roślinnych i mineralnych, przestrzeni i liczby ludności, czynników, które w normalnych warunkach powinny spowodować rozkwit gospodarczy i dobrobyt ogólny. Tymczasem z tym dobrobytem, jak wiadomo, nie jest wcale za dobrze. Mimo to do niedawna ogólny dochód narodowy wzrastał stale w tempie przewyższającym znacznie dochód narodowy w innych krajach. Dopiero rok 1962 przyniósł zahamowanie postępu jako następstwo braku równowagi politycznej po rezygnacji Jania Quadrosa w r. 1961 i zbyt silnej inflacji w r. 1962. Jednakże nawet w r.

1962 nastąpił wzrost dochodu narodowego. Był on jednak mniejszy, niż w latach ubiegłych. Tak np. jak oblicza Fundacja Getulio Vargasa dochód narodowy w r. 1961 wzrósł o 7,7 proc., podczas gdy w r. 1962 tylko o 3,5 proc. Na głowę mieszkańca wzrost wyniósł zaledwie 0,5 proc., co przypisać też należy zastraszającemu przyrostowi naturalnemu ludności o ponad 3 proc.

Dziś Brazylię zamieszkuje już 75 milionów ludzi. Nadmierne rozmnażanie się powoduje nędzę i ferment społeczny. Żadna nawet najlepsza gospodarka przy największych bogactwach naturalnych nie jest w stanie podnieść dobrobytu ludności rozmnażającej się w takim tempie.

Jeżeli chodzi o brazylijskie cykle gospodarcze to dla pełnego ich omówienia należałoby uwzględnić znaczenie wchodzących w ich zakres poszczególnych artykułów dla dochodu narodowego i handlu zagranicznego kraju. Zaprowadziłoby to nas jednak zbyt daleko w rozważania ściśle ekonomiczne. Naszym zdaniem wystarczy naszkicować wpływ cykli na losy Brazylii.

W pierwszym okresie po odkryciu gospodarka Brazylii opierała się na eksporcie PAU BRASIL, drewna od którego kraj nosi nazwę. Drewno to zawiera ceglasto-czerwony barwnik i było używane do farbowania tkanin. Dziś barwniki roślinne straciły znaczenie na rzecz barwników syntetycznych i o DREWNIENIE BRAZYLIIJSKIM nie słyszy się wcale, choć jak się wydaje pewne jego ilości eksportuje jeszcze Ameryka Centralna.

W tym pierwszym okresie eksport drewna barwiącego był monopolem królewskim. Ciekawe, że królowie zastrzegli sobie również monopol na "korzenie" tj. przyprawy takie jak: pieprz, wanilia, kardamon, gałka muszkatołowa, szafran i goździki, które w średniowieczu ceniono na wagę złota i które stanowiły bodziec wypraw Kolumba i Vasco de Gamy. Monopol ten był bezprzedmiotowy, ponieważ Brazylia przy całym bogactwie swej flory "korzeni" nie posiadała, choć oczywiście warunki glebowe i klimatyczne do ich uprawy miała jak najlepsze.

Po cyklu drewna barwiącego nadszedł cykl TRZCINY CUKROWEJ. Sprowadzona w połowie XIX w. z wyspy Madery do obecnego stanu Bahia i sąsiednich kapitanii znalazła tu dobre warunki. Pod koniec w. XVI i przez cały wiek XVII Brazylia była największym producentem cukru w świecie ówczesnym. Uprawa ta zaczęła jednak upadać z chwilą



Wesele góralskie.

rozbudowy plantacji trzciny na wyspach morza Karaibskiego, gdzie ma ona jeszcze lepsze warunki naturalne, niż w Brazylii.

Wprowadzenie uprawy trzciny cukrowej spowodowało brak siły roboczej w Brazylii. Zaczęto sprowadzać czarnych niewolników, którzy nadawali się do pracy lepiej, niż Indianie. Napływ tych niewolników, trwający do początków XIX w., doprowadził do znacznej domieszki krwi murzyńskiej wśród ludności Brazylii.

Z chwilą upadku uprawy trzciny cukrowej nie nastąpiła katastrofa. Brazylia miała to szczęście, że gdy zawodził jeden produkt znajdował się zaraz inny, mniej lub więcej egzotyczny, który go zastępował. Z zamknięciem cyklu trzciny nastąpiło otwarcie nowego cyklu — ZŁOTA.

Złoto odkryte zostało w Brazylii już w r. 1590 na wzgórzu Jaraguá o kilkanaście kilometrów od centrum São Paulo. Znajduje się tam obecnie park stanowy i według oficjalnych enuncjacji municypalnych są tam jeszcze ślady dawnych wyrobisk. Ale to chyba niemożliwe, gdyż ostatnie przemysłowe złoto w Jaraguá miało miejsce 150 lat temu.

Poza Jaraguá nie natrafiono w stanie São Paulo na żadne znaczniejsze ilości złota. Cykl złota w Brazylii zaczął się dopiero, gdy w r. 1695 odkryto je w Minas Gerais, w r. 1721 w Mato Grosso i w r. 1726 w Goiás. Prawie jednocześnie nastąpiło odkrycie diamentów (w r. 1728).

Gorączka złota spowodowała znaczne zmiany w obliczu Brazylii. Północny wschód zaczął upadać. Plantatorzy trzciny cukrowej opuszczali plantacje, zabierali niewolników i udawali się w głąb lądu w poszukiwaniu złota. Tereny położone bardziej na południe zyskiwały na znaczeniu. W r. 1763 przeniesiono stolicę z Salvadoru do Rio de Janeiro, a São Paulo stało się punktem wyjścia dla wypraw w nieznane okolice centralnej Brazylii po skarby i niewolnika indiańskiego.

Ale po stu latach złota zaczęły się wyczerpywać i nie mogły być nadal podstawą całej gospodarki kraju.

I wtedy zaczął się cykl KAWY. Pierwsze jej plantacje założono w r. 1809 w stanie Rio de Janeiro, skąd posuwały się stopniowo na południe dochodząc do Campinas w stanie São Paulo. W tym właśnie stanie kawa znalazła dla siebie optymalne warunki rozwoju. Wkrótce stan São Paulo stał się głównym producentem kawy, miasto São Paulo — stolicą kawy, a Santos portem kawowym. Odtąd rozpoczyna się fenomenalny rozwój miasta São Paulo, które było dotychczas ospałą miasteczką, skąd wszystkie bardziej przedsiębiorcze elementy wyruszały z bandeirantami w głąb kraju.

Od połowy XIX w. staje się kawa głównym produktem eksportu Brazylii; dziś jeszcze stanowi ona 60 proc. wartości wywozu.

Od r. 1922 kawa przestaje być błogosławieństwem Brazylii. Nadmierna ilość plantacji w samej Brazylii, jak również zakładanie ich we wszystkich krajach, posiadających odpowiednie warunki klimatyczne i glebowe, spowodowały kryzys nadprodukcji, trwający do chwili obecnej.

Nieurodzaj kawy wywołuje u czynników oficjalnych radość miast zaniepokojenia. Rząd za pośrednictwem I. B. C. tj. Brazylijskiego Instytutu Kawy decyduje o gospodarce kawowej, interweniując przez zakup całej produkcji i magazynując zapasy, z którymi nie wiadomo co robić. Zapasy kawy w Brazylii dochodzą do dwuletniego zapotrzebowania światowego na ten artykuł.

Dawniej tego rodzaju problemy załatwiane były przez automatyzm gospodarczy, jak np. z kauczukiem w r. 1910. Nadprodukcja powoduje spadek cen nieraz do małego ułamka poprzednich. Sprowadza to nieopłacalność produkcji, która zmniejsza się automatycznie aż równowaga zostanie przywrócona. Ale czasy automatyzmu gospodarczego minęły zdaje się bezpowrotnie. Zanie-

chanie interwencji kawowej mogłoby sprowadzić nieobliczalne następstwa gospodarcze i społeczne, ruinę fazenderów, bezrobocie...

Tak więc kawa odbija się źle na finansach państwa i byłoby dobrze, gdyby cykl kawowy wreszcie się skończył. Ale kolejnego cyklu nie widać.

Przy bogactwie roślinnym Brazylii były okresy kiedy pewne produkty, choć nie mogły pretendować do tworzenia cykli, odgrywały jednak dużą rolę w eksporcie brazylijskim. Jednym z nich był KAUCZUK, zbierany z dziko rosnących drzew w dorzeczu Amazonki, który w swoim najlepszym okresie stanowił po kawie najlepszy artykuł eksportowy, przynosząc dziesięć razy tyle ile jakikolwiek inny artykuł. Kariera jego skończyła się, jak wiadomo, krachem spowodowanym konkurencją kauczuku z plantacji azjatyckich.

Drugim takim produktem roślinnym o podobnych, aczkolwiek mniej dramatycznych losach, jest KAKAO. Ta roślina rdzennie brazylijska pochodzi również z dorzecza Amazonki. Pierwsze jej plantacje założono w stanie Bahia w r. 1836. W południowej części tego stanu, ciężącej w stronę portu Ilheus, kakao znalazło najlepsze warunki i tam się do dziś koncentruje. Przechodziło ono przez okresy bardzo wysokich i bardzo niskich cen i dotąd stanowi ważną podporę eksportu Brazylii, znajdując się na drugim lub na trzecim miejscu po kawie i bawełnie.

Jaki cykl oczekuje obecnie Brazylię? Niektórzy twierdzą, że Brazylia znajduje się już w cyklu przemysłowym. Rozwój przemysłowy Brazylii w szczególności zaś São Paulo, jest istotnie fantastyczny. Wpłynęły na to w dużej mierze dwie wojny światowe. Około r. 1900 w São Paulo było niewiele ponad sto fabryk, po pierwszej wojnie światowej dwa tysiące, a po drugiej wojnie — dwanaście tysięcy. Obecnie w São Paulo mieści się ponad dwadzieścia tysięcy fabryk, w których pracuje ponad milion robotników. Rozwój ten, jak dawne cykle, spowodował przesunięcie ludności z północy na południe kraju, ale w odróżnieniu do dawnych cykli nic prawie nie zrobił dla eksportu. Eksport wyrobów przemysłowych Brazylii wynosi obecnie zaledwie około 1 proc. całości wywozu. Pomimo wszystko Brazylia wciąż jeszcze jest krajem rolniczym. Produkcja przemysłowa stanowi nie wiele ponad 20 proc. ogólnego dochodu narodowego.

KULTURA

Największy na emigracji miesięcznik literacko-kulturalny.

Prenumerata roczna — 9 dol.
Zamówienia przyjmuje:

SEWERYN A. HARTMAN

Cx. Postal 6335 — São Paulo

Wszystkie nowości książkowe Kultury.

Uprzemysławia się dziś cały świat i eksportować wyroby przemysłowe staje się bardzo trudno. W listopadzie ub. r. polski Minister Handlu Zagranicznego miał przemówienie w São Paulo, w którym powiedział m. in., że Polska uprzemysłowiła się i musi eksportować, aby żyć. Nie było dyskusji po tym przemówieniu, ale po konferencji miejscowi jej uczestnicy mówili między sobą:

“Wszyscy, którzy przyjeżdżają do nas twierdzą, że muszą eksportować. Kto w końcu będzie importować?”

Ludzie odpowiedzialni za handel zagraniczny w jakimkolwiek kraju, a tym bardziej w kraju początkującym i poszukującym dopiero rynków zbytu dla towarów przemysłowych, mają obecnie twarde orzechy do zgryzienia. Nadal podstawą bogactwa narodowego każdego kraju są produkty naturalne, organiczne i nieorganiczne. Pod tym względem widoki Brazylii są jak najlepsze. Poza produktami roślinnymi omówionymi powyżej Brazylia produkuje: bawełnę, wino, rośliny oleiste. Jej bogactwa naturalne, już wykryte, są olbrzymie, a ileż ich jeszcze spoczywa w głębi ziemi... Ruda żelaza zaczyna odgrywać coraz większą rolę w eksporcie, także mangan. Śmiało można powiedzieć, że Brazylia jest krajem bardzo bogatym w porównaniu z większością krajów tego świata. Czy rozwój jej pozostaje w odpowiednim stosunku do tych bogactw to inna sprawa.

A. GAWAR



Salon mody “Ewa” w Warszawie.

TRADYCJE WIELKANOCNE

Chcąc dokonać choćby tylko pobieżnego przeglądu tradycji wielkanocnych, z których sporo się zachowało, trzeba zacząć w całym znaczeniu tego słowa "ab ovo" — od jajka. One to pierwsze ukazują się na wystawach sklepowych, sporządzone z najprzeróżniejszych tworzyw. Za nimi ciągną stada baranków z cukru, ścielą się karty świąteczne. Wszystko to stanowi w Polsce preludium słynnych porządków wielkanocnych z pastowaniem pól i praniem firanek.

W palmową niedzielę każdy niemal kupował palmę. Istniał silnie zakorzeniony przesąd, że kto polknie srebrzyście aksamitnego "kotka" z palmy wielkanocnej, tego przez cały rok gardło nie zaboli.

W Wielki Poniedziałek rozpoczynał się najzmudniejszy punkt programu: pieczenie mazurków. Piez znano ich odmian. Tyle chyba ile Chopin skomponował swoich. Dzieciom wolno było pomagać w kuchni. Przede wszystkim luskać migdały już sparzone i ostudzone. Zajęciem tym towarzyszyły teraz już zapomniane odgłosy: tłuczenie w móżdżerzu i siekanie tasakiem albo nożem o deskę. Podle wano codziennie obróconą do góry dnem doniczkę po kwiatach, na której zasiano zawczasu rzeżuchę. Posłuży ona za zielony cokoł pod baranka z cukru, tej najważniejszej ozdoby wielkanocnego stołu.

Równocześnie z doczesną krzątaniną Wielki Tydzień był także okresem "gentrynych porządków sumień". I ci, którzy praktykowali regularnie, i ci, którzy się spowiadali "raz na rok", koło Wielkiejnocy" tłoczyli się przy konfesjonalech.

W Wielki Piątek tradycja nakazywała odwiedzać groby. Ubrane nieraz bardzo bogato (szepiano sobie, że najpiękniejsze kwiaty: azalie, bzy cieplarniane, pochodziły od koryfeuszek baletu, które w ten sposób manifestowały swe uczucia religijne), czasem ze wzruszającą naiwnością, w latach zaś ostatniej okupacji nie-

mieckiej 1939 - 1944 z groźną wymową wołających kamieni. Obecność młodzieży w domu była tego dnia raczej niepożądana. Winien był panować spokój, chodzono na palcach, mówiono szeptem, unikano jak ognia przeciągów, odbywał się bowiem swego rodzaju obrządek: rosły baby... Dawano więc dzieciom spróbować ciasta wyrabianego na nieście i wyprawiano jak najprędzej, po skromnym obiedzie złożonym z kaszki na grzybowym smaku i śledzia z kartoflami w mundurach. Ale za to o zmierzchu, gdy ciasto wyjęto z pieca i wiedzano, że się udało, jakież spokój i jakież prześliczny, ciepły, waniliowy zapach panował w całym domu. Nieco później powracali ojcowie rodzin, często w "różowym humorze", czy też "pod dobrą datą" czasami nawet "w sztok"! Określenia "pod gazem", "w pestkę" to słownictwo znacznie bardziej nowoczesne. Bywało się "na rybec" u Sępowskiego, u Lija, pod Bachusem... "Na "rybec" spotykali się wyłącznie mężczyźni. "Baby" pilnowały bab w domu.

Wielka Sobota była już dniem ostatnich przygotowań. W kuchni gotują, duszą, pieką różne mięsa na święcone. Dzieci z zapalem malują jajka. A teraz końcowy etap przygotowań świątecznych: nakrycie i zastawienie wielkanocnego stołu. Śnieżno-biały obrus opadający prawie do ziemi. Zdobiły go festony z widłaka, rośliny giętkiej jak liana. Po środku baranek, dokoła baby, pakowanie czyli "dziady", sekacz dawniej zwany "baumkuchenem", mazurki i placki, posypane kolorowym mączkiem, z wypisanym na nich lukrem "Alleluja", oraz mięsa: szynka, pieczeń duszona, indyk, prosię z jajkiem w pyszczku, głowizna, cielęcina — wszystko ozdobione riuśkami z białego papieru, krąg kielbasy, a po środku kolorowe jajka. Z kolei ostre dodatki, sos tatarski i chrzanowy, ćwikła, grzybki i śliwki w ocie, sól, pieprz, serwis do octu i oliwy. Stół wielkanocny najczęściej zdobiły laki i hiacynthy, związane po wsze czasy ze świętami wielkanocnymi, podobnie jak świeżo wyprane firanki. Na boku — trunki. Zarządzał nimi gospodarz, on to własnoręcznie napelniał gościom kieliszki. Ktoś inny nalewał do filiżanek barszcz i ro-

sół, jedyne w ciągu trzech dni wraz z czarną kawą dania gorące. Pod oknem ustawiano zazwyczaj stoliczek ze świecym dla dzieci. Obchodziło się bowiem uroczystości i trzecie święto.

Pierwszy dzień świąt spędzano najczęściej w rodzinie, racząc się wielkanocnymi smakolymi. Spożywane w okazałych ilościach zimne mięsa, zakrapiane alkoholem wprowadzały w stan ocieźłego rozrzwienia i milej senności. Z czasem wdali się w to higieniści, dbałość o linię i o zdrowy rozsądek. Ograniczono obfity jadłospis, wezwano natomiast w sukurs witaminy. Drugi dzień świąt rozpoczynał od samego rana "śmigus" czyli "dyngus". Zwiastowała go seria pe-tard różnego autoramentu o raczej niewinnych składnikach. Jeżeli w mieście święcone bywało sutsze niż na wsi, miasto ustępowało wsi w nasileniu "dyngusu". Szklanka wody chlupnięta podstępnie lub co gorsza kilka kropel lichych, a mocnych perfum z ukrytej pod bukieciem sztucznych fiołków śmigusówki — oto wszystko co groziło warszawiakom. Na wsi natomiast "lany poniedziałek" dawał szerokie pole do popisu. Sportowcy więcej wychodzili na start! Oblewano się wiadrami wody przy studni, nad rzeczką lub stawem. Nawet w domach na podłodze stały olbrzymie kaluże. Następstwem tego bywały ostre nieraz zaziębienia. Oczywiście rej wodziła młodzież, niekiedy w dość głębokich neglizzach (szkoda świątecznych sukien i marynarek), co wówczas działało podniecająco. Ludzi ogarniał lekki masowy obłęd. Jak się okazuje nawet wiadro zimnej wody mogło uderzyć do głowy.

Dziś miasto zarzuciło niemal całkowicie tradycję "dyngusu". Na wsi utrzymuje się ona jeszcze, choć w złagodzonej formie.

Za mojej pamięci drugi dzień świąt wypadał kilkakrotnie 1 kwietnia. Śmigus i prima aprilis podawały sobie wówczas rękę. Wzajemnemu oblewaniu towarzyszyło wzajemne mniej lub więcej złośliwe nabieranie. "Prima aprilis — nie pytaj bo się omylisz". Krążyły karty pocztowe z naiwną karykaturą lub emblematem i okolicznościowym wierszykiem. Teściowa, złoty młodzieniec, kumoszka-gadula z ustami zamkniętymi na olbrzymią kłódkę, bocian, wór złota — to najczęściej spotykane motywy.

JADWIGA DMOCHOWSKA

ŚMIGUS - DYNGUS

Ostrożność w wielkanocny poniedziałek nigdy w Polsce nie zaszkodzi, bo inaczej — ani się obejrzyś, a już ani suchej nitki na Tobie nie zostawią. Będziesz wyglądał w świątecznym garniturze jak przysławciowa zmokła kura. I na dobitkę nie masz prawa powiedzieć wielkanocnym "oblewaczom" nawet najmarniejszego słowa. Bo — wielkie słowo — tradycja.

Już w zamierzchłych, jeszcze niepisanych dziejach ludu pierwotne na wiosnę oblewały się wodą. Symbolika jest tu nader przejrzysta: woda oczyszcza, woda wzmacnia płodność, woda powoduje — prawem lawiny — dalsze lanie się wody, czyli tak potrzebny wiosną deszcz.

Śmigus — dyngus jest dziś znany na przykład w Persji. A w Indii obserwuje się dyngus do kwadratu, czyli — oblewanie się wzajemne i mazanie nie wodą, lecz... farbami! Wojciech Zukrowski opisał kiedyś indyjski dyngus, w czasie którego młodzi zapaleni mazali farbami wszystkich; dostało się nawet premierowi Nehru. Cóż, tradycja — trwała rzecz, przynajmniej tak trwała, jak

plamy na ubraniu po tej dyngusowej maza-

niwie... W dawnej Polsce musiał być dyngus bardzo rozpowszechniony, skoro za czasów Władysława Jagiełły duchowieństwo wydało specjalny edykt, "pod tytułem": "Dyngus prohibeatur", w którym czytamy: "Zabraniajcie, by w drugie i trzecie święto Wielkiej Nocy mężczyźni kobiet i kobiety mężczyzn nie wazyli się napastować o jajka i inne podarki, co pośnolicie zowią dyngować, ani do wody ciągnąć"...

Oprócz jedzenia, picia i popuszczania pasa zajmowała się szlachta polska także i innymi czynnościami. W wielkanocny poniedziałek na przykład — dyngusem, co pięknie ksiądz Kitowicz zrelacjonował w "Opisie obyczajów za panowania Augusta III": "Była to swawola powszechna w całym kraju tak między pospółstwem, jak też między dystygowanymi. W Poniedziałek Wielkanocny mężczyźni oblewali wodą kobiety, a we wtorek i w inne następne dni kobiety mężczyzn, uzurpując sobie tego prawa do Zielonych Świątek, ale nie praktykując dłużej jak do kilku dni. O-



Z filmu "Eseje" Franciszka Fuchsa, muzyka Tadeusza Bairda. Tańczą: Alicja Bontusko, Tadeusz Złamał i Zygmunt Jasman.

POLSKIE GRZECHY GŁÓWNE

Każda niemal pozycja książkowa, czy choćby artykuł na łamach czasopism, noszące podpis Zbigniewa Załuskiego, budzą nie tylko zainteresowanie, ale i ożywioną polemikę wśród publicystów polskich. Nic w tym dziwnego. Załuski porusza tematy, w których zawsze ma coś nowego do powiedzenia. A jeżeli nawet nie tak całkiem nowego, to na fakty znane — potrafi spojrzeć po nowemu. Spojrzeniem własnym i oryginalnym. Po głośnej już "Przepustce do historii" wydanej w 1961 r. ukazała się właśnie na półkach księgarskich, kolejna pozycja książkowa Załuskiego "Siedem polskich grzechów głównych". Jakie grzechy ma na myśli ten utalentowany publicysta i historyk?

Grzech pierwszy: z kosami na harmaty pod Racławicami 4 kwietnia 1794 roku. Naprawdę wyglądało to tak: "Kościszko podskoczył poza pagórek do gromady chłopów Krakusów i zawołał: "Zabrać mi chłopcy, te armaty — Bóg i ojczyzna — naprzód wiara". Ruszyli natychmiast pędem, z krzykiem przerażającym i biegnąc nawoływali się wciąż:

— Szymku, Maćku, Bartku — a dalej! To warczyli im konno Kościszko, zagrzewając słowem i machaniem. Zdobyli naprzód trzy armaty 12-funtowe: potem uderzyli na grenadierów rosyjskich, w czym dopomógł im półbatalion swymi bagnetami. Wkrótce napelnili trupami rów wielki i długi, wzdłuż lasu ciągnący się. Zabrali jeszcze 5 armat większych i 3 mniejsze. Nie rozumiejąc wyrazu "Pardon" na śmierć bili, potem trupy obdzierali. Szło do ataku 320, padło podczas biegu tylko 13 chłopów. Pierwszy skoczył na baterię i czapką swą przykrył zapal armaty

blewali się rozmaitym sposobem. Amanci dystyngowani, chcąc tę ceremonię odprawić na amantkach swoich bez przykrości ich, oblewali je lekko różaną lub inną pachnącą wodą po ręce, a najwyżej po gorsie, małą jakąś sikawką, lub flaszeczką. Którzy zaś przekładali swawolę nad delikatność, oblewali damy wodą prostą, chlustając garnkami, dużymi sikawkami prosto w twarz lub od nóg do góry. A gdy się rozswawoliła kompania, lali jednych drudzy wszystkimi naczyniami, jakich dopaść mogli, tak że wszyscy mokrzy byli, jakby wyszli z jakiego potopu. Największa była rozkosz przydybać jaką damę w łóżku. to już ta nieboga musiała pływać w wodzie między poduszkami i pierzynami jak między bałwanami, przytrzymana albowiem przez silnych mężczyzn, nie mogła się wyrwać z tego potopu, którego unikając, miały w pamięci damy w ten dzień wstawać jak najrańiej, albo też dobrze zatarasować pokoje syplaine. Bywało nieraz, że złana wodą jak mysz osoba, a jeszcze w dzień zimny, dostała z tego powodu febrę, na co bynajmniej nie zważano, byle zadość się stało zwyczajowi. Parobcy zaś po wsiach łapali dziewczki (które się w ten dzień, jak mogły kryły), złapaną wleki do stawu albo do rzeki i tam wzięwszy za nogi i ręce wrzucali, albo też włożywszy w koryto przy studni lali wodą pęty, póki się im podobało. Po ulicach zaś w miastach i wsiach młodzież obojej płci czatowała z sikawkami i garnkami z wodą na przechodzących, i nieraz chłopak, chcąc oblać dziewczynę, oblał jaką inną osobę, czasem księdza, starca poważnego lub starą babę. Temu dyngusowi początek dwójki naznaczono. Jedni mówią, że się wziął z Jerolimym, gdzie Żydzi schodzących się i rozmawiających o zmarłych Chrystusowym wodą z okien oblewali. Drudzy mówili, że początek dyngusa od wprowadzenia wiary świętej do Polski, kiedy nie mogąc wielkiej liczby ochrzcić pojedynczo, napędzali ludzi do wody i w niej nurzali."

JANUSZ BIAŁECKI.

Wojtek Bartos, gospodarz ze wsi Rzędowic". Przytaczając powyższy opis za "Dziejami wojen i wojskowości w Polsce "Tadeusza Korzona (Ossolineum, Lwów 1923, t. III, str. 193). Załuski słusznie konkluduje, że pomyślny wynik i tylko 4 proc. straty kolumny kosynierów, dowodzą, iż założenia ataku kosynierów nie były wcale od rzeczy, a zestawienie kosy z XVIII-to wieczną armatą nie jest takie absurdalne.

Grzech wtóry: z dubeltówkami na karabiny, popełniony został, jak wieść głosi, w czasie powstania 1863 r. Rzeczywistość jednak różniła się od legendy i to znacznie. Wojska carskie uzbrojone były przeważnie w karabiny gładkolufowe — jeden strzał na minutę maksymalnie z odległości 210 m. Powstańcy zaś dysponowali głównie znakomitą bronią, zakupywaną w Anglii, Belgii i Austrii, która niosła ponad 850 m.

Grzech trzeci: z szablami na baterie. Działo się to 30 listopada 1808 r. w hiszpańskich górach Guadarrama. 13 tysięczna armia hiszpańska gen. Don Benito San Juana zagroziła Napoleonowi drogę do Madrytu. W stromym dwukilometrowym wąwozie Samosierra cztery baterie po cztery działa ustawione piętrowo zamykały drogę. Tego dnia służbę przy cesarzu pełnił trzeci szwadron szwoleżerów, czasowo pod szefem szwadronu drugiego, Janem Kozietulskim. Tyrallierzy francuscy bez powodzenia usiłowali przepełdzić hiszpańską piechotę ze skał. Frontalny szturm nie rokował nadziei na szybkie powodzenie. Napoleon podjął decyzję: rzucić natychmiast tę jazdę, która jest najbliższą, a więc własną eskortę — polskich szwoleżerów! Szwadron ruszył z kopyta jak stał. W ciągu ośmiu minut, bo tyle trwała dwu i pół-kilometrowa szarża, sforsowany został węzły punkt oporu nieprzyjaciela. W trzy dni później Napoleon wkroczył do Madrytu. Samosierra była chyba jego "najtańszym" zwycięstwem. Ze 125 szwoleżerów 3 szwadronu padło zabitych 18 i poważnie rannych 23, razem 41 — jak podaje Marian Kukiel w swoich "Dziejach oręża polskiego w epoce napoleońskiej" (Wyd. II. Foznań, str. 220). Załuski zaś oblicza, że straty te stanowiły 36 proc. stanu, a więc dla szwadronu były znaczne, ale częściowo biorąc dla armii — znikome.

Grzech czwarty mieści się już właściwie we współczesności. Chodzi tu o szarżę ułańskie we wrześniu z lancami na niemieckie czołgi. Posługując się obszerną i źródłową dokumentacją Załuski z całą odpowiedzialnością informuje czytelnika, że takich szarż nie było. Jedyne zetknięcie ułanów 18 pułku z czołgami nieprzyjacielskimi nastąpiło pod Krowantami i to całkiem nieoczekiwanie. W konsekwencji — jak podaje mjr. Malecki w relacji zamieszczonej w "Bellonie" (Londyn, zeszyt 3, 1954 r. str. 33 - 36) — nastąpił natychmiastowy odskok szwadronu w bok za pobliskim zalesionym grzbiem terenowy. Załuski zaś dodaje: na czołgi nikt nie szarżował i nie miał nawet takiego zamiaru. Wprost przeciwnie: gdy tylko ukazały się wozy pancerne, ułani zrobili jedyną rzecz możliwą i słuszną — odskoczyli w las.

Grzechem piątym jest "Reduta Ordona", której bohater sławiony przez Mickiewicza bynajmniej nie poległ jak głosił wiersz, lecz udał się na emigrację do Anglii, tam spędził wiele lat jako nauczyciel, a kiedy wybuchła "Wiosna Ludów" ruszył na Węgry do legionu Wysockiego i Dembińskiego, a potem bił się w wojnie krymskiej pod gen. Zamoyskim i wreszcie przystąpił do rewolucjonistów włoskich Garibaldi, z którego sławnym Tysiącem miał podobno wylądować na Sycylii. Ostatnie lata, jako emerytowany major armii włoskiej, spędził w Florencji, dożywszy sędziwego wieku.



Kontrola zdrowotności ziemniaków. Na zdjęciu: Barbara Czerny sprawdza w szklarni Instytutu Uprawy, Nawożenia i Gleboznawstwa w Gorzowie Wlkp. objawy chorób wirusowych na ziemniakach.

A co z jego redutą, która przecież wyleciała w powietrze — nasuwa się pytanie. Załuski odpowiada, że owszem, wyleciała, ale było to nie dziełem kapitana Ordona, lecz zapewne po prostu zabłąkanej kuli, która trafiła w beczkę prochu...

O pozostałych grzechach, już krócej. Szósty — to Westerplatte. Siódmy — to śmierć Księcia Józefa w nurtach Elstery. ("Bóg mi powierzył honor Polaków"). Nie było w tym teatralnego gestu, ani kabotyńskiego samobójstwa, patetycznych słów — pisze Załuski. Była zwykła, ciężka i trudna żołnierska rzecz — śmierć. Był niemłody, przeszło pięćdziesięcioletni, sterany wojną człowiek, śmiertelnie zmęczony, wielokrotnie ranny, półprzytomny, umierający. Był żołnierz, który do końca wypełniał, jak mógł, swój dobrowolnie przyjęty, żołnierski obowiązek. Był dowódcą, generał polski, który teraz w bledzie i klęsce, w śmiertelnym ostatnim zmaganiu nie chciał zostawić swoich żołnierzy, pozostał z nimi; więcej, bił się w straży tyłnej, osłaniając ich odwrót. I był polityk, który nie znalazł innego wyjścia...

Grzechów ósmych — pisze Załuski, popełnili Polacy w czasie ostatniej wojny wiele, bardzo wiele. O jednym jest głośno, o innych głucho. Tym właśnie ostatnim mało znanym poświęca autor sporo uwagi i miejsca, aby je również wyciągnąć z mgły zapomnienia...

Historyk, publicysta, wojskowy płk. Zbigniew Załuski postawił sobie w tej niewielkiej rozmiarach, ale tym cięższej swoją wymowę, książkę zadania ambitne. We wstępie tak o nich napisał: "Chcę trochę pobronić naszej historii, naszej historii romantycznej, trudnej, młodzieńczo "górną i chmurną", ale na pewno wcale nie durnej. Chcę jej bronić przed fałszywymi przyjacielami, którzy piejąc z zachwytem nad jej krwawą, patriotyczną ofiarnością, nad bohaterstwem "bez granic" — sami przekraczają wszelkie granice rozsądku i ciągną na piedestał narodowych cnót lekkomyślność, głupotę, kabotyńską pozę i zwykły idiotyzm. Chcę jej też bronić przed wrogami, którzy surowo potępiając owe niecodzienne czyny, ofiarnościę nazywali ofiarnictwem, bohaterstwo — bohaterszczyzną, a lekkomyślność, kabotyńską pozą i zwykły idiotyzm uznali za nasze wady narodowe, historycznie jakoby potwierdzone".

MARIAN JANUSZEWICZ

Wysiłki nad wyodrębnieniem i emancypacją południowego obszaru paulistańskiego. nad stworzeniem nowej kapitanii, a następnie prowincji parańskiej, trwały prawie pół wieku. Akcja wszczęta przez patriotów parańskich w drodze wniesienia w r. 1811 przed tron Jana VI petycji Rady Miejskiej w Paranaguá, za pośrednictwem hrabiego de Aguiar, uwieńczona została sukcesem dopiero w r. 1853, gdy projekt senatora Honorio Hermesa Carneiro Leão, markiza Parany, zyskał sankcję prawną.

Do najżarliwszych bojowników o emancypację Parany, jak: Pedro Joaquim de Castro Correia e Sá, Floriano Bento Viana, Manoel Francisco Correia Junior, João da Silva Machado, należała niezwykła postać: Francisco de Paula e Silva Gomes, kurytybianina. (Romário Martins. História do Paraná, rozdział: "Elevação da Comarca e Província").

Paula Gomes (1802 - 1857) zasługuje w pełni na miano niezwykłego człowieka. Nie był ani zawodowym politykiem, ani urzędnikiem. Urodzony liberał i demokratą był szczodry i wielkoduszny i cieszył się powszechną miłością. Uchodził za fazendiera, chociaż w istocie parł się zawodem kupca i dostawcy bydła, koni i mulów. Stopy jego przewędrowały olbrzymie przestrzenie ojczystych bezdroży od granic Urugwaju, Argentyny i Faragwaju poprzez Paragę, São Paulo i Minas Gerais do Rio de Janeiro. Uzdolniony samouk lubił grać na skrzypcach. Ukochany instrument towarzyszył mu w podróży, przymocowany pasem rzemiennym do siodła.

Noc była piękna, cicha i srebrzysta od księżycowej poświaty. Płomienny pióropusz ogniska rozświetlał rude blaski na korony drzew stojących dokoła polany czarną i zbitą masą. Puszczą huczała krzykiem ptactwa i zwierzęt. Opodal monotonnie szumiała cachoeira. Od drzew i krzewów płynął cichy usypiający szelest, kojarząc się z tęskną muzyką Gomesa, wygrywającego na skrzypcach dziwne melodie. Dokoła ogniska spali wieńcem Murzyni. Ten i ów postękiwał we śnie z przemęczenia, trącał towarzysza, przewracał się na drugi bok i znów zapadała cisza.

Gomes podniósł się na jedno kolano, odłożył skrzypce i dorzucił kilka grubych szczap do przygasającego ogniska, które zakotłowało się zaraz chmurą dymu i snopem iskier. Powiół wzrokiem po sługach, których czarne twarze i ręce pokrywał w tej chwili szron popiołu; oparł ręce na biodrach, pochylił ku ziemi brodatą głowę.

— Oto moi czarni niewolnicy — pomyślał. Głoszę sprawę emancypacji ziemi rodzinnej, szerzę prawdę o wyzysku słabszej prowincji przez silniejszą, bawię się w liberała i demokratę, a tymczasem posiadam, a może nawet wyzyskuję niewolników.

Wyciągnął się na legowisku, ciężką dłoń położył na oczach, żeby zasłonić je przed rżącymi blaskami ogniska. Mimo to jarzyły mu się pod powiekami wielkie, jaskrawe światła, i słyszał gwar własnych myśli, potężniejszy, niż szum wodospadów, które spotykał w podróży. Myśli nie pozwalały zasnąć. Usiadł raptownie, szybkim ruchem odgarnął długie krucz włosy i palającą wzrokiem ogarnął śpiących Murzynów.

— Jutro — mruknął — kończę czterdzieści lat. Niech więc jutro moi ludzie staną się wolnymi obywatelami.

Uśmiechnął się z zadowoleniem. Wstał i zbliżył się do koliska śpiących Murzynów. Chodząc od jednego do drugiego wymawiał półgłosem nazwiska i dodawał sakramentalne:

— Jesteś wolny!...

— Jutro o świcie uściskam wam ręce, gdyż pragnę zobaczyć waszą radość w blaskach słońca. U celu obecnej podróży każdy zdecydowanie chce pójść i co ma robić. Ten kto zostanie ze mną nie będzie mi służył lecz

PAULA GOMES

bratem. Wszyscy są równi wobec przyrodzonych praw świata i sumienia, a jeżeli tak nie jest, to tak będzie. Nie ma czarnych i białych, są tylko ludzie.

* * *

Pewnego razu postój wypadł na wytyńcie Campos Gerais. Troperzy rozłożyli obozowisko w kępie rachitycznych zarośli nad brzegiem leniwie płynącego strumyka. Tu też zgromadziły się zwierzęta juczne szukając wody i soczystej trawy, która opodal na stepie była sucha i ciernista.

Troperzy trwali przy Gomesie. Obdarzeni wolnością, nie opuścili go. Dobrze im było z tym dziwnym człowiekiem. Łączyła ich z patronem wspólna dola-niedola, wspólne trudy, a nawet wspólny wikt z tego samego kociołka, wiszącego nad ogniskiem na osmolonym drucie. Nie różnili się też strojem. Nosili podobne kapelusze, sombrera, o olbrzymich rondach, koszule w szerokie kolorowe pasy i kraty, czerwone chustki na szyi ściągnięte pod brodą zlocistą obrączką, gauszowskie pantalone, nabijane cekinami i wysokie buciska o zmarszczonych jak harmonia cholewach. Każdy miał szeroką guaiakę, pistolet i dwa noże — krótki i długi facão.

Ogień trząskał wesoło odpędzając chmury komarów, bąków, ciem, nietoperzy i innych bywalców nocnych. Na głębokim horyzoncie migotały niezliczone gwiazdy. Troperzy różniali wśród nich z łatwością Krzyż Południa, godło Brazylii.

Parna i gorąca noc zmuszała do zrzucenia koszul i butów. Ludzie siedzieli wokół ogniska na siodłach. Inkrustowana srebrem i złotem kuja krążyła z rąk do rąk. Gwarzone niefrasobliwie, rozmowę przerywały często wybuchy zdrowego śmiechu. Od stepu wiał ciepły, duszny wiatr. Wraz z nim docierały piski, okrzyki, klaskania, rechoty i pogwizdy. Czasami na tle rozgwieżdżonego błękitu śmignęły skrzydła. Zresztą pustka tajemnicza i przerażająca rozpościerała się dokoła.

Gomes leżał na wznak, wpatrując się w mrugające nad głową światła Krzyża Południa. Sen nie nadchodził. Twarde siodło uciskało głowę poprzez grubą i puszystą pelagę. Nigdy dotychczas nie odczuwał jego twardości, chociaż wszystkie noce troperskie spędzał w tych samych warunkach. Dawniej po całodziennym trudzie spokojnie zjadał kolację, złożoną zawsze i niezmiennie z fasoli, manioki i mięsa, i nie zwracając sobie głó-

wy żadnymi myślami, zasypiał natychmiast kamiennym snem. Tej nocy nie wiadomo dlaczego było mu za twardo. Podłożył więc pod głowę obydwie ręce i dalej spoglądał w gwiazdy.

— Ciekawa to noc — myślał — bo i towarzysze nie zasypiają, opowiadając sobie historie z troperskiej włóczęgi.

— Przyjaciele, — odezwał się po chwili — wasze opowiadania chcę uzupełnić własnym.

Usiadł. Od pobliskiej strugi dochodziło sapanie bydła i rechot żab.

— Widzicie ten nasz wspaniały Krzyż Południa?

— Widzimy, widzimy!

— Wpatrzcie się dobrze, a zobaczycie, że nic wszystkie jego gwiazdy są jednakowej wielkości. Jedna z nich jest bardzo mała i ledwo, ledwo dostrzegalna. Widzicie ją dobrze?

— Naturalnie. Małutka ale przecież da się widzieć.

— Nasza opinia o niej jest niesłuszna i polega na złudzeniu. Gwiazda to wielka tylko leżąca dalej, niż inne. Stąd słabość jej blasku docierającego do naszego oka. Światło tej gwiazdy traci po drodze swą moc, wydaje się nieznaczne i ludzie nie zwracają na nią większej uwagi. A jednak należy do całości konstelacji i jest jej ozdobą. Wyobraża ona naszą rodzinną prowincję. To gwiazda Parany. Parana jest również ozdobą kraju, chociaż mało widoczna i jak ta gwiazda oddalona.

* * *

Paula Gomes wyłożył na rzecz sprawy narodowej cały swój majątek. Gdy słuszną sprawą zatrumfowała zaproponowano mu poważne stanowisko w administracji Parany. Nie chciał go jednak przyjąć, odszedł do słonecznych przestrzeni stepowych.

Wspaniały ten człowiek zakończył życie na noclegu w puszczy w okolicy Cruz Alta w stanie Rio Grande do Sul dnia 9 kwietnia r. 1857. Noc była ciemna. Towarzysze spał w szalasy. Nie spał jedynie wychowanek Gomesa, 16-letni Indianin ze szczepu Tapuio. Nagle kiedy Gomes był całkowicie pochłonięty grą na skrzypcach Indianin podkrał się do niego z tyłu i ostrym fakiem ugodził go w plecy przebijając serce.

WOJCIECH BREOWICZ



Tegoroczna zima jest wyjątkowo ostra. Długotrwałe mrozy i obfite śniegi dały się we znaki w całym kraju. Na zdjęciu: widok z Gubałówki na szczycie Tatr.

Rzućmy na początku snop światła na Białą Dom.

Dziennikarz angielski W. Townshed zainteresował się sytuacją finansową prezydenta Kennedy.

O!o rezultat jego dociekań:

Pensja roczna prezydenta wynosi 36.000 funtów szterlingów plus 18.000 na wydatki reprezentacyjne i 14.000 na koszt podróży. Każdego miesiąca zjawia się w Białym Domu urzędnik skarbowy p. Timothy O'Sullivan, któremu prezydent wręcza czek na całą kwotę pensji oraz listę instytucji dobroczynnych, które w danym miesiącu pragnie obdarować.

Od chwili, w której został wybrany senatorem, Kennedy rozdał w ten sposób 160.000 funtów szterlingów.

Po doświadczeniu pełnoletności prezydent Kennedy otrzymał od swojego ojca w gotówce i w akcjach 3.600.000 funtów szterlingów. Wszystkie dzieci Józefa Kennedy'ego otrzymały taką samą kwotę.

W chwili wyboru na prezydenta prywatne dochody J. F. Kennedy'ego wynosiły 180.000 funtów szterlingów rocznie. Po zapłaceniu podatków pozostawało mu 37.000.

Poważne dochody przynoszą Kennedy'emu jego książki. Nie lokuje tych zarobków w banku. I tak np. cały dochód z książki: "Why England slept" ofiarował miastu Plymouth na odbudowę zniszczonych wojennych. Wydane w r. 1956 "Profiles in Courage" rozeszły się w ciągu miesiąca. Wydrukowano dwa miliony egzemplarzy tej książki. 70.000 funtów szterlingów, które przyniosła ta książka, zasiliło wiele instytucji dobroczynnych. Kennedy nigdy nie ma przy sobie gotówki. Niedawno po przylocie na nowojorskie lotnisko La Guardia pożyczył od robotnika kilkanaście centów, żeby móc zatelefonować do domu.

Kennedy nie tylko pracuje za darmo, ale dopłaca do tej pracy poważne kwoty z własnej kieszeni. Ta darmowa praca nie jest łatwa: musi on osuwać zaścianek bajory polityki amerykańskiej pozostawione mu w spadku przez poprzednich prezydentów.

* * *

Tych wszystkich Polaków, którzy "przeszli" Anglię nie potrzebuję pouczać czym są wyścigi piesków. Tym, którzy nie byli w Anglii, wyjaśnię to jednym zdaniem: sześć chartów wypuszczonych z klatek gna za wypchanym królikiem sunącym po szynie biegnącej dokoła toru wyścigowego.

Ludzie grają w totalizatora; nie często wygrywają, często przegrywają.

Przyjaciele zaciągnęli mnie pewnego razu na takie wyścigi w Glasgow.

— Jesteś znakomitym hodowcą — starali się mnie przekonać — wybieraj najlepsze pieski.

W pierwszym biegu, nie będąc pewni mego "hodowlanego" oka, wykupili w totalizatorze dwuszylingowe bilety. Mój "typ" przyszedł pierwszy. W drugim biegu podwoili stawki. Piesek przeze mnie wytypowany o mało nie złapał królika za ogon, pierwszy minął celownik.

Mój kuzyn, Józio Morawski, zapalony pieskarz, pognął na trybuny.

— Henryk typuje psy bez pudła — poinformował rodaków.

Zebrała się wokół mnie liczna grupa znających i nieznających.

Wytypowałem psa do trzeciego wyścigu. Wiercie, nie wiercie; przyszedł pierwszy.

— Stawiać co kto ma! — krzyczał podniecony Morawski. — Do ostatniego grosza! Pojedziemy do domu taksówkami.

REFLEKTOREM PO ŚWIECIE — REFLEKTOREM PO ŚWIECIE

REFLEKTOREM PO ŚWIECIE

Wytypowanie psa w czwartym biegu przyszło mi bardzo łatwo.

Silny chart o szerokich piersiach i nieproporcjonalnie długich tylnych łapach wyglądał wobec swoich towarzyszy jak król wobec poddanych. Przyszedł przedostatni. Wracaliśmy do domu piechotą.

Dawne to czasy, ale pieski dalej biegają w Anglii. W ub. miesiącu p. p. Hammond w Doncaster zaprezentowali na torze po raz pierwszy swego ulubieńca "Flash'a". Pies odbił się z miejsca od reszty współzawodników, jego zwycięstwo było pewne. Kiedy przebiegał przed swoimi opiekunami pan Hammond basem, a pani Hammond sopranem zawołali:

— Flash come on! Flash come on!

Flash usłyszawszy głosy kościodawców pomyślał:

— Niech inny pies liże królika, ja polię buzię mojej pani.

Zostawił królika, wspiął się na piersi pani Hammond i polizał. P. p. Hammond przegrali 11 funtów szterlingów. Historyjkę powyższą opisują angielskie pisma sportowe pod tytułem: "Nie krzyćcieć na wyścigach!"

Cóż by było warte nasze Pole Mokotowskie bez okrzyków:

— Madalińszczak zapychaj! Pasternak gazu!

Oj, gdzieście te caszy!

* * *

Skoro już jesteśmy w Anglii to oświećmy miasteczko Sculthorpe w hrabstwie Norfolk. Mogło ono cztery lata temu zaświecić płomieniem na całą wielką Brytanię. Dopiero teraz po czterech latach zdecydowano się wyjawiać ścisłą tajemnicę, którą okryte było całe wydarzenie.

Pod Sculthorpe znajduje się największy na wyspach brytyjskich skład bomb atomowych. Cztery lata temu pewnej grudniowej nocy amerykański sierżant pilnujący składów dostał pomieszczenia zmysłów. Z rewolwerem w ręku zbliżył się do okienka składów z zamiarem strzelania do bomb. Przechodzący przypadkowo porucznik brytyjskiej piechoty zauważył podejrzaną ruchy szaleńca i obezwładnił go.

John Gordon przewiduje w "Sunday Express", że gdyby owemu porucznikowi nie chciało się pójść do kantyny na "cup of tea" połowa Anglii leżała by dziś w gruzach.

Lovely, isn't it?

* * *

Zanim opuścimy Anglię wpadnijmy jeszcze na chwilę do Londynu. W sierpniu ub. r., zgodnie z relacją dyrektora "British Motor Corporation", małżonka księżniczki Małgozaty, były fotograf Tony Armstrong-Jones, obecny lord Snowden, zwrócił się z prośbą do wyżej wymienionego towarzystwa o wypożyczenie nowego typu samochodu Morris 1100 dla wypróbowania jego zalet.

Na zapytanie dziennikarzy, czy próba wypadła pomyślnie przedstawiciel firmy oświadczył cichutko, że nie może odpowiedzieć, albowiem lord Snowden już od przeszło pół roku "próbuje" samochód a o wyniku próby nikogo nie powiadomił.

Czy lord Snowden kupi samochód, czy nie, nikt nie wie.

Jeżeli czytający te słowa jest przypadkiem młodym, w miarę przystojnym chłopcem, nie odznaczającym się błędną kotliwą inteligencją, ale za to posiadającym

aparat fotograficzny, nogi gibkie w twórcie i znajomość mieszania cocktail'ów to radzę mu zapoznać się z księżniczką Hula-Babula z Bahululandu i zwrócić się z prośbą o pożyczanie nowego Rolls-Royce'a w celu wypróbowania jego zalet.

Dyrektora fabryki znam osobiście i pomogę przy próbowaniu.

* * *

A teraz jedziemy do Włoch.

Luciano Cevesa został ukarany przez sędziego w uroczej miejscowości górskiej Sestriere wysoką grzywną za "nieumiejętność opanowania swojego środka transportowego".

Luciano "naruszył cielesnie" miejscowego rzeźnika senhora Cottoni, którego przejechał.

Środek transportu — narty.

* * *

Chwileczka w Stanach Zjednoczonych.

W mieście Phoenix w stanie Arizona policja otoczyła motel, w którym zatrzymał się na noc poszukiwany złodziej.

— Dom jest otoczony — rozległ się donośny głos z policyjnego głośnika. — Podnieś ręce do góry, wyjdź i poddaj się dobrowolnie.

Złodziej zdecydował się wyjść i oddać w ręce przedstawicieli prawa. Nie upłynęło kilka sekund kiedy z sąsiedniego domu wyszło dwóch facetów z podniesionymi do góry rękami.

Byli to poszukiwani dwaj gangsterzy, którzy myśleli, że apel ich dotyczy.

— A to pech... — mruknął jeden z nich kiedy zakładano mu kajdanki.

I rzeczywiście.

* * *

Na zakończenie pojedziemy dalej.

Światło naszego reflektora oświetla zaśnieżoną ulicę Użhorodu, dawnej stolicy Rusi Zakarpackiej.

Przebywający na gościnnych występach w Użhorodzie aktorzy Filipow i Pawlenko wracają po północy do domu z żonami. Gwiazdy na niebie, mróz trzaskający. Rozgrzewają się śpiwem.

"Ej, ty dubinuszko moja" — śpiewa Filipow.



Góral z Rytlowa J. Sykula robi piękne i oryginalne fajki.

Taternickie Ostrogi



Krzysztof Penderecki
Wybitny kompozytor krakowski

“Podiorniem, podiorniem, da uchniem!” — wtóruje mu Pawlenko.

Zastępuje im drogę milicjant Iwan Kibza.

— Nie ryczcie! — nakazuje.

Wywiązuje się rozmówka towarzyska, w której poruszona zostaje kilkakrotnie przeszłość matek Filipowa, Pawlenki i Kibzy. Przerywa ją zjawienie się komendanta miejscowej milicji, lejtnanta Lewczenki.

Aktorzy, wpełnieni do półcieżarówki, kontynuują w jej wnętrzu z milicjantami przerwane uprzejmości.

Pod koniec dyskusji w rękach Kibzy znajduje się połowa włosów z pięknej blond kuafiry żony Filipowa, a Lewczenko wyciera zaśnięzone buty potężnym łokiem pochodzącym z bujnej czupryny Pawlenki.

Następnego wieczoru przedstawienie w teatrze zostaje zawieszono.

Zainteresowany tym miejscowy korespondent “Komsomolskiej Prawdy”, (dzięki której wiemy co się działo), udaje się na poszukiwanie zaginionych aktorów. Znajduje ich w szpitalu.

Luba Filipowa ma rozbity czerep i głowę ogoloną do połowy. Pawlenko wybite zęby, nie ma mowy o śpiewaniu “Dubnuski”. Filipowowi zeszywają pęcherz. Pawlenkowa ma urwane pół ucha.

— Dlaczego zmasakrowaliście niewinnych ludzi? — pyta sędzia milicjantów.

— My? — dziwi się lejtnant Lewczenko — To oni się sami pobili kiedyśmy wieźli ich samochodem.

“W dawnych czasach nie wolno było pisać źle o milicji — kończy swoje sprawozdanie korespondent “Komsomolskiej Prawdy” z Użhorodu — ale te czasy minęły. Ile razy ktoś dostanie niesprawiedliwie po mordzie doniosę o tym memu piemu”.

Wydaje mi się, że “Komsomolska Prawda” będzie musiała powiększyć swoją objętość.

HENRYK PRZYZBOROWSKI.

PISZĄC DO REDAKCJI ZWRÓĆ

UWAGĘ NA NOWY NUMER

SKRZYNKI POCZTOWEJ 4530

Chodzenie po górach ma w sobie coś z nalogu. Im dłużej się po nich chodzi, im lepiej się poznaje, tym bardziej się je kocha, tym bardziej człowieka wciąga. Poczucie swobody poruszania się w trudnym terenie, pokonanie dużej drogi daje zawsze wielką satysfakcję, ale im sprawniej, im szybciej uda się to dokonać tym silniejsze jest uczucie: — nie, to nie było u granic moich możliwości, stać mnie na większą zręczność, na większy wysiłek.

Taternik, jak lekkoatleta, który przeskoczył pewną wysokość, ustawia poprzeczkę wyżej. Lekkoatleta, który przeceenił swoje możliwości, straci co najwyżej poprzeczkę, taternik zapłacić może znacznie wyższą cenę, cenę swojego życia.

Tak jak z dwóch kierowców o jednakowym talencie lepszym będzie ten który jeździ dłużej, który ma większą rutynę, tak lepszym taternikiem będzie ten kto ma większe doświadczenie, kto potrafi przewidzieć jakie trudności i niebezpieczeństwa mogą go spotkać. Wspinaczka, nawet nadzwyczaj trudna, jest wielką przyjemnością. Czasami droga znacznie łatwiejsza technicznie w złych warunkach atmosferycznych podczas mgły, niespodziewanego śniegu, czy oblodzenia staje się nawet dla wybitnego wspinacza walką o życie.

Rzadko, ale i to się zdarza, popełnienie wyraźnego błędu przynosi korzyść tym, którzy go popełnili. Tak było z północną ścianą Wysokiej.

Już sama nazwa miała dla nas w sobie coś urzekającego. Każda nieudana próba przejścia Wysokiej, podejmowana w zimie przez wybitnych taterników, podwyższała wartość tej drogi. A prób było kilka. Dotąd nie przychodziło nam nawet na myśl, abymy właśnie my mieli się o to pokusić, ale... ambicje rosły.

Na początku zimy r. 1946 - 47 przyszedł do mnie Witke Ostrowski.

— Jurek, może wybralibyśmy się na Wysoką. Ty wiesz, gdyby tak nam się to udało...

Zimowe przejście północnej ściany było wówczas śmiałym przedsięwzięciem dla młodych taterników o niewielkim doświadczeniu zimowym. Gdyby się to udało postawiło by nas to przejście od razu w rzędzie “liczących się” zimowników. A gra warta była świeczki; Klub Wysokogórski podjął przerwana podczas okupacji działalność; przebakiwano o organizacji w r. 1957 wyprawy w Alpy; rosły nowe, liczne kadry utalentowanych wspinaczy; konkurencja była coraz silniejsza.

W taternictwie nie ma jak w innych sportach metra lub chronometru. Nie da się powiedzieć, że ten i ten jest lepszy, bo przebiegł sto metrów w krótszym czasie. Taternika, alpinistę ocenić można jedynie na podstawie ilości i jakości dróg skalnych i lodowych jakie przeszedł, a porównanie jest tym trudniejsze, że warunki wspinaczki różnią się między sobą. O ile jeszcze w lecie warunki te, jeżeli jest pogoda, są dość podobne, o tyle w zimie mogą się różnić diametralnie. Droga letnia w skali, powiedzmy, trudnej może być w zimie przy bardzo sprzyjających warunkach drogą bez żadnych trudności, zaś w innym okresie czasu może być w ogóle niedostępna.

Zaczęliśmy przygotowywać sprzęt. Dziś sprzęt ten byłby nie do przyjęcia, nadawał się do muzeum lub w najlepszym razie budził uczucie politowania, wówczas był po prostu niedobry.

Pomijam ubiór osobisty: stare, zniszczone buty narciarskie, któregoś z członków rodziny i byłe gimnazjalne, cienkie, rozlatujące się pumpy. Sprzęt puchowy — trudno go nawet tak nazwać, bo nie miał nic wspólnego z puchem — to watawana kołdra z UNRRA, zeszyta z jednej strony i prastary letni śpiworek. Czekan i płachta biwakowa pożyczone, raki bardzo ciężkie, żelazne z przyszwesowanymi kołkami.

Warunki, które stawiamy dziś linie asekuracyjnej, są następujące: musi być wytrzymała, lekka i dość wiotka. Nasz

Spędź Boże Narodzenie w Kraju!

“Przegląd Polski” wspólnie z Biurem Podróży Passatours S. A. urządza w tym roku wielką wycieczkę do Kraju w okresie zimowym. Naprawdę dotrzeć, z pożytkiem i przyjemnością zwiedzić Kraj tylko w zimie, kiedy otwarte są wszystkie teatry i sale koncertowe, kiedy kwitnie życie kulturalne. Turysta, spragniony śniegu i sportów zimowych, może tanim kosztem zaspokoić swoje pragnienia — tanim, ponieważ wycieczka zimowa jest o połowę tańsza, niż w lecie. Pobyt w Kraju w czasie Narodzenia Pańskiego dostarcza niezapomnianych wrażeń. Skorzystaj z tej jedynej tyć może okazji i jedź!

Wyjazd luksusowym statkiem pasażerskim “Charles Tellier” z Santos 26 listopada br., z Rio de Janeiro — 27 listopada. Przybycie do Hawru dn. 12 grudnia, skąd tego samego dnia odjazd pociągiem do Paryża. Od 12 do 18 grudnia pobyt w Paryżu (program specjalny). Dnia 18 grudnia wyjazd do Polski, przybycie do Warszawy dn. 20 grudnia. Od 20 do 27 grudnia wolny czas dla uczestników wycieczki na odwiedzenie krewnych i spędzenie w kółku rodzinnym świąt. Od 28 grudnia br. do 2 stycznia 1954 pobyt w Warszawie wraz z zabawą sylwestrową (koszt wliczony do kosztów wycieczki). Od 2 do 10 stycznia wycieczka po Polsce ze zwiedzeniem Zakopanego, Krakowa i Poznania. Odjazd do Berlina 11 stycznia, pobyt w tym mieście połączony ze zwiedzaniem do 14 stycznia. 14 stycznia odjazd do Hamburga, 15 — powrót do Brazylii luksusowym statkiem “Laennec”, po drodze zwiedzanie Antwerpii (Belgia), Hawru (Francja) Vigo (Hiszpania) i wyspy Madera. Dnia 5 lutego przybycie do Rio de Janeiro, a 6 lutego do Santos i rozwiązanie wycieczki.

Podróż w klasie turystycznej w kabinach 4 - 6 osobowych z dostępem do pomieszczeń klasy pierwszej. Posiłki według jadłospisu klasy I.

Warunki finansowe: Całkowity koszt wycieczki dol. 995. - liczony wg kursu taryfy morskiej w dniu zapisu na wycieczkę. 20 proc. należności wpłaca się w dniu zapisu, 15 proc. do dn. 15 października, 30 proc. najpóźniej na 10 dni przed odjazdem, 35 proc. w 4 ratach miesięcznych z ustawowymi odsetkami bankowymi. Należność przekazuje się do kasy Passatours Viagens e Cambio, Rio de Janeiro, pr. Pio X, 78 lub São Paulo, av. São Luiz, 100. Zapisy przyjmuje Administracja “Przeglądu Polskiego”.

„sznur”, specjalnie zamówiony w firmie powroźniczej, nie odpowiadał żadnemu z tych warunków. Przypuszczam, że producent myślał, iż mamy jakiegoś wyjątkowego agresywnego byczka, którego należy przywiązać, gdyż lina była troszkę w tym rodzaju. Bardzo ciężka, miała tę charakterystyczną cechę, że namoknięta stawała się twarda jak kij. Gdy zmarzła przeciągaliśmy ją przez jeden karabinek z największym wysiłkiem; tam gdzie lina podczas wspinaczki nie szła po linii prostej musieliśmy znacznie skracać stanowiska asekuracyjne.

Ostatniego marca po ciężkiej, wyczerpującej drodze znaleźliśmy się na naszej starej, kochanej Wadze. Nad schroniskiem unosił się dym. A to niespodzianka! jacyś ludzie!

Niespodzianka była najmielsza jaką można sobie wyobrazić. W kamiennym przysypanym śniegiem domku spotkaliśmy niemal wszystkich przyjaciół z Czechosłowacji sprzed trzech lat. Była Marta i Zorka, Józko i Alo. Chociaż mieliśmy dopiero Wielki Tydzień ucztowaliśmy jak w największe święto. Przy winie wspominało się dawniejsze czasy, snuło plany na przyszłość. Zagadani siedzieliśmy do rana w zadymionej salce. Nikt nie poszedł następnego dnia na wspinaczkę, odsypiało się poprzednią noc, pogoda była nienadzwyczajna, nie było się gdzie spieszyć. Nasi przyjaciele z tamtej strony Tatr indagowali nas wprawdzie z jakimi to planami wysoko-górkami przyszłymi na Wagę, ale żaden z nas się nie zdradził.

W jakiś pogodniejszy dzień wyszedłem ze schroniska gdzie natknąłem się na Witka.

— Możemy tak dla treningu zrobić tę ścianę? — zapytał wskazując Czeski Szczyt.

Przechodząc tego dnia ścianę wpisałiśmy się na listę pierwszych jej zdobywców, nie o tym nie wiedząc.

Wracając odezwał się:

— Słuchaj, ale ja w taką pogodę nigdzie jutro nie pójde.

— Oczywiście, — przytaknął — ale chyba się rozjaśni i będzie pogoda.

Umówiliśmy się, że on wstanie następnego dnia o trzeciej w nocy i w razie dobrej pogody obudzi mnie. Przed Słowakami nie było powodu dłużej ukrywać celu zamierzonej wspinaczki. Pokiwali głowami w milczeniu, obejrzeni z powątpiewaniem sprzęt i zapytali jakie mamy jedzenie. Z pewnym zażenowaniem pokazyaliśmy dwie puszkę konserw, trochę cukru i płatków owsianych. Za chwilę zapasy nasze zwiększyły się o sardynki, cytryny i czekoladę. Nie sposób było odmówić przyjęcia tych podarków.

* * *

Witek szarpnął mnie brutalnie za ramię i oznajmił wściekłym głosem:

— Wstawaj! Pogoda.

W ciemności zacząłem się ubierać zastanawiając się nad przyczyną złego humoru towarzysza. Chyba nie lubi tak wcześnie wstawać, pomyślałem, zresztą ja też.

Równocześnie ze mną ubierali się Alo i Józko. Widocznie też się gdzieś wybierali. Gdy byłem gotowy Alo Huba, który pichcił w międzyczasie na kuchence spirytusowej, przywołał mnie konspiracyjnie palcem. Jak się okazało wstał specjalnie tylko po to, aby nam ugotować na drogę swoje kakao.

Całkowicie gotowy wyszedłem przed schronisko. Dzień był ponury, smugi mgły przewalały się przez góry, nie było nadziei na poprawę pogody.

— To jest pogoda?

— A co miałem robić — odparł Witek — już tak było wszystko zaawansowane,



Obóz na Krzyżnym.

że po prostu nie wypadało nie iść.

— Ładny sos — pomyślałem, ale nie zdołałem już nie powiedzieć, gdyż Józko, komendant czechosłowackiej straży granicznej na tym terenie, wybiegł za nami i porwał nasze plecaki.

— Wyniosę wam tylko na przełęcz — oświadczył — czeka was i tak jeszcze długa i uciążliwa robota.

Rozległa, północna ściana Wysokiej przecięta jest w środku wielkim stromym żlebem, gubiącym się w szczytowej partii. Gdy o szóstej rano znaleźliśmy się na stromych śniegach u stóp ściany powstał od razu problem: iść jak idzie droga letnia, czy wejść wyżej, wtrawersowując się w główną depresję. Ten drugi pomysł wydawał się lepszy, zyskiwało się kilkadziesiąt metrów wysokości.

Gdy czytaliśmy dziś własne sprawozdanie z tego wejścia, które w ciężkim, głębokim śniegu rozpoczynali dwaj obdarcy zimowi nowicjusze w nieodpowiednią pogodę, wówczas zdaje sobie sprawę jak niewiele, zwłaszcza dla kogoś kto nigdy tego nie przeżył, znaczą takie słowa:

„... wejście na drugi wyższy taras nastąpiło już duże trudności skalne. Pod okapami przewieszających się ścian usiłowano dokonać trawersu w lewo do ujścia wielkiego żlebu przecinającego północną ścianę Wysokiej. Kiedy okazało się to jednak niemożliwe obniżono się około 30 metrów do pasa stromych oblodzonych płyt. Płytami tymi, nadzwyczaj trudno i ryzykownie, przy nader problematycznej asekuracji (dwa niepewnie wbite haki) przetrawersowano około 40 metrów do niewielkiego zachodu, leżącego u stóp trzydziestometrowego lodospadu, wyprowadzającego do wyżej wspomnianego wielkiego żlebu. Pokonanie 30 metrów pionowego lodospadu zajęło ok. trzy godziny czasu. Żleb osiągnięto o godz. 16. Podczas dnia panowała mglista pogoda, po południu sywał śnieg wskutek czego przez lodospad przechodziły ustawicznie lawinki pyłowe...”

Witek usiłuje przejść przewieszzone zacięcie i stoi kolcami raków na moim ramieniu. Nie, nie z tego. Potem cofamy się do pasa oblodzonych płyt. Bardzo stroma skała pokryta jest co najwyżej jednocentymetrową warstwą lodu. Nie da się w watła taflę wbić haka dla asekuracji, a po odbiciu młotkiem lodu stoi się na kruchej warstwie na „słowo honoru”. Mizerne haczyki ledwo są wsadzone w kępę trawy. Witek jest 30 metrów ode mnie i woła:

— Uważaj, bo zaraz polecę!

Co mu i sobie pomogę? Przy lada szarpnięciu haki wylecą i w chwilę potem znajdziemy się pod ścianą.

... Później lodospad. Nie mamy odpowiednich haków i zmieniając się co chwilę, bo mdleją ręce, wybijamy w pionowym lodzie otwory, które służą jako stopnie i uchwyty. Co parę sekund przewala się przez głowę lawinka pyłowa, wiatrówka jest przemoczona, woda płynie po plecach, śnieg dostaje się do płuc i dusi. W starych spodniach wyleciały na kolanach olbrzymie dziury. Odmrożeń nie pewne.

Wychodzę już ponad lodospad, lecz jestem jeszcze w trudnym terenie, gdy Witek woła, że skończyła się lina, wyszedłem w górę na całą jej 40-metrową długość. Wybijam butami małą platformę dla zmieszczenia na niej stóp i robię „asekurację z ręki”, czyli po prostu linę biegnącą od towarzysza przekładam sobie przez ramię. Bardzo iluzoryczne zabezpieczenie. Moje ostatnie ślady biegą łukiem i partner, chcąc skrócić sobie drogę, wchodzi na pionowe płyty. W chwilę potem — szarpnięcie, cienki lód nie wytrzymał i stokilogramowy ciężar wisi na moim ramieniu. Mimo nadludzkich wysiłków nie jestem w stanie o własnych siłach wyciągnąć kolegi.

On z kolei przez długi czas nie może się zaczepić nawet jednym kolcem o pionową gładzinę. Jedna i jeszcze jedna próba: jego, aby zdołał stanąć choć na chwilę i moja by go nieco podciągnąć. Zdaje sobie sprawę — ramię drętwieje coraz bardziej, — że zdołam utrzymać towarzysza jeszcze pół minuty, jeszcze minutę, potem...

O godz. 18 wysoko w żlebie założyliśmy biwak. Mimo, a raczej właśnie dlatego, że byliśmy bardzo zmęczeni, wykopaliliśmy w śniegu dużą jamę tuż przy skalnej ścianie. Byłem już w spiworze, Witek pił jeszcze herbatę.

— Możemy się tak przywiązać do haków — zaproponowałem — a zresztą...

Chwilę medytowałem, potem kiwnął głową.

— Masz rację, haki są, trzeba się przywiązać.

Noc była zła, bolesne kurcze chwytaly mnie w nogę, lodowata wilgoć ciągnęła od podłoża. Budziłem się raz po raz szcękając z zimna zębami tak, że nie byłem w stanie wymówić ani słowa. Nad ranem prawie nie było widać wyjścia, byliśmy zasypani do pasa schodzącymi całą noc lawinami.

Po wybiciu zasypanego otworu boleśnie klujące w oczy światło słoneczne wlało się do wnętrza. Była pogoda.

(Dok. w następnym numerze)
JERZY PIOTROWSKI

Widziałem tylko jedną Polskę

Samolot zaczął wzbijać się w górę. Spojrzałem w okienko. Byliśmy już nad chmurami. Pod nami jak by ogromne pola lodowe i wysokie, spiętrzone, oblepione sino-białymi mgłami góry. Od podziwiania cudów natury oderwał mnie głos komendanta samolotu:

— Here is the captain speaking. In three hours we should land in Warsaw.

Słowo: "Warsaw", choć źle wymówione przez Anglika, zaległo mi w uszach, wbiło mi się jak by nożem w serce.

Jakoś nie chce mi się pomieścić w głowie, że za trzy godziny człowiek znajdzie się w kraju, o którym dotychczas mógł tylko marzyć i śnić. Myśli kotłują się w głowie, uczucia walczą z myślami, by wnet wziąć nad nimi górę.

Dawali coś do jedzenia. Ktoś mnie ustawnie o coś pytał. Odpowiadałem z grzeczności, ale już nie zdawałem sobie z tego sprawy, czy mówiłem i odpowiadałem do rzeczy. Myślami bowiem i sercem byłem już nad Wisłą.

Z nawału myśli wyrwał mnie ponownie głos kapitana:

— We are now crossing the Polish border and turning right toward Warsaw.

Nowa nawała myśli: kraj, naród, rodzina... Czy poznam ich i czy oni mnie poznają, czy znajdziemy wspólny język po tak długiej rozłące?

Samolot zaczyna się obniżać. Już widać łunę nad pogrążoną w śnie stolicą. Spoglądam światła lotniska na Okęciu. Jeszcze chwila i ogromny ptak musnął ziemię, naszą polską ziemię...

Przystawiają schodki, wychodzim. Człowiek bezzadny nie wie co począć — czy całować tę ukochaną ziemię, czy się zegnać... Ale pchają z tyłu, oficjale pokazują podróżnym gdzie mają iść. I idę gdzie mnie pchają półprzytomny, wciąż jeszcze przeladowany chaotycznymi myślami, wypełniony uczuciami po brzegi duszy.

Właściwie nie zdaję sobie nawet sprawy o czym myślę. Wiem tylko, że sprawdzają mi paszport, potem bagaż. Kazali nawet płacić cło i to za rzeczy, które wiozłem do rodziny jako prezenty. Nie oponowałem, byłbym nawet dał więcej, niż ochnieli, może nawet wszystko co posiadałem.

W czasie długiej tułaczki człowiek tak się żył i przyzwyczaił do mickiewiczowskiego powiedzenia: "... chodźmy, nikt nie woła", że nie spodziewałem się zastać nikogo na lotnisku, boć rodzina moja mieszka na dalekim Śląsku. A jednak czekali na mnie ludzie, których nigdy w życiu nie widziałem, którzy dowiedzieli się przypadkowo od moich znajomych, że przyjeżdżam. Czekali z kwiatami, z różami biało-czerwonymi. Już się nie dziwię. Witamy się i całujemy jakbyśmy się znali od dawna, od dzieciństwa. Przecież to w kraju, wśród swoich, gdzie nawet obcy są swoi.

Warszawa.

Grand Hotel. Ósme piętro. Balkon. Godzina druga w nocy, potem czwarta, piąta. Stoję na balkonie jak wbity w ziemię, jak by do niej przykuły... łańcuchami wspomnień. Patrzę na śpiącą stolicę. Nie widzę dokładnie miasta, bo ciemna noc i tylko latarnie, nocne pokutnice, przykucnięte na bruku ulicznym tu i tam mrugają ku niebu, zwisającemu nad miastem. Jest cisza.

Myśli moje jak stado zgłodniałych ptaków rozlatują się po mieście, obsiadają parki, place, mosty, pomniki. Nie widzę miasta, ale je czuję, oddycham nim, żyję.

Już i światło dzienne obielilo miasto, zaczął się wczesny poranny ruch. Na skrzyżowaniu zaskrzypiał trolejbus, a ja jeszcze na

balkonie. Noc przeszła, nie wiem nawet kiedy, jak by jej nie było.

O dziewiątej byłem już na mieście. Chodziłem nawpół przytomny. Nie mogłem się napatrzyć, nie mogłem się nasłuchać, nie mogłem się naczuć Warszawy. Jak ślepiec, który po wielu latach nie widzenia odzyskał wzrok; jak głuchoniemy, który odzyskał słuch; jak dziecko zabłąkane, które odnalazło matkę. Zgłodniały syciłem się już samą nazwą ulic, placów i parków, mostów i pomników: Aleje Jerozolimskie, Ujazdowskie, ulica Wilcza, Miodowa, Krucza, Chłodna i Miła, plac Trzech Krzyży; park Łazienkowski, gdzie po sadzawce pływają łabędzie wcale nie posłedniejsze od królewskich w parku pałacu Buckingham. Może te jeszcze dumniejsze, bo nadwiślańskie.

Szło przede mną to miasto i nowe i stare, i to zburzone i to odbudowane, przed i za Wisłą. Szły Warszawa i Praga, a między nimi Wisła jak by chciała rozdzielić rywali, rozdzielić, a potem połączyć, pogodzić. Nie było to już miasto uludy, idące na falach obłoku do jednego z poetów, było to miasto rzeczywiste, żywe. I chociaż widziałem w czasie długiej wędrówki tyle obcych, pięknych miast to jednak Warszawa wydaje mi się najpiękniejsza, najmiłsza. Choć może uboższa materialnie, ale wartościowsza pod względem bohaterskiego ducha. Odurzony jestem jej widokiem.

Zza rogu ulicy dolatuje mnie głos nadawanej przez radio piosenki:

"Chociaż tyle w świecie miast,
tyle jak na niebie gwiazd
— najmiłsza sercu jest Warszawa".

Siadam w kawiarence pod gołym niebem na rogu prawie Alej Ujazdowskich. I oto na przywitanie słyszę słowa piosenki, której melodia tak bardzo przypomina głos Ordonki:

"Gdy wrócisz, może po wielu latach,
zastaniesz pokój w kwiatach,
jak gdyby nigdy nic.
Gdy wrócisz, o nic się nie zapytam,
a tylko cię przywitam,
jak gdyby nigdy nic."

Płyną melodie starej Warszawy, a głos ich miesza się z wonią spóźnionego zapachu bzu i akacji.

I znów zachciało się żyć i już nie śnić, ale oglądać na jawie to, co się tak daleko i na tak długo pozostawiło...

* * *

Wrocław.

Dokoła pełno ruin i gruzów. Domy poszatowane przez kule. Dworzec główny odbudowany. Wielka hala. Czysto. Ogromny ruch. Dzieci jadą na wczasy.

Miasto olbrzymie, czerwone. Ciężkie budynki przypominające stare krzyżackie zamki — tak podobne do tych z Elbląga, Malborka. Na gmachach — zamkach powiewają dumnie białe-czerwone sztandary, biała germańska zmiażdżona, gad krzyżacki zdeptyany, oby na wieki! W sercu duma, w oczach omal że łyzy radości.

W katedrze wrocławskiej nabożeństwo. Nawy starej piastowskiej świątyni wypełnione po brzegi. Organy huczą. Tłum śpiewa:

"Błogosław święta Pani,

błogosław wszelki stan.
My chcemy Boga, my poddani,
On naszym Królem, On nasz Pan".

Powtarzają ostatnie słowa z naciskiem, jak by chcieli powiedzieć:

— Przechodniu, powiedz światu, że Naród Polski chce Boga i nigdy Go nie opuści.

Z witraży okiennych starej świątyni spływa na rozmodlony lud zaduma, spływa po obliczach świętych pańskich, po sarkofagach książąt śląskich, którzy tu niegdyś władali.

* * *

Beskidy śląskie.

Stoję wśród braci i siostr. Doszukuję się ich rysów w twarzach potomstwa, wyglądającego jak bracia i siostry, gdy dwadzieścia jeden lat temu opuszczałem kraj. Poznaje już teraz nie tylko bliższą, ale i dalszą rodzinę, sąsiadów, przyjaciół i znajomych. Wojna ich nie zmieniła. Serca zostały te same, choć włos przypruszyła siwizna.

Stoję w oknie chaty góralskiej, w której urodziłem się i wychowałem. Patrzę na świat i wydaje mi się, że stoję przed wielkim, zaczarowanym i zamglonym lustrem. Lustro to wycieram rękawem wspomnień. Widzę całą moją młodość. Tu oto latałem boso w zgrzebnej, płóciennej koszulce. Stąd patrzyłem na pobliskie gronie, stąd widziałem co dzień góry Baranią, Ochodzitą i Girowę. Na przełęczy Jabłonkowskiej jak dziś tak i wówczas ukiadało się do snu zachodzące słońce. Zrzucało purpurowy płaszcz i nakrywało nim litościwie do snu okoliczne gronie i doliny, lasy i pola, żeby im było cieplej, bo w górach, wiadomo, nawet latem noce bywają chłodne.

Jak dawne się to wszystko wydaje i jak zarazem niedawne.

Z pobliskiego lasu dochodzi mnie zapach żywicy. Słyszę szemranie potoków górskich, słyszę poszum jaworów i jesionów, w cieniu których rosną stokrotki i małe konwalie leśne odurzające swą dziką, a ostrą wonią. Naprzeciw mnie pełza zimnowodna rzeczulka Czapeczka, która wlewa swe wody do czeskiej Skaliczanki. Na prawo widzę wstęgę płytkiej Olzy już poza naszymi koncami granicznymi. A tam na lewo, choć jej nie widzę, bo Złoty Grón ją zasłania, Wisła, która tam właśnie się rodzi.

To moje gronie, moje lasy, moje doliny, rzeczki i potoki. Moje i to słońce, co się po górach kula i na zachodzie do snu ukiada. Moje to wszystko, choć na miesiąc tylko, bo za miesiąc muszę wyjechać.

To moja młodość, co to chłodna i głodna, a tak szczęśliwa. Tak mało przecież wtedy o szczęściu wiedziałem i tak mało do szczęścia potrzebowałem. Wystarczyło, że mi szumiały wartkie potoki, szemrały smerek i durył zapach żywicy.

Ubogi kościółek iesteńbianski ma witraże zrobione nie z kawałków kolorowego szkła tylko przez samą naturę. Bo w małych okienkach przeglądają się pobliskie umajone lasami i poprzecinane wstęgami potoków góry. A na ścianach pełno malowideł miejscowego artysty malarza Wałacha, który wszystkie aniołki poubierał w białe kabałki góralskie, a i Matkę Boską ubrał w fartuch góralki. Koło ołtarza głównego widnieje biały orzeł. I o cud! Ma jeszcze na głowie złotą królewską koronę.

Koło kościółka niewielki cmentarz. Tuż w rogu krzyż i mogiła. Na krzyżu napis:

"Tu spoczywa nasza dobra matka Maria ze Słowioczków Łyskowa".

Grób jednej z wielu matek, które nie doczekały się powrotu synów. W pobliżu grobu matki grób ojca. Leżą tu sobie oboje w ciszy i spokoju. Tylko ta biała brzoza śpiewa im na wietrze, jak by kołysała do wiecznego spoczynku. Leżą wśród swoich, z dala od skłóconego, niedobrego świata, gdzie przemoc i siła panują.

Muszę was zostawić, a powrócić do dalekiej...
Dok. na str. 19

W Północnej Paranie 42 lata temu

4.

Nazajutrz, 21 sierpnia, pożegnaliśmy serdecznie Gonzalesa i jego towarzyszy. Tereny przez które jechaliśmy były równinne i jedynie brzegi potoków opadały stromo do wody, gdyż potoki płyną tu w głębokich parowach.

W jednym z tych parowów Mryczka zamiast posuwać się ścieżką pojechał bokiem i wpakował konia w błoto. Komicznie to wyglądało jak wystraszony po zeskoczeniu z konia, który się topił w bagnie, wiał pospiesznie na górę po strumieniu brzegu tylko się ziemia za nim sypała. Wcale nie myślał o ratowaniu konia.

Po wygramoleniu się odwrócił się i spoglądając z przerażeniem na wierzchowca, pogrążającego się coraz bardziej w bagnie, zawołał:

— Oj, co to teraz będzie?

— To — odparłem, — że nie trzeba uciekać tylko przede wszystkim ratować konia.

Wiedząc, że będę miał z niego małą pociechę kazałem mu tylko wyciąć kilka paproci drzewiastych *zarim*, których na szczęście rosło dość w pobliżu, a sam rozbrałem się do naga i poszedłem do konia, żeby go uspokoić i zdjąć siodło całe utylane w błocie. Kiedy koń przestał się rzucać odgrzebałem mu błoto spod nóg i wstawiłem pod nie kłocę paproci. Wstał bez trudu. Wyprowadziłem go na ścieżkę i zabrałem się do mycia, gdyż był wywalany w błocie od pyłki do ogona. Mryczka kazałem myć siodło. Następnie, wykapałem się w potoku, byłem bowiem czarny jak Murzyn.

Zabawiliśmy w tym miejscu dopóki nie przeszły nieco *pelegi* i siodło.

Po tej przygodzie jechaliśmy jakieś 12 kilometrów zanim dotarliśmy do pierwszego obozu robotników Towarzystwa Alica, zatrudnionych przy urządzaniu plantacji herwy. Trafiliśmy akurat na sjęstę. Zarówno Paragwajczycy, jak i Argentyni nie pracowali od godz. 11 do 2 po poł. Mają nawet takie powiedzonko, że w miastach ich w godzinach sjęsty można spotkać na ulicy tylko psa, albo cudzoziemca.

Europejski lub amerykański robotnik nie uwierzyłby nigdy w to co zobaczyliśmy. Większość pracowników, a było ich ponad stu, wyłgiwała się w hamakach zawieszonych pod cienistymi drzewami. Inni kąpali się w rzece lub szli do kąpieli niosąc wzorzyste ręczniki paragwajskie i pachnące mydła. Inni wreszcie rozprawiali zżywieniem. Słowem wyglądało to nie jak obóz robotniczy tylko jak bez troskie letnisko.

Kiedy po przebyciu rzeki znaleźliśmy się w obozie otoczyła nas od razu spora grupka osób. Kiedy dowiedzieli się, że jesteśmy przedstawicielami rządu brazylijskiego (p. Mendes radził mi się tak przedstawiać) zapytali, czy to prawda, że rząd i naród brazylijski nienawidzą Paragwajczyków i chętnie by ich wszystkich wymordowali, jak Solana Lopes. Kłamliwa ta propaganda szerzona była przez wszystkie towarzystwa herwowe w celu nasstraszenia Paragwajczyków, żeby nie uciekali z pracy.

Nie powiem jednak, żeby traktowanie robotników w przedsiębiorstwach herwowych było złe. Nie widziałem tego przynajmniej w Towarzystwie Alica. Żaden z robotników, z którymi rozmawiałem nie uskarżał się na złe traktowanie; żalili się jedynie, że nigdy nie mogą wyleźć z długów, a dopóki mają długi nie wolno im odwiedzić rodzin w Paragwaju.

Jeden z robotników, Rafael Sanches, opowiedział mi w jaki sposób dostał się do pracy w Towarzystwie Alica. Rafael, sympatyczny i inteligentny z natury, nie umiał jednak ani czytać, ani pisać. Lat miał 24. W o-

bozie Rio Verde był pomocnikiem magazyniera.

— Pewnego dnia — mówił — zjawił się w naszej osadzie statek z pięknymi dziewczętami. Była tam dobrze zaopatrzona kantyna, urządzono bal, wszyscy młodzi mężczyźni byli mile widziani. Dziewczeta miały polecenie, żeby wybierać zdrowych i silnych mężczyzn, a ktoś może się na tym lepiej znać, niż prostytutka. Lekarz pomylił się, ale prostytutka nigdy.

Dziewczyna, która się do mnie przyczepiła, była czarująca. Po każdym tańcu prosiła, żeby się czegoś napić w bufecie. W kantynie były też różne kosmetyki i perfumy, biżuteria i sztuki jedwabiu na prezenty. Dziewczyna zaczęła się przymilać, żeby jej kupić perfumy, a ja już nie miałem pieniędzy, bo wydałem wszystko na napoje.

— Nie martw się o to — powiedziała. — Kierownik da ci wiele zechcesz. Musisz tylko podpisać kontrakt, że pojedziesz na robotę na plantację herwy w Alto Paraná. Robota tam dobra, płacą doskonale i życie wesołe. My tam także jedziemy, będziesz mnie tam miał.

Przedstawiła mnie zaraz kierownikowi jako kandydata na robotnika. Kierownik, wesoly i dobronudszny, wyglądał jak mahometanin otoczony pięknymi hurysami. Zarządzał kantyną i z miłym uśmiechem udzielał pożyczek wszystkim, którzy ich potrzebowali, ale dopiero po podpisaniu umowy. Kontrakty miał już gotowe. Było w nich napisane, że pan taki, a taki zobowiązuje się odrobić zaciągniętą pożyczkę na plantacjach herwy Towarzystwa Alica w Alto Paraná. Znajdowała się tam też wzmianka kiedy zaciągnięty do pracy robotnik ma się stawić na statek, odjeżdżający na miejsce roboty.

Prawodawstwo paragwajskie dopomaga towarzystwom herwowym, ścigając osoby, które nie stawiają się w terminie na statku. Dość zawiadomić policję, aby w 24 godziny schwytała winowajcę. W Brazylii trzeba to robić sądownie, a sądownictwo brazylijskie to armata ciężkiego kalibru. Każdy strzał kosztuje dziesiątki tysięcy, i trzeba być Matuzalem, żeby się doczekać wyroku. Zdarzały się wypadki, że wyrok zapadał po 50 latach. Dlatego też w Brazylii nikt nie ryzykuje pieniędzy na podobne kontrakty.

Ale wróćmy do naszego Rafaela Sanches. Otóż zgodził się na umowę, a że pisać nie umiał podpisał za niego dziewczyna, która go zwerbowała. Dostał zaraz 100 pezów jako zaliczkę. Nigdy w życiu nie miał tyle pieniędzy. Kupił zaraz swemu aniołowi stróżowi butelkę perfum.

Nadszedł dzień odjazdu i 68 młodzieńców wybranych przez prostytutki opuściło rodzinne strony. Żadna komisja wojskowa nie wybrała by lepiej. W wojsku trafił się jeszcze czasem jakiś cherlak, tu wszyscy byli w pełni sił i męskiego wigoru.

Podróż statkiem do portu Alica w Alto Paraná była wspaniała, i gdyby ci Paragwaj-

czyzy byli muzułmanami i znali Koran uwierzyliby, że dostali się do raju Mahometa. Przez cały czas otoczeni byli pięknymi dziewczętami, które patrzyły im w oczy i zgadywały myśli.

Z portu Alica przewiezieni zostali do Santa Cruz, gdzie znajdowała się centrala Towarzystwa i przydzieleni do poszczególnych obozów. prostytutki miały się nimi nadal opiekować i starać się, żeby Paragwajczyk nigdy nie wylazł z długów, co wcale nie jest trudne dla powabnej Paragwajki lub Correntiny. Potrafią one zawsze wstawić swego adoratora i odurzyć go francuskimi perfumami, a potem wpakować znowu na pół roku do roboty.

Rafael Sanches przyniósł mi swoją książeczkę obrachunkową i prosił, żebym sprawdził, czy nie ma jakiegoś oszustwa. Pracował już dwa lata i nie mógł wyleźć z długów. Chciałby jechać do domu, odwiedzić rodzinę, ale cóż, dopóki nie spłaci długu nie puszczą go. Jedyny sposób wydostania się z matni to ucieczka. Tylko, że to rzecz ryzykowna, można przy tym stracić życie. Zdarzały się już takie wypadki.

Sprawdziłem książeczkę obrachunkową, ale nie mogłem dopatrzeć się nieścisłości. Wątpliwości budziły jedynie pożyczki sobotnie, kiedy urządzano bale. Bale pochłaniały cały zarobek i pozostawiały długi. Zwróciłem mu na to uwagę. Przyznał mi rację.

— Starałem się nie chodzić na bale — mówił — ale co ja mogę poradzić, kiedy mój anioł stróż nie widząc mnie na potańcówce przychodzi ze smutną miną i powiada: "No me preguntes mi bien amado, porque estoy triste? No tienes visto el cielo quando se viste de negros tintes quando no hay sol? De igual manera mi alma se enlucha quando tu no estas, mi dulce amor. Yo so dichosa solo a tu lado, siempre estoy triste quando tu no estas". Zabiera mnie na bal i znowu grzęznę w długi.

* * *

Po opuszczeniu obozu Towarzystwa Alica wstąpiłem do Pensamento, gdzie znajdowały się dwa olbrzymie młyny herwowe. Nazajutrz, 22 sierpnia, wyjechałem z Pensamento drogą kołową pierwszej klasy. Było to dla mnie duże zaskoczenie, a zresztą nie tylko dla mnie. Przypuszczało się ogólnie w owych czasach, że w północnej Paranie ziemia pokryta jest nieprzebytą puszcza, przeciętą jedynie ścieżkami dzikich zwierząt i Indian, a tu istniały wspaniałe drogi i mosty stanowiące jaskrawy kontrast z drogami południowo-paragwajskimi, pełnymi dziur i wybojów.

Wieczorem tegoż dnia dotarłem do obozu Rio Verde.

Nie będę tu opisywał szczegółowo swojej dalszej podróży, gdyż byłoby to zbyt nużące dla czytelnika. Ograniczę się do stwierdzenia, że 23 sierpnia przybyłem do Porto Piquiri, gdzie zostałem bardzo życzliwie przyjęty przez administratora p. Benjamina Rodriguesa. Nie pozwolił się nam zająć końmi, powierzając to służbie, i zaprosił do siebie.

(Dok. w następnym numerze)

KAZIMIERZ KARMAN

Esporte Universal Ltda.

ARTIGOS PARA TODOS OS ESPORTES

E UNIFORMES PARA COLÉGIOS

Rua Libero Badaró, 356 — TEL.: 37-5660

Caixa Postal, 4413

SÃO PAULO

CZY OJCIEC DANIEL JEST ŻYDEM?

Niedawno zakończył się w Izraelu bardzo znamienity proces.

Proces ten wytoczony przez ojca Daniela, mnicha zakonu Karmelitów, dotyczył niecodziennej kwestii. Ojciec Daniel, który przed wstąpieniem do klasztoru nazywał się Oswaldem Rufeisenem, urodził się w Polsce z rodziców żydowskich. W czasie okupacji hitlerowskiej uratował setki swych współwyznawców czynami o legendarnej wprost śmiałości. Ukrywając się, następnie, przed hitlerowcami w katolickim klasztorze przeszedł na wiarę katolicką, aby w r. 1945 po zakończeniu wojny wstąpić do zakonu Karmelitów. Trzeba wiedzieć, że ojciec Daniel należał przed wojną do młodzieżowego ruchu syjonistycznego i zawsze marzył o wyjeździe do Izraela, kraju swych przodków. Mimo wyznawania religii katolickiej czuł się Żydem. Miał zresztą w Izraelu brata i dalszą rodzinę.

Przez wiele lat ojciec Daniel zabiegał o przydział do jednego z klasztorów zakonu Karmelitów w Palestynie. Udało mu się to wreszcie i w r. 1958 uzyskał zezwolenie na wyjazd z Polski. Podobnie jak wszyscy Żydzi emigrujący z Polski do Izraela otrzymał dokument podróży dopiero po zrezygnowaniu z obywatelstwa polskiego.

Gdy ojciec Daniel przybył do Izraela wystąpił natychmiast o wydanie mu certyfikatu imigranta i oświadczył, że jest Żydem, zapisując się w rejestrze mieszkańców. Nie został jednak zarejestrowany jako Żyd, a jego podanie o wydanie certyfikatu imigranta zostało odrzucone przez Ministra Spraw Wewnętrznych, Bar-Yekudę. Minister napisał do niego, że według jego osobistego mniemania ma on pełny tytuł by być uznanym za Żyda, że jednak nie może wydać certyfikatu z uwagi na decyzję rządu, iż tylko ta osoba może być zarejestrowana jako Żyd, która nie wyznaje innej religii, niż możeszowa.

Od tej decyzji ojciec Daniel wniósł skargę do Sądu Najwyższego Izraela. Sąd Najwyższy odrzucił skargę ojca Daniela. Ciekawe są motywy tej odmowy.

"Z tą najbardziej niezwykłą ze spraw — powiedział sędzia Silberg, uzasadniając orzeczenie, — wiąże się trudność psychologiczna granicząca z paradoksem: my, jako Żydzi, winni jesteśmy odstępcy zgłaszającemu powództwo cały nasz szacunek i wdzięczność. W osobie ojca Daniela stoi przed kratkami sądowymi człowiek, który w mrocznych dniach katastrofy żydostwa europejskiego niezliczone razy stawiał swe życie na kartę, byle tylko w śmiałych akcjach wyrwać swych żydowskich braci ze szponów nazistowskich bestii. Czyż można odmówić — to jest pierwszy odruch — trwałemu, płynącemu z serca życzeniu takiego jak on człowieka, pragnącego być przyjętym na nowo do wspólnoty narodowej, którą kochał, o której snił, przyjętym jako Żyd, a nie imigrujący cudzoziemiec?"

"Nasza wdzięczność i nasz szacunek nie powinny nas jednak zaprowadzić aż tak daleko — stwierdza sędzia Silberg i dodaje:

"Kto się pozwala ochrzcić nie może więcej nazywać się Żydem".

"Dla uniknięcia nieporozumień należałoby podkreślić, że nie istnieją jakieś ważne między nami, a Kościołem katolickim. Ojcu Danielowi zależy szczególnie mocno na usunięciu jakichś waśni między wyznawcami jego dawnej i obecnej religii. Jednakże nie chodzi o nies-

kazitelność jego ludzkiej postawy. Idzie o to, czy ma prawo określać siebie mianem "Żyd" i tego prawa właśnie mu nie przyznajemy".

Jak już wspomnieliśmy orzeczenie Sądu Najwyższego Izraela nie zapadło jednomyślnie.

W zdaniu odrębnym sędziego Cohena czytamy:

"Powód żąda przyjęcia do naszej wspólnoty narodowej wyjaśniając, że jest Żydem, a Minister Spraw Wewnętrznych oddał jego wniosek, ponieważ wnioskodawca nosi habit katolickiego mnicha, a na nim krzyż. Były czas, gdy Żydzi dla pozorów przyjmowali chrześcijaństwo, choć wewnętrznie trwali przy wierze ojców, byle włączyć się do wspólnoty otaczającego ich świata. Tu ma miejsce coś całkowicie odmiennego; tak

CZY NOWA EPOKA LODOWA?

Amerykańscy i angielscy geolodzy stwierdzili ostatnio, że masa lodowa na biegunie północnym stale się zmniejsza, ulega natomiast zwiększeniu na Antarktydzie. Jeżeli powiększanie się masy lodowej na biegunie południowym nie ulegnie zahamowaniu obrót kuli ziemskiej wokół osi może ulec zmianie.

Amerykański inżynier Hugh Auchincloss Brown twierdzi, że masa lodowa na biegunie południowym powinna być zmniejszona w drodze wybuchów atomowych, ostrożnie kierowanych. W przeciwnym wypadku wzrastająca masa lodowa zmusi kulę ziemską do obrotu bokiem do jej obrotu rotacyjnego, co spowoduje nieobliczalną w skutkach katastrofę. Masy wód oceanicznych zaleją lądy, trąby powietrzne obrócą w perzynę dzieła rąk ludzkich.

Emanuel Velikovsky w swoim ostatnim dziele "Worlds in Collision" twierdzi, że kula ziemską przeżyła wiele takich kataklizmów w czasie swego istnienia. Jeszcze stosunkowo niedawno, w końcu okresu trzeciorzędowego na terenie dzisiejszej Polski niżowej panował klimat tro-

zmienny się czasy. Czy jednak mamy odrzucić wniosek powoda dlatego, że odmiennie, niż ówczesni Maronici wyznaje swą wiarę otwarcie?

Subiektywnemu przekonaniu każdego należy pozostawić co uważa z jednej strony za swą przynależność narodową, a co za przynależność wyznaniową. Poniemaj oświadczeniu powoda, że jest Żydem przyznawany jest charakter oświadczenia w dobrej wierze ma on prawo otrzymać zgodne z prawem potwierdzenie statusu imigranta i powinien być zarejestrowany jako Żyd".

Ta niejednolitość opinii sędziów Sądu Najwyższego stanowi odbicie niejednolitości poglądów społeczeństwa izraelskiego i prasy tego kraju. Jak słysząc sprawę ojca Daniela ma być poruszona w parlamencie. Ojciec Daniel chce dalej walczyć o swoje prawa.

S. BILIŃSKI

Widziałem tylko jedną Polskę

D. c. ze str. 17

go świata, bo on choć obcy, przygarnął mnie jednak wygnanego z własnego domu, z własnego gniazda.

A tu już muzyka gra. Rodzina i sąsiedzi śpiewają na pożegnanie, jak by mnie chcieli zatrzymać tą piosenką:

"Góralu, czy ci nie żal
odchodzić od stron ojczystych?"

A ja im odpowiadam zdławionym głosem:

"I góry porzucić trzeba
dla chleba, panie, dla chleba..."

W oczach przy pożegnaniu zabrakło łez, bo się je wyplakało w ciągu długiej bezkresnej wędrówki. Oczy zostały jak bezwodne studnie, bo je wysuszyła tęsknica za krajem i swoimi, których znowu trzeba zostawić, a samemu iść w obcy, daleki świat.

PAWEŁ ŁYSEK

pikalny, rosły cynamony i palmy. Przedtem w okresie kredowym ziemie polskie były całkowicie zalane przez morze. Jest to zdaniem Velikovskiego rezultat rotacji huśtawkowej naszej planety i związanego z tym przesuwania się biegunów.

Ostatnie zmiany klimatyczne, cyklicznie powtarzające się począwszy od roku 1929 surowe zimy w Europie, zdają się wskazywać na zbliżanie się nowego okresu lodowego. Okresy międzylodowcowe kiedy na północy Europy i Ameryki Północnej lodowce ustępowały całkowicie na skutek ocieplenia klimatu, trwały nie dłużej, niż 8.000 lat. A jeden z nich trwał zaledwie 6.600 lat. Obecny okres międzylodowcowy trwa już 7.500 lat, a więc zbliża się ku końcowi.

Jednolita masa lodowa na Antarktydzie pokrywa dziś ok. 13.500.000 km kw. Stanowi to przeszło 87 proc. ogólnej powierzchni pokrywy lodowej na ziemi. Środek ciężkości olbrzymich, stale powiększających się mas lodu na obszarach Antarktydy nie pokrywa się z położeniem bieguna południowego. Dlatego siła odśrodkowa powstająca wskutek obrotu ziemi przesuwają go ku równikowi. Przepuszczalnie jest to jedna z przyczyn wahań osi ziemskiej. Gdyby wahania te zwiększyły się nastąpiłaby zmiana stref klimatycznych.

Nie ma na świecie zgodności poglądów wśród geologów co spowodowało okresy lodowe, jednakże większość z nich twierdzi, że były to konsekwencje zmiany biegunów i równika.

Naukowcy ostrzegają, że świat pozwala na zwiększenie pokrywy lodowej na Antarktydzie, która to pokrywa zagraża cywilizacji. Sugerują oni użycie wybuchów atomowych dla rozbicia antarktycznej masy lodowej i spychania lodowców i tafli lodowych na otwarte wody, gdzie pod wpływem cieplejszej temperatury stopnieją. Rzecz jasna, iż tego rodzaju akcja wymaga ostrożnego działania, aby nie nastąpiło zbyt gwałtowne topnienie dużych mas lodu, ponieważ mogłoby to spowodować zalanie przez morze niektórych obszarów ziemi.

Na razie żadne państwo nie bierze na serio tych sugestii. Przeważa przekonanie, że koniec okresu międzylodowcowego jest jeszcze bardzo odległy.

ANTONI MANTYKOWSKI

Nowy Jork

Podstępny wróg

Kiedy mówimy o niebezpieczeństwach krajów tropikalnych mamy zazwyczaj na myśli straszne choroby zakaźne, jak: trąd, śpiączka, żółta febra, cholera i dżuma. Ale wszystkie te choroby razem wzięte nie powodują tylu śmiertelnych zejść co choroby pasożytnicze.

Niektóre z nich z pozoru niewinne, nie powodujące gwałtownych zmian w organizmie, są lekceważone i dlatego szczególnie groźne.

W dzisiejszym felietonie chcę poruszyć chorobę bardzo rozpowszechnioną w Brazylii, bo istniejącą na całym jej obszarze, **ankilostomozę**. Chorobę wywołuje robak zwany tęgoryjcem dwunastnicy. W Brazylii występują dwa gatunki tęgoryjca. Ich podobieństwo anatomiczne jest duże, jednakowe są też objawy występujące u człowieka w razie zakażenia.

Jak zawsze rozwój tęgoryjca zaczyna się od jaja. Wegetacja jaja nie może się odbywać w organizmie ludzkim z uwagi na zbyt wysoką temperaturę panującą w jelitach (37 st.) i brak tlenu. Optymalne warunki dla rozwoju jaja to temperatura od 25 do 30 st. Cykl rozwojowy tęgoryjca przebiega szybko. Po pięciu dniach po szeregu przeobrażeń larwa osiąga dojrzałość. W końcowym stadium larwa pokrywa się szklistą powłoką, jak futerałem. Futerał ten chroni ją przed zimnem, gorącem i suszą w ciągu długich miesięcy oczekiwania na żywiciela. Połknięta przez człowieka lub po przeniknięciu do jego organizmu przez skórę rozpoczyna długą wędrówkę naczyniami krwionośnymi, przedostaje się w końcu do płuc, a stamtąd do oskrzeli. Człowiek kaszląc wyrzuca larwę do gardła i przetyku. W żołądku szklista powłoka tęgoryjca zostaje rozpuszczona przez sok żołądkowy i pasożyt umieszcza się w dwunastnicy.

Dorosły tęgoryjec ma kształt obły, barwę białą-różową, dochodzi do jednego centymetra długości. Gębę ma uzbrojoną w cztery ostre zęby lub (u drugiego gatunku) w dwie płytki tnące. Przy pomocy tego narzędzia tęgoryjec wciera się w błonę śluzową jelit, która stanowi jego pożywienie, wsącżając przy tym w ranke ciec trującą. Ciecz ta przenika do tkanek, a następnie do krwi, zubożając ją przez pozbawienie hemoglobiny.

Po pewnym czasie tęgoryjec opuszcza obrane pierwotnie miejsce w jelitach i przenosi się na inne. Z opuszczonej rany sączy się krew i przedostają się przez nią do organizmu najrozmaitsze chorobotwórcze drobnoustroje. Nie należy lekceważyć tego upływu krwi. U osób ciężko chorych stolec ma kolor ciemnoczerwony.

Tak więc tęgoryjec powoduje spustoszenie w organizmie człowieka nie tylko dlatego, że żywi się jego ciałem, ale przede wszystkim ponieważ powoduje upływ krwi, zatrzuwa tkanki i krew, doprowadza do infekcji ranek.

Jak powiedziałem pasożyt atakuje organizm dwoma drogami. Rzadziej zakażenie następuje poprzez używanie niegotowanej, albo też niefiltrowanej wody, częściej zaś w drodze przenikania tęgoryjca przez skórę, przeważnie skórę nóg. Ludzie, którzy nie używają obuwia, a na wsi przede wszystkim dzieci, stają się prędzej czy później ofiarami pasożyta.

Potrafi on momentalnie z chwilą stąpienia na niego, wwiercić się w ciało. Przenikaniu larw towarzyszy swędzenie i podrażnienie skóry, czasem powstają w tych miejscach wrzody i rany, które goją się spontanicznie z chwilą, gdy chory pozbywa się pasożytów.

Każdy chory wydziela codziennie z kałem od jednego do czterech milionów jaj tęgoryjca.

Zakażenie pasożym powoduje w zależności od stopnia zainfekowania ogólne osłabienie, niedokrwistość aż do olbrzymiego wyniszczenia organizmu. U dzieci ankilostomoza opóźnia rozwój, zmniejsza inteligencję i aktywność, wywołuje próchnicę i wypadanie zębów, dorosłych czyni niezdolnymi do jakiegokolwiek wysiłku fizycznego lub umysłowego. Nie

leczona kończy się po kilku latach zejściem śmiertelnym.

Wśród chorób pasożytniczych w Brazylii ankilostomoza zajmuje pierwsze miejsce. Bardzo bym chciał przed nią przestrzec naszych czytelników.

Jak zawsze tak i tutaj zachowanie zasad higieny jest najprostszym środkiem zabezpieczenia się przed chorobą. Nie należy chodzić boso, należy pić tylko przegotowaną lub filtrowaną wodę. Proste, prawda?

Na zakończenie chciałbym podziękować moim drogim Czytelnikom za liczne listy, które otrzymałem. Na te, w których proszono mnie o poradę, odpiszę o sobiście. Niestety, nie jestem w stanie odpowiedzieć na listy poruszające tematy ogólne. Czas mi na to nie pozwala. Dwie rzeczy chciałbym wyjaśnić: po pierwsze pracując tylko w szpitalu nie przyjmuję chorych prywatnie (to komunikuję tym liczny chorzy, którzyby chcieli mnie odwiedzić), a po wtóre — z zasady nie polecam żadnego lekarza.

STARY DOKTÓR.

INDIANIE GINĄ W RONDONII

Dyrektor Instytutu Prehistorii w São Paulo Duarte zwrócił się w styczniu br. do Prezydenta Republiki ze skargą na działalność Urzędu do Spraw Ochrony Indian. Indianie są bezkarnie mordowani przez bandytów którzy chcą zagarnąć ich ziemie. Ostatnio w Guarujá-Mirim na obszarze terytorium Rondonii banda białych napadła na wioskę Indian zabijając wszystkich jej mieszkańców. Nie oszczędzono nawet dzieci i starców. Napastnicy tłumaczą swój czyn zemstą za zamordowanie przez jednego z Indian ze szczepu Pacáa Novo pewnego hultaja wielokrotnie już karanego, który zbierał orzechy na terenie rezerwatu Indian, okradając dzikich z pożywienia szczególnie przez nich cenionego.

W swym liście Paulo Duarte przytacza niektóre ciekawe wiadomości z życia Indian. Przypomina więc ciekawą historię z "Kroniki Jezuitów" ks. Szymona de Vasconcelos, w której jest mowa o Indianie ochrzczonej już i obytej z doktryną chrześcijańską i która będąc w rekonwalescencji po przebytej ciężkiej chorobie, oświadczyła, że jedna tylko rzecz może jej przywrócić apetyt: "rączka

małego chłopaczka, metysa, delikatna, żebym mogła posać te kosteczki". I skarżyła się, że nikt się taki nie znalazł koby zastrzelił z łuku owego chłopaczka.

Opowiada, następnie, Paulo Duarte jak syn pewnej Indianki został wysłany do misjonarzy, którzy wychowywali go w duchu chrześcijańskim. Zdarzyło się jednak, że zmarł w wieku chłopięcym. Matka jego odszukała wówczas misjonarzy i oświadczyła, że pragnie również zostać chrześcijanką. W kilka miesięcy potem ochrzczono ją. I prawie natychmiast po chrzcie popełniła samobójstwo.

— W jej prymitywnej mentalności — wyjaśnia Paulo Duarte — zrodziła się myśl, że syn z chwilą ochrzczenia przez księży misjonarzy przeszedł do innej grupy totemicznej, niż ona. Gdy syn umarł, żeby spotkać się z nim na tamtym świecie musiała należeć do tego samego klanu, co i on. Postanowiła więc ochrzcić się i następnie się zabiła pewna, że natychmiast spotka syna w lepszym ze światów.

(Streszczenie z Folha de São Paulo)



Warszawa — pawilony handlowe przy ul. Marszałkowskiej.

I V E T A

Aleksander zdejmuję krawat

— Czy nie ma pan dla mnie pracy, *senhor Henrique*?
Mówiono mi w Imborinho, że potrzebuje pan ludzi.

Stoi przede mną czterdziestoletni mężczyzna o ponurym wyrazie oczu i straszliwie zniekształconym nosie. Poszarpana kurtka pozbawiona jest rękawa, na nagim ramieniu widać wrzody syfilityczne wielkości jednoszylingówki.

— Jak się pan nazywa? — pytam.

— Eros.

— Jak? Como? — tracę głowę.

— Eros, *senhor Henrique*.

Rozglądam się z przerażeniem — gdzież jest Psyche?

Nie zagłębiałem się w dociekania skąd wzięła się mitologia grecka w brazylijskim kalendarzu. Wśród moich robotników mam Euclidesa, Periclesa, Ajaxa, Demostenesa, Xemocratesa... Jedyny Grek z krwi i kości, który przez krótki czas był moim pomocnikiem, miał na imię Aleksander i z niewiadomych względów podawał się za Włocha.

Ten to Aleksander, młodzieniec bardzo przystojny, miły, dowcipny, mówiący płynnie po angielsku, ubrany jak na tujejsze stosunki elegancko, a już zupełnie wyjątkowo codziennie ogolony i uczesany, dostarcza tematu poniższemu opowiadaniu.

— Niech pan zdejmie krawat — mówię do Aleksandra wsiadającego do jeep'a, którym mam go zawieźć pierwszego dnia do pracy.

— Co takiego? — zdumiewa się Aleksander. — Poinformowano mnie, że ukazanie się tu bez krawata stanowi obrazę narodu brazylijskiego.

— Racja, ale w miastach, proszę pana. W interiorze obraża pan naród brazylijski ukazując się w krawacie.

Aleksander nie objawia chęci zdjęcia pięknego, jaskrawego krawata.

— Wyśmieję pana — tłumaczę przyjaźnie. — Będzie pan w ich oczach błaznem — wzmacniam stopniowo argumenty, — gringiem, czyli zagranicznym wyzyskiwaczem, idiotą, który nie umie odróżnić grzechotnika od koralówki.

Aleksander rozwiązuje z niechęcią krawat i chowa go do kieszeni.

— Niesłychane... — mruczy. — Powinni wypisywać na tablicach przed miastami: "Włożyć krawat", a poza nimi: "Wolno chodzić tylko bez krawata".

Jeep trzęsie niemiłosiernie, spaliny z rozklekotanego motoru walą prosto na nas, pokrywamy się szybko czerwonym kurzem. Aleksander stara się go strzepywać. Szybko jednak daje za wygraną. Po półgodzinnej jeździe wygląda na zupełnie złamanego.

— Niech pan stanie. Zdaje się, że będę wymiotować — obwieszcza.

Humor mu się wybitnie polepsza na widok pracującej obok naszych motorowych kultuwatorów licznej *turmy*. Tworzą ją prawie wyłącznie dziewczęta. Ubrane są przeróżnie: stare wypłowiałe stroje świąteczne, przerobione męskie spodnie, poszarpane spódnice, rozlatujące się bluzki, staniki kroju meksykańskiego, chustki. Wszystko to nie potrafi ukryć nagości piersi, ukazujących się za każdym pochyleniem (o ile się stanie przed linią pracujących) i nagości ud (jeśli się stanie poza nimi). Aleksander nie potrzebuje długiego czasu, aby się przekonać, że w bardzo licznych wypadkach lachy okrywają cuda pierwszego gatunku. Aby się o tym upewnić zmienia co chwila posturę obserwacyjny: raz jest z przodu linii, po czym spaceruje poza nią. Jego elegancki ubiór, nowiutkie fałdowane buty brazylijskie z krótkimi cholewkami, lśniąca laseczka, budzą ogólne zainteresowanie.

— Widziałam tego pana w mieście — szepcze z wyrazem dumy Mulatka Polixana, uśmiechając się znacząco.

Odpowiadają jej pomruki niedowierzania. Taki cudny chłopak miałby się zadawać z Polixaną? Po co mu to? Każda za nim poleci.

— Skoro pan już skończył inspekcję naszego baletu — mówię do Aleksandra — to może przejdziemy do maszyn. Muszę pana z przykrością uprzedzić, że w naszej *turmie* pracują tylko mężczyźni.

— Niektóre z nich są wspaniałe — Aleksander wachluje się chusteczką. — Tylko te stroje, co za nędza!...

Maszyny terkoczą monotonna, każde ich przejście pomiędzy rzędami araukarii wzbija tumany czerwonego kurzu. Aleksander spogląda tęsknie ku dziewczętom. Daleki jest zapewne od myśli, że przygoda oczekuje go bliżej.

Iveta przynosi kawę

Kiedy ją pierwszy raz zobaczyłem schodzącą ze wzgórza ku dolinie, w której przystaliśmy na południowy odpoczynek, oświadczyłam jej uczucie takiej radości jaka ogarnia człowieka na widok piękna pierwotnej natury. Nie mogłem jeszcze dojrzeć z oddali rysów twarzy; urzekł mnie jej chód, lekki, zwinny, nuciący każdym poruszeniem melodię ruchu, delikatną i cudownie zharmonizowaną. Zbliżyła się do mnie i bez zwykłego pozdrowienia zapytała:

— Gdzie jest Octavio?

Nie odpowiedziałem od razu. Patrzałem zdumiony na twarz dziewczyny, na szare oczy o jasnozielonkawym odcieniu na obwódkach źrenic, na śmiało zarysowane łuki brwi, rozchylone lekko usta, zwichrzoną czuprynę, piersi i ręce koloru oliwki. Zniecierpliwio ją widocznie moje milczenie, przygryzła wargi i opuściła głowę.

— Gdzie Octavio? — powtórzyła. — Przyniosłam mu kawę.

Wskazałem kępę rosnących opodal eukaliptusów.

— Wszyscy są tam — powiedziałem.

Zmrużyła oczy, zwracając się w kierunku drzew.

— Jak *senhorita* ma na imię? — zapytałem odruchowo. To niewinne pytanie zaskoczyło ją i nieoczekiwanie wzburzyło.

— Iveta — burknęła ze złością i pobiegła w stronę eukaliptusów.

Pierwsze zjawienie się Ivety na plantacjach było ostatnim. W ciągu następnych kilku tygodni nie widziałem jej wcale, choć muszę szczerze wyznać, że odwołując robotników wieczerem do osiedla rozglądałem się po przyzbach domów i uliczkach w przypuszczeniu, że ją zobaczę.

W międzyczasie przydzielono do nas Aleksandra.

Espírito mau

Któregoś ranka przed wschodem słońca zjawiliśmy się jak zwykle w Imborinho, aby zabrać robotników na półcieżarówkę.

Placyk, na którym nas zawsze oczekiwali, był pusty. Wyłączyliśmy motory i wysiedliśmy. W szarzącym mroku poranka osiedle wyglądało jak wymarłe. Dymiące zazwyczaj o tej porze kominy sterczały beczynnie. Koło studni, przed którą wyczekiwały zawsze kobiety i dzieci, nie było żywej duszy. Staliśmy zaskoczeni tą pustką, nie mając pojęcia co ją mogło spowodować.

— Gdzie się podzieli wszyscy ludzie? — zwróciłem się do mechanika.

Odpowiedź na to pytanie przyniósł rozdzierający ciszę krzyk kobiecy. Było coś tak strasznego w tym krzyku, że zastęgliśmy w bezruchu.

— Torturują jakąś dziewczynę — szepnął stojący poza mną Aleksander. — Ma pan rewolwer?

Pobiegliśmy wybiłą uliczką ku krańcowi osiedla. Przed ostatnią chatą, pobudowaną w tym miejscu dzięki nierówności terenu na wysokich palach zebrała się cała wieś. W mroku poranka gromada ludzi czerniała jak wielka kałuża w poprzek drogi. Ktoś dotknął mojego ramienia. Był to nasz drugi mechanik, Polak brazylijski, Filomen Murek, mieszkający stale w Imborinho.

— Co się tu dzieje, Murek? — odciągnąłem go na bok.

Pochylił się ku mnie.

— *Espírito mau* — szepnął — opuścił już Fabię i wszedł teraz w Cassildę.

Ponowny krzyk wstrząsnął powietrzem. Tłum ludzi podał się ku tyłowi jak by pragnąc zasłonić się przed uderzeniem sztyletu.

— Trzymać ją mocno — zacharczał czyjś głos wewnątrz chaty.

— To szaleństwo — zwróciłem się do Murka — trzeba tym ludziom wytłumaczyć, że złych duchów nie ma na świecie.

— Niech pan tego nie robi — mechanik chwycił mnie za rękę — nikt panu nie uwierzy.

— Dlaczego?

Murek zawahał się chwilę.

— Bo złe duchy są na świecie — powiedział. — Duch Ramira opuścił Fabię i wszedł właśnie w Cassildę.

* * *

Ktoregoś wieczora, po wypłacie, Ramiro powrócił do domu. Był pijany. Fabia, oczekująca łada dzień rozwiązania, zwlokła się z łóżka, aby mu pomóc wejść na strome schodki. Bolało ją całe ciało, płód pierwszego dziecka rozsadał kości; nabrzmięte pokarmem piersi szesnastoletniej dziewczyny ciążyły jak kamienie. Owionął ją przeпоjony alkoholem oddech męża, do ust napłynęła kwaśna ślina. Ostatkiem sił doprowadziła go do drewnianej pryczy i zaczęła wymiotować.

— Świnia — splunął Ramiro i pchnął ją nogą w kierunku drzwi. Usiadła na progu, oparła głowę na rękach i zapłakała. Ramiro skręcił niezdarnie papierosa i rozejrzął się po izbie.

— Ognia... — krzyknął ku siedzącej na odwróconej skrzyni Cassildzie.

Dziewczyna zerwała się z miejsca i podała mu zapalnik.

— Rozbieraj się... — burknął Ramiro, usiłując zapalić papierosa — będziesz spać ze mną.

Cassilda roześmiała się.

— Tak jak dawniej? — zawołała ściągając koszulę.

— Tak jak dawniej — Ramiro przyciągnął ją ku sobie.

Fabia z trudem powstała z progu i weszła do izby.

— Ramiro, — powiedziała bardzo cicho — na miłość Naszej Pani, przecież to moja rodzona siostra...

— Toś ty niby nie wiedziała, że my od dawna śpimy razem? — Cassilda obrzuciła ją wrogim spojrzeniem. — Idź na dwór, głupia.

Następnego dnia przed południem jeep policyjny zjechał przed chatę Ramira.

— Przebił się sam nożem — zeznały zgodnie obie kobiety.

* * *

Promienie wschodzącego słońca padły na dach chaty i objęły ją całą jasnoróżowym oślepiającym płomieniem. Ktoś szarpnął drzwiami. Na progu ukazała się półnaga dziewczyna, zeskoczyła szalonym skokiem ze schodów i pognąła przed siebie ku dżungli. Stało się to tak nagle, że ludzie stojący przed chatą nie zdążyli nawet rąk wyciągnąć, aby ją powstrzymać. Po kilku minutach sylwetka biegnącej dziewczyny znikła za wzgórzem. Napiecie tłumy osłabło nieco. Tu i tam rozległy się przyciszone rozmowy. Ludzie jednak nie opuścili swoich miejsc, skupieni w zwartą gromadę, przycisnieni do siebie, jak by szukając zasłony we własnych ciałach przed nadprzyrodzonym wrogiem.

Jedyną osobą stojącą samotnie poza tłumem była Iveta.

Poznałem ją od razu po kształcie głowy, uczesaniu i sukience, tej samej, którą nosiła podczas pierwszej wizyty na plantacjach. Oparła się plecami o płot biegnący ku górze z boku chaty i patrzyła na tłum stojący poniżej na drodze. Ledwo dostrzegalny ironiczny grymas osiadł na jej wargach. W pewnej chwili oczy jej zatrzymały się na naszej grupie. Patrzyła w jeden punkt. Spojrzenie jej teraz było śmiałe i wyzwajające. Obejrzałem się poza siebie. Kilka kroków poza mną, jak wrośnięty w ziemię stał Aleksander. Usta miał rozchylone, zdumienie malowało się w jego oczach.

— Cud... — wyszeptał.

Aleksander zawiązuje krawat

Tego samego dnia Iveta po raz drugi zjawiała się na plantacjach.

— Gdzie Octavio? — zapytała jak echo sprzed kilku tygodni. — Przyniosłam mu kawę.

— Zaprowadzę senhoritę do niego. — Aleksander wyręczył mnie w odpowiedzi.

— Druga sekcja naszych maszyn pracuje dziś dość daleko.

Usiadłem na zboczach drogi i zapaliłem papierosa. Z oddali słyszałem pytania, którymi Aleksander zasypywał Ivetę. Dziewczyna nie okazywała chęci do rozmowy i starała się wyprzedzić swego przewodnika. Wkrótce straciłem ich z oczu. Wieczorem sam jechałem do domu. Aleksander poinformował mnie, że ma zaproszenie do leśniczego w Imborinho i powróci jego Fordem.

Jadąc po północy z kontroli stróży pilnujących naszych maszyn spotkałem idącego drogą Aleksandra.

— Niech pan siada — zatrzymałem samochód. — Cóż to Ford leśniczego nawalił?

Aleksander opadł ciężko na poduszkę samochodu.

— Ma pan papierosa?

Podaliśmy mu termos z kawą i papierosy. Nieoczekiwanie ogarnął mnie ramieniem.

— Panie, to coś nadzwyczajnego — powiedział, — coś co można spotkać tylko raz w życiu. Niech mi pan powie gdzie ja właściwie jestem?

— Był pan na kolacji u leśniczego — uśmiechnąłem się — a teraz siedzi pan ze mną w Chevrolocie.

— Nie byłem na żadnej kolacji — Aleksander odsunął się w róg samochodu. — Byłem z Ivetą.

— Musi pan być głodny — zauważyłem troskliwie — chyba, że nakarmiła pana bogactwem swego intelektu.

Aleksander nie zrozumiał lekkiej ironii mojego powiedzenia.

— Nie ma pan pojęcia jak trudno coś wyciągnąć z tej dziewczyny — odrzekł. — W ciągu całego wieczoru powiedziała kilka słów za ledwie, ale co to za słowa, panie, co za delikatność, co za kultura... Ubrać ją, panie, ubrać i pokazać w salonach...

— Zaczął pan niebezpieczną grę — usiłowałem go nieco ochłodzić.

— Chociażbym życiem miał za nią zapłacić to ją doprowadzę do końca — zapalił od niedopałka drugi papieros.

— Nie patrzmy w przyszłość tak daleko — powiedziałem uspokajająco. — Na razie wylej pan z Kompanii.

Zdawało się, że Aleksander nie dosłyszał mojego ostrzeżenia.

— Ubrać ją, panie, — powiedział, patrząc na oświetloną reflektorami drogą, — ubrać, zabrać do wielkiego miasta, pokazać świat...

Zaraził mnie swoją wizją. Ubrać Ivetę... Poprowadzić ją przez galerie obrazów, sale koncertowe, kina, teatry, kluby. Starać się uchwycić rytm jej chodu i płynąć pogrążonym w tej melodii ruchu poprzez tłumy tak niepodobne do niej. Marację Aleksander, takie zjawisko można spotkać tylko raz w życiu.

— Jak by pan ją ubrał?

— W krynolinę — wyrzucił z siebie jak by czekał na to pytanie. — W białą muslinową krynolinę przepasaną szafirowym paskiem, białą jedwabną bluzkę i szal hiszpański.

— To na wieczór — zgodziłem się bez sprzeciwu — ale w ciągu dnia?

— Szary kostium i paryski toczek w hinduskim stylu — zatoczył ręką krąg dokoła głowy. — Do krynolinki zaproponowałbym szafirowe pantofelki koloru paska, z klamerką z perełek i diamentów. I perły, podwójny sznur pereł na szyję.

Mineliśmy ostatni zakręt przed osiedlem urzędniczym. Zatrzymałem samochód przed domem.

— Niech pan zaczeka chwilę — powiedziałem.

Wszedłem do domu, wyjąłem z szufladki stolika tubkę adaliny i powróciłem do samochodu.

— Dwa proszki, popić wodą — podałem Aleksandrowi — głęboko oddychać, liczyć owce i myśleć o posiedzeniach Organizacji Narodów Zjednoczonych. Proszę pamiętać, że za cztery godziny jedziemy do pracy.

— Ubrać ją, panie... — Aleksander machinalnie schował tubkę do kieszeni.

— Nie, panie, spać...

* * *

Stan Aleksandro w ciągu następnych kilku tygodni dałoby się określić jednym zdaniem: stracił głowę. Nie tylko, że nie miałem z niego żadnej pomocy, ale robił takie zamieszanie, że ludzie nie wiedzieli co mają robić. Do odzyskania jakiejś takiej równowagi umysłu nie przyczyniały się napewno codzienne obecne wizyty Ivety na plantacjach. Octavio opływał kawą i wydawał się nad wyraz szczęśliwy.

Pewnego dnia Aleksander zawiadomił mnie, że otrzymał z dyrekcji tygodniowy urlop.

— Hm... — kiedy pan jedzie?

— Jutro rano — odpowiedział. Czy nie mógłby pan podwieźć mnie na lotnisko jadąc do pracy?

Następnego ranka zjawiłem się w pokoju Aleksandra. Młody człowiek stał przed lustrem i zawiązywał krawat.

— Dzień dobry! — pozdrowił mnie pogodnym uśmiechem.

— Jak pan widzi wracam do cywilizacji.

— Wspaniały krawat — powiedziałem.

— Neapolitański. Przynosi mi szczęście.

— Nie ma pan w zapasie innego szczęśliwego krawata? — zapytałem. — Ogróźnie by mi się przydał.

Aleksander wyjął z pudełka zielony krawat w brązowe groszki.

— Służę panu, — położył krawat na stole. — Poznałem w nim pewną bogatą wdowę po argentyńskim fabrykancie konserw.

Odsunąłem krawat. Dowcip Aleksandra uznałem za wysoce niesmaczny. Zawierał aż nazbyt wyraźną aluzję do mojego wieku.

(Dok. w następnym numerze)

HENRYK PRZYBOROWSKI

ALFA TOLIMAN

Noel nacisnął guzik i łagodne, zielone światło zabłysło na tarczy przyrządu pomiarowego.

— Co do diabła stało się z tym przyrządem? — mruknął.

Strzałka znajdowała się zaledwie o dwie podziałki od zera. Oznaczało to, że paliwo było na ukończeniu. Ale przecież kiedy kładł się spać ta sama strzałka tkwiła wysoko w górze, wskazując zapas paliwa aż na zbyt dostateczny do osiągnięcia celu. Tym celem była odległa o półtora roku świetlnego Proxima Centaura.

W kabinie pilota panował mrok. Noel rozmyślnie nie zapalał świateł pokładowych. Obowiązany był wstawać w czasie dyżuru co trzy godziny, żeby sprawdzić wskazania przyrządów pomiarowych, robił to zawsze półsennie i zaraz kładł się z powrotem do łóżka. Jaskrawe światło lamp pokładowych mogło mu rozproszyć sen. Ale teraz zapalił je bez wahania.

Nie, nie było omyłki.

Szybko wykonał obliczenia. Paliwa mogło wystarczyć zaledwie na dwa dni lotu.

Postanowił obudzić Dereka. On i Derek stanowili całą załogę wielkiej rakiety transportowej DC 702.

— Słuchaj, Derek, — powiedział — musiałem cię obudzić, ponieważ dzieje się z nami coś niedobrego.

Derek siedział w łóżku i przecierał oczy. Był potężnie zbudowany, ale wyglądał trochę jak dziecko. Sprawiały to być może oczy — niebieskie i zawsze jak gdyby z lekką zdziwioną.

— Co takiego? — zapytał.

Noel wyjaśnił co się stało.

— Próbowałeś się połączyć z najbliższą stacją?

— Jeszcze nie. Myślę, że najpierw trzeba się zorientować w przyczynach defektu. Z ciebie jest przecież mechanik. Ja się na tych rzeczach nie znam.

— Niewiele tu pomogę — powiedział Derek. — Musiałbym się dostać do komory paliwowej, a można to zrobić na lądzie. W przestrzeni kosmicznej nie podejmuję się przeprowadzać badań. Na oko wszystko wydaje się w porządku. Widzisz przecież co melduje robot, którego wysłałem przed chwilą: powłoka rakiety nienaruszona. Nie zawinił tu meteor. Słowo daję, że nic nie mogę zrozumieć. Dzwoni do najbliższej stacji. Zaraz, gdzie my jesteśmy?

Noel rozwinął mapę gwiazdną.

— Właśnie wieczorem naniósłm koordynaty. Znajdujemy się najbliższym układem słonecznego Toliman B, składającego się z dwóch słońc i dwunastu planet. Na planecie Alfa Toliman znajduje się stacja obsługi. Odległość 31 miliardów kilometrów.

— Dobrze. Dzwoni.

Noel włączył aparat nadawczo-odbiorczy. Na srebrnym ekranie ukazał się kolorowy obraz niewielkiego pokoju całego zastawionego przyborami fizycznymi. Siedzący przy biurku starszy mężczyzna o pomarszczonym czole powiedział:

— Tu Alfa Toliman, tu Alfa Toliman. Wolno wiedzieć z kim mówię?

— Tu DC 702, tu DC 702. Mamy defekt na pokładzie.

— Czy wysłać raketę ratunkową?

— Nie potrzeba. Sami się jakoś dowieziemy. Oczekujcie nas za trzy godziny.

— Dobrze. Przyjęte.

— Nie ma tego złego co by na dobre nie wyszło — powiedział Derek. — Prawdę mówiąc z przyjemnością pochodzę po stałym gruncie. Co do towarzystwa to niewiele sobie obiecuję po tej Alfa Toliman. Facet wy-

gląda na starego nudziarza. Idź spać, Noel. Ja już sam nakieruję maszynę na właściwy punkt.

Ale Noel się nie położył. Był wytrącony z równowagi.

— Gdyby tak ta awaria zdarzyła się o głupie kilkaset miliardów kilometrów od stacji obsługi historia mogłaby się skończyć tragicznie.

Spojrzał przez wziernik. Układ Toliman B zbliżał się z każdą chwilą. Widać było dwa słońca — jedno większe, czerwone i drugie mniejsze, świecące żywym błękitnym blaskiem. Mała gwiazdka po prawej stronie, jedna z dwunastu planet układu, była to właśnie Alfa Toliman.

Potem ta mała gwiazdka zaczęła się powiększać, rosnać.

— Przygotowujemy się do lądowania — powiedział Derek. — Włączam urządzenie antygravitacyjne. Poproś o radiolokację, Noel.

Od dłuższego czasu szybkość rakiety spadała. Wynosiła ona już teraz niewiele więcej, niż 100 tysięcy kilometrów na godzinę, 20 tysięcy, pięć tysięcy. Przez wziernik widać było gestę, żółtawe chmury.

— Ładujemy.

Raketa obiegła jeszcze raz, drugi i trzeci wokół globu, mignęło pole startowe. Stop.

Rozległ się zgrzyt wypuszczonych kół po linii startowej i raketa znieruchomiała.

Derek otworzył jeden po drugim zawory wejściowe i spuścił schodki. Wilgotne, gęste powietrze przedostało się do wnętrza statku.

Noel wyszedł pierwszy. Na platformie startowej czekał na niego człowiek nieduży, suchy, o twarzy pociągłej i łagodnych uśmiechniętych oczach.

— Jestem Chester.

Głos miał jak gdyby cokolwiek zachrypnięty, zardzewiały według określenia Noela.

— Patrzy się pan na mnie — powiedział Chester — i myśli ile też mam lat. Nieduży, nieduży. Za miesiąc kończę 221.

Noel nie zdziwił się wcale. Medycyna poczyniła ostatnio tak znaczne postępy, że starcy pięćsetletni nie byli rzadkością. Według zapowiedzi uczonych zbliżały się czasy kiedy śmierć miała być całkowicie zwalczona, a wieczna młodość osiągnięta. Za to liczba urodzeń zmniejszała się stale i nie pomagały żadne sposoby, aby zwiększyć rozrodczość. Niektórzy twierdzili, że winne tu są chemiczne środki antykoncepcyjne, którymi przed wiekami zatruwała się ludzkość.

— Chodźmy prędzej na stację — powiedział Chester. — Zaraz lunie. Pan nie wie czym jest tutejszy deszcz. To coś apokaliptycznego.

Noel dopiero teraz zauważył ciemne, włoścące się aż do ziemi chmury. Zerwał się wiatr. Rosnące koło budynku stacji drzewa zachwiały się. Były to osobliwe drzewa, miały zwieszane w dół olbrzymie jak by plastikowe liście.

Pacnęły pierwsze olbrzymie krople i naraz wszystko dokoła zawirowało. Jaskrawe błyskawice przeszły niebo od góry do dołu, piekielny huk wstrząsnął powietrzem. Chester ledwo zdążył wciągnąć Noela do budynku stacji i zatrzaskać drzwi. Wewnątrz ściany sporządzone były z przezroczystego materiału i Noel mógł poprzez nie widzieć diabelską moc rozszalałego żywiołu. Woda lała się potokami. Mogło się zdawać, że za chwilę wszystko dokoła zatonie — drzewa, budynki i raketa. Ale na szczęście nawałnica szybko minęła. Niebo rozpogodziło się i niewielkie błękitne słońce wyjrzało zza obłoków.

Dopiero wtedy Noel odwrócił się.

Chester siedział przy stole i manipulował gałkami jakiegoś przyrządu. Przyrząd sy-

czał jak czajnik, z którego wydobywa się para.

— Dawno pan tu jest na tej planecie?

— Osiem lat ziemskich — odparł Chester.

— Przez ten czas zmieniła się tu kupa ludzi. Nie mogą się przyzwyczaić do tutejszych warunków.

— Wyjechali?

— Niektórzy. Inni — uśmiechnął się — też wyjechali, ale nieco dalej.

— Zginęli?

Chester wstrzymał syczący przyrząd. Słychać już teraz było jedynie głos drugiego przyrządu podobny do czkawki.

— Opowie panu o tym Nancy. Zaraz tu przyjdzie. Mieszka nas na planecie czworo — ja i trzy dziewczyny, ale dwie z nich udały się właśnie do stacji południowej i wrócą dopiero jutro.

— Jakież to są te tutejsze warunki?

— No sam pan widział — wilgoć, deszcz i w ogóle przyroda — nieprzyjazne istoty...

— Jakie istoty? Inteligentne?

— Eks-inteligentne. Zresztą opowie panu o nich Nancy. Ja jestem fizyk, całe życie nie zajmowało mnie nic poza fizyką.

Chester przechylił się w fotelu. Widać było, że mówi o tych sprawach niechętnie. Noel nie nalegał. Wyszedł z budynku stacji. Na platformie startowej spotkał się z Derekiem.

— No i jak tam?

— Mogło być gorzej — powiedział Derek.

— Zapasy paliwa nienaruszone, tylko coś się popsło w przewodach doprowadzających energię i w przyrządach pomiarowych. Zatrudniłem już roboty. Myślę, że naprawa potrwa jednak kilka dni. No, a jak tam stary? Nudziarz?

— Miałeś rację, Derek. Ale są tu podobno trzy dziewczyny.

— Widzę właśnie jedną z nich i zaczynam żałować, że jestem żonaty. Ależ to prawdziwe bóstwo.

Mieściło się w tym orzeczeniu nieco przesady, ale dziewczyna była rzeczywiście ładna — wysoka, o długich nogach i zgrabnej figurce. Przyjemną twarz speścił zadarty nosek.

Prawdziwie czarujący miała dopiero głos. Było w tym głosie coś niewypowiedziane słodkiego, zniewalającego, jak muzyka.

— Chciałam właśnie poprosić panów na kolację — oświadczyła.

— Och, bardzo żałuję — powiedział Derek — ale nie mogę opuścić statku póki trwa naprawa. Odstępuję pani koleję.

Noel skłonił się ceremonialnie.

— Nie ma pan pojęcia — powiedziała tym swoim miłym kontraltem — jak się cieszę z przyjazdu panów.

Szli wąską asfaltowaną szosą w kierunku z lekką pośladkową w górę ciągnących się niewysoką grzędą z południa na północ.

— Dokuczają pani samotność?

— Czasami tak — wyznała szczerze.

— Chciałem się panią o coś zapytać. Pan Chester mówił o jakichś istotach zamieszkujących planetę. Czy są to istoty inteligentne?

— Trudno mi coś na ten temat powiedzieć. To że były inteligentne zdaje się nie ulegać wątpliwości. Świadcza o tym ruiny miast, dzieła sztuki, które skrzętnie zbieramy, pismo, nie odcyfrowane jeszcze. Ale dziś... Nastąpiła tu jakaś niespodziewana recesja, gatunek uległ degeneracji i istoty te zdziczały. Myślę, że to z powodu zmienionych warunków klimatycznych. Dawniej klimat był na naszej planecie bez porównania bardziej wilgotny, bez przerwy włóczyły się mgły i padał deszcz. Te stworzenia były przystosowane do dużego stopnia wilgotności w powietrzu. Ciało ich jest galaretowate, nie znoszą

JESZCZE O LATAJĄCYCH TALERZACH

Dokument, który tu publikujemy ogłoszony został w książce majora lotnictwa amerykańskiego D. E. Keyhoe w r. 1953.

Przed świtem dnia 6 grudnia 1952 r. duży bombowiec amerykański B-29 wracał z nocnego lotu ćwiczebnego nad Zatoką Meksykańską do bazy Texas. Księżyc świecił jasno, powrót na wysokości 6 tys. metr. odbywał się normalnie. O godz. 5.24, gdy bombowiec znajdował się w odległości 160 km na południe od wybrzeża Louisiany, pilot, kpt. John Harter, zwrócił się przez telefon wewnętrzny do radarzysty, por. Sid Colemana, aby ten sprawdził położenie wybrzeża na ekranie pomocniczym w kabinie lotniczej. Coleman obserwował był właśnie wybrzeże na ekranie głównym radaru, na rufie samolotu. Zatrzymał się tu wskutek ukazania się nagle nad wybrzeżem sylwetki nieznanego przedmiotu. Przy następnym obrocie wskazówki radaru okazało się, że w tak krótkiej chwili nieznany przedmiot przeleciał 20 km zbliżając się do bombowca. Ale jednocześnie ukazała się na ekranie druga podobna sylwetka. Przez chwilę groziło zderzenie, ale kierunki zaczęły się odchylić. Wtedy Coleman zwrócił się do inżyniera lotniczego:

słońca, zabija je ono w ciągu kilku minut. Kiedy więc klimat się zmienił schroniły się do wody. One są ziemnowodne, mają i płuca i skrzela. I wtedy właśnie miasta uległy zagładzie, cywilizacja upadła.

— Czy istoty te wychodzą czasem z wody?
— Tak, w słotną pogodę można je niekiedy spotkać.

— Czy są agresywne?
— Jeszcze nie tak dawno były zupełnie łagodne. Ale pewien nasz kolega powziął niebezpieczną myśl zabicia jednego ze stworzeń. Chciał je po prostu włączyć do kolekcji. Od tego czasu stały się niebezpieczne. Zamordowały tego kolegę i jeszcze dwóch innych i bo ja wiem...

— A pani się nie boi?
— Nie, one polują tylko na mężczyzn. Nie zdarzyło się, żeby skrzywdziły kobietę.

— To dziwne — powiedział Noel.
Przechodzili właśnie koło dużego jeziora, którego brzegi porośnięte były bladozieloną gąbczastą roślinnością. Woda w tym jeziorze miała stalowy kolor, i wydawała się prawie nieruchoma.

— One tu właśnie mieszkają — powiedziała Nancy.

Szli już dalej w milczeniu. Błękitne słońce skryło się za horyzontem i na chwilę zapanaował zmierzch. Ale wkrótce potem ukazało się drugie słońce, czerwone, stokrotnie większe, niż ziemskie.

— Nie ma tu wcale nocy? — zapytał Noel.

— Nie. I to jest trochę męczące.

Byli już przed domem Nancy. Na spotkanie wybiegł pies, wielki czarny wilk. Noel przekonał się z zadowoleniem, że pies darzy go sympatią.

— On tylko nie lubi tych z jeziora — powiedział Nancy.

Wieczór upłynął bardzo przyjemnie. Zrobiło się już późno kiedy Noel zdecydował się wreszcie na powrót do stacji. Ale gdy żegnał się z gospodynią nadeszła jedna z tych gwałtownych nawałnic, które charakteryzuje klimat Alfa Toliman.

— Nie mogę pana teraz puścić — powiedziała Nancy. — Nie chcę cię mieć na sumieniu, chłopcze.

— Ale co ja zrobię?
— Zostanie pan u mnie na noc — oświadczyła całkiem po prostu. — Nie ma Margareth, zanocuje pan w jej apartamencie.

Noel pocertował się jeszcze dla oka, ale nie opierał się zbyt długo. Lał taki gwałtowny

— Bailey, pomóż mi w obserwowaniu tego obiektu.

Zanim obydwaj przedmioty zniknęły z pola widzenia, Coleman i Bailey obliczyli pośpiesznie ich szybkość. Wypadło: 9 tys. kilometrów na godzinę.

Teraz Coleman zwraca się przez telefon do pilota:

— Kapitanie, proszę o sprawdzenie pańskiego ekranu. Obliczyliśmy szybkość Ufo, wypadło ponad 9 tys. klm.

— Niemożliwe. Sprawdź pan ponownie działanie aparatu.

Podczas gdy Coleman wykonywał rozkaz, Bailey wołał wpatrzony w ekran:

— Jest jeszcze jeden!... jeszcze dwa!

Teraz odzywa się w telefonie głos por. Cassidy, nawigatora:

— Widzę je również w swoim aparacie.

Gdy Coleman ukończył sprawdzanie aparatu, sylwetki czterech talerzy biegły po jego ekranie. Teraz rozlega się głos pilota Hartera:

— Mam cztery obiekty nieznane wprost przed sobą. Co widzicie wy?

— Są widoczne na trzech ekranach — odpowiada Coleman — aparat sprawdziłem, jest nieuszkodzony.

deszcz, że drzewa gięły się pod jego ciężarem.

— Nie rozumiem dlaczego ten nadmiar wody nie powoduje biblijnego potopu — powiedział.

— Grunt na Alfa Toliman jest łatwo przepuszczalny to cały sekret. Woda wsiąka natychmiast w ziemię jak w gąbkę, — wyjaśniła Nancy. — No, a teraz zaprowadzę pana do sypialni.

Pokój był prawdziwie paniński — biały z różowym, pachniało w nim heliotropem. Noel położył się zaraz, czuł się zmęczony po dniu pełnym wrażeń. Zasypiał już, gdy usłyszał słabe drapanie do drzwi. Otworzył, był to pies. Noel pozwolił mu się ułożyć na dywanie koło łóżka. Prawie momentalnie zasnął. Obudził się wśród nocy. Było strasznie duszno. Przez zasłone sęczyło się szkarłatne światło czerwonego słońca. Wstał i otworzył okno. Powiał przez nie chłodny wiaterek.

Nagle zasłona zachwiała się, coś wielkiego, mokrego wtargnęło do pokoju. Noel zobaczył wielkie rybce oczy, oślizgłe łapy o trzech palcach, zielonkawą ciałą żaby. I nagle to coś runęło na niego zanim zdolał zawołać na ratunek. Poczł wstrętne zapach mułu. Potworna gęba przysunęła się do jego szyi, szukała tętnicy.

Wtem rozległo się krótkie szczeknięcie. Uścisk potwora zelżał.

Co było dalej tego już Noel nie pamiętał. Najzwyczajniej w świecie zemdlął. Kiedy się ocknął zobaczył nad sobą wystraszoną twarz Nancy.

— Chwała Bogu — powiedziała — myślałam już, że pan nie żyje.

— Czy... czy?... — wyjąkał.

— Tak, niech pan popatrzy. Leży tu.

Noel wzdrzgnął się z obrzydzenia. Potwór po śmierci wyglądał jeszcze gorzej, niż za życia. Z otwartej gęby sterczały dwie ostre jak brzytwa płytki kostne. Ciało, pokryte cienką błoną, pękało; z pęknięć sączył się żółty płyn. Dziwne, jak szybko następował rozkład.

Noel podniósł się.

— Za nic w świecie nie będę nocował w tym pokoju! — zawołał.

— Jasne — powiedziała Nancy — przeniesie się pan do mnie. We dwójkę będzie nam rażniej.

Równocześnie pilot Harter wpatrywał się z niedowierzaniem w cztery sylwetki przesuwające się po jego ekranie. Gdy jedna z nich znalazła się po prawej stronie samolotu, zaalarmował wszystkich:

— Uwaga! Ufo od sterburty.

Teraz w tylnej części bombowca Bailey podbiega do prawej wieży obserwacyjnej i patrzy w niebo. Widzi przedmiot wydzielający światło niebieskie. Mija samolot lecąc w odwrotnym kierunku, ale z taką szybkością, że widoczna jest tylko smuga biało-niebieska. Szybko znika pod skrzydłem samolotu. Teraz pojawia się na wszystkich trzech ekranach nowa grupa talerzy. Podobnie jak pierwsza leci z szybkością 9 tys. klm na godz. Gorzej, leca wszystkie prawie wprost na samolot. Różnica kierunku jest tak mała, że wystarczyłoby mimowolnego odchylenia, aby załoga znalazła się w śmiertelnym niebezpieczeństwie. Przy tej straszliwej szybkości samolot nie miałby czasu na wykonanie najmniejszego manewru i wszyscy o tym wiedzą.

W sześć minut od chwili pierwszej obserwacji nastąpił nagle spokój. Ekran radaru czyste. Coleman westchnął głęboko. Gdy po upływie dalszej minuty lotnicy zaczęli wracać do normy, ukazała się na ekranach trzecia grupa sylwetek. Coleman ponownie zaczął obserwować swój chronograf, obliczając czas i odległość. Bailey obliczył szybkość i poważnie pokiwał głową.

— To samo — mruknął. Radarzysta nachylił się nad ekranem. Dwa talerze przelatywały po prawej.

— Ufo od sterburty — krzyknął do mikrofonu. Sierżant Ferus wyprzedził Bailey'a biegnąc ku wieży obserwacyjnej. Zobaczył zdumiony jak dwa talerze mignęły mu tylko w oczach: dwie smugi biało-niebieskie.

Tymczasem Harter trzymał nadal oczy jak gdyby wlepione w pomocniczy ekran radaru. Od tyłu, z odległości 70 klm, nadlatywało pięć talerzy przecinając drogę samolotowi. Nie mogło być wątpliwości, że kierują się wprost na B-29. Harter zmartwiał. Dzięki niesamowitej szybkości nadleciały w ciągu trzech sekund. Zanim jednak uruchomił stery, nastąpiło coś niewiarygodnego. Zupełnie nagle, błyskawicznie, Ufo zredukowały swą szybkość. Przez dziesięć sekund leciały po linii równoległej, trzymając się nieco w tyle podczas gdy pilot wstrzymywał oddech. Po czym, zwiększwszy szybkość, nieznane aparaty skierowały się w bok. Po chwili Harter zobaczył na ekranie wielką wydłużoną sylwetkę. Zaskoczony, obserwował teraz coś wręcz fantastycznego. Ufo, lecąc z szybkością 8 tys. klm na godz., połączyły się nagle z ową wielką maszyną, znikając w jej wnętrzu. Olgęzmi aparat, jak gdyby na to tylko czekał, rozwinął teraz szybkość tak fantastyczną, że przebiegł ekran radaru jak błyskawica i zniknął, ku zupełnemu osłupieniu Hartera. W kilka sekund później wstrząsłony głos Colemana odezwał się w telefonie:

— Kapitanie, czy pan to widział?

— Tak, widziałem.

— Sprawdziłszy szybkość — dodał Coleman. — Ale pan nie uwierzy. Robiły powyżej 14 tys. klm na godz.

— Owszem, wierzę — powiedział Harter powściągliwie — tyle samo wypadło z mojego obliczenia.

Lot ukończono w stanie pogotowia, ale talerze nie ukazały się więcej. Znaczenie tego co widziano było oczywiste. Talerze zostały wysłane z olbrzymiego lotniskowca latającego, dla celów rozpoznawczych. Jest prawdopodobne, że misja ta obejmowała różne części Stanów Zjednoczonych. Biorąc jednak pod uwagę niebывалые szybkości z jakimi talerze się poruszały, cele rozpoznania mogły znajdować się w jakiegokolwiek części globu. Jako miejsce spotkania wybrano punkt nad Zatoką Meksykańską. Zobaczywszy bombo-

ZBIGNIEW STACHOWIAK

EKSPLOZJA DEMOGRAFICZNA AMERYKI ŁACIŃSKIEJ

STANISŁAW FISCHLOWITZ

Od dłuższego czasu odnotowuje się w Ameryce Łacińskiej wzrastającą stale krzywą przyrostu naturalnego ludności i to do tego stopnia, że region ten uważany jest obecnie za epicentrum światowej eksplozji demograficznej. Wszystkie przewidywania jak najbardziej nawet optymistyczne zostały przekroczone.

Roczny przyrost naturalny ludności w Ameryce Łacińskiej, który w pierwszej połowie wieku XIX wynosił 1 procent, i w drugiej połowie tegoż wieku 1,3 procent, osiągnął w pierwszym, drugim i trzecim ćwierćwieczu XX wieku odpowiednio: 1,8, 2,0 i 2,5. Zgodnie ze spra-

wieć, talerze zboczyły nieco z drogi dla dokonania obserwacji. Potem, przy szybkości 8 tysięcy klm na godz. zostały zabrane przez olbrzymi lotniskowiec, który następnie w ciągu kilku sekund zdwoił szybkość lotu.

To było nie do wiary. Ale radar działał bez zarzutu, obserwacje zaś naoczne, skoro tak Bailey jak Ferris widzieli talerze przelatujące w pobliżu jak błyskawice, stały się dowodem niewątpliwym i ostatecznym. W trzech różnych okazjach widziano talerze gołym okiem dokładnie tam, gdzie wskazywał ekran radaru.

Kpt. Harter nadal sprawozdanie przez radio. Oficerowie wywiadu oczekiwali na samolot przy jego lądowaniu. Jak zwykle w podobnych wypadkach, przestuchano raz i drugi wszystkich lotników z osobna i następnie razem. Ale żadne pytania nie zdołały osłabić rzeczywistości przeżytych wydarzeń. Przeciwnie, uwydatniła się ona z większą jeszcze jaskrawością. Cała przygoda trwała od godz. 5,25, czyli równo dziesięć minut. Coleman naliczył w sumie 20 talerzy, przy czym największe ich zbliżenie do samolotu w żadnej chwili nie było mniejsze niż 32 klm. Inż. Bailey dodał: "W chwili gdy operator radaru zasygnalizował zbliżanie się przedmiotów świecących od sterburty, spojrzałem natychmiast w tym kierunku i obserwowałem dwie błyskawice biało-niebieskie przez czas trzech sekund, zanim zniknęły w przestrzeni. Ani Bailey ani Ferris nie mogli, oczywiście ustalić kształtu talerzy, bo przy tej szybkości widzenie były one tylko w postaci smug światła.

Zanim całe zdarzenie zostało opublikowane w książce mjr. D. E. Keyhoe łącznie z innymi dokumentami około roku 1953, w Pentagonie powiał inny wiatr. Do władzy doszła t. zw. "Grupa Milczenia", czyli zwolennicy "tematów poważnych". Oczywiście wyznaczali bardzo surowe kary za zdradzenie "tajemnicy wojskowej", do której zaliczono w pierwszym rzędzie "temat niepoważny" talerzy latających. Majorowi Keyhoe nic nie zrobiono, gdyż miał zezwolenie publikacji na piśmie. Ogłoszono więc tylko, że omawiane przez niego fakty zostały przedstawione nieścisłe. Mjr. Keyhoe, będący w stanie spoczynku, wystąpił publicznie z żądaniem wytoczenia mu postępowania dyscyplinarnego i postawienia go przed sądem wojskowym. Sprawę oczywiście czym prędzej zatuszowano.

WACŁAW KOZŁOWSKI

(Streszczenie redakcyjne z "Kuriera Polskiego" — Buenos Aires).

wozdaniem CEPAL, przedstawionym na IX sesji w maju r. 1961, szacuje się wskaźnik obecny na 2,5 i 2,6 proc. Ale badania, na podstawie których wyprobowane zostały te cyfry, nie były przeprowadzone we wszystkich krajach Ameryki Łacińskiej i dlatego istnieje konieczność skorygowania obliczeń i wszystkich przewidywań opartych na tych badaniach.

Weźmy dla przykładu oczywiste nieścisłości w tym zakresie z badań dotyczących Brazylii. Jak wykazują rezultaty ostatnich spisów powszechnych w okresie pomiędzy dwoma spisami 1950—1960 wskaźnik przyrostu naturalnego osiągnął 3,11 proc. (w latach pomiędzy r. 1930 i 1940 wynosił 1,51 proc., a w okresie następnej dekady — 2,38 proc.). Stąd jeżeli ten wskaźnik wzrostu utrzyma się na stałe można przewidzieć, że w r. 1966 Brazylię zamieszkiwać będzie 85.235.921 osób i w r. 1970 — 96.460.895 (w r. 1962 liczba mieszkańców Brazylii osiągnęła ok. 74 miliony osób).

Rezultaty obliczeń w stosunku do innych krajów kontynentu nie wykazują większej różnicy w odniesieniu do wskaźnika wzrostu przyrostu naturalnego zanotowanego w Brazylii, różniąc się jedynie wyraźnie gdy chodzi o skrajne południe tegoż kontynentu, ale można przewidzieć bez większego błędu, że ogólna liczba mieszkańców tej części świata osiągnie w końcu wieku XX — 592 miliony zgodnie z obliczeniami Organizacji Narodów Zjednoczonych, co stanowić będzie 10 proc. globalnej ilości wszystkich mieszkańców świata t.j. — 6.267 milionów osób.

JAK SIĘ TO TŁUMACZY?

Głębokie i rzeczywiste przyczyny tego niezwykłego, stopniowego wzrostu populacji nie dadzą się wytłumaczyć w sposób arcyprosty, ponieważ dotyczy szeregu podświadomych i niewymiernych czynników zachowania się człowieka. Jest sprawą stosunkowo łatwiejszą usiłowanie wykrycia głównej przyczyny tego zjawiska biorąc pod uwagę korelację pomiędzy dwoma wielkimi siłami motorowymi, warunkującymi ten wzrost: a) śmiertelnością i b) ilością urodzeń. O-tóż w Ameryce, posługującej się językiem hiszpańskim i portugalskim, występuje obecnie brak korelacji pomiędzy krzywymi wzrostu tych dwóch czynników. Podczas, gdy występuje silny spadek śmiertelności — zwłaszcza dziecięcej, aczkolwiek ta ostatnia wciąż jeszcze jest duża w Ameryce Łacińskiej — wskaźnik urodzeń utrzymuje się w zasadzie na trwałym poziomie. Zmniejszenie się śmiertelności, uważane jednogłośnie jako główny czynnik powodujący wzrost populacji, stanowi wynik poprawy warunków sanitarnych i zaskakującego rozwoju medycyny w ogólności, co daje się zauważyć nawet w krajach słabiej rozwiniętych Ameryki. I a contrario to zmniejszenie się śmiertelności pozwala na odrzucenie tłumaczenia, jakoby kobiety południowo-amerykańskie były szczególnie płodne i jakoby czynnik ilości urodzeń miał być szczególnie wysoki.

Czy wzrost populacji w ciągu następnych dekad będzie postępował w tym samym rytmie?

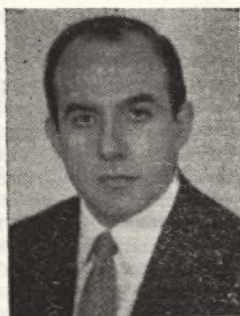
Mamy tu do czynienia z najbardziej dyskusyjnym aspektem zagadnienia. Uważamy prawie za pewnik, iż w przyszłości warunki sanitarne ulegną dalszej poprawie i że walka z chorobami wywołującymi śmiertelność populacji dziecięcej, młodzieżowej i ogólnej będzie jeszcze bardziej skuteczna. Do postępu higieny w miastach i na wsi przyczynia się niewątpliwie nie tylko dynamiczne programy narodowe w zakresie zdrowia lecz również programy ogólnoamerykańskie w tej dziedzinie; nikt nie może w istocie nie uznać wielkiego znaczenia w dziedzinie higieny i zdrowia planu: "Przymierz dla postępu", w szczególności w zakresie budowy wodociągów i kanalizacji itp. Pozostaje jedynie stwierdzenie, czy można oczekiwać utrzymującego się w rozsądnych granicach czynnika ilości urodzeń w stopniu, któryby mógł skompensować do pewnego stopnia efekt zmniejszenia się śmiertelności w celu konsekwentnego skorelowania obu krzywych. Ale właśnie w tej dziedzinie przeciwstawiają się sobie dwa całkowicie odmienne punkty widzenia.

Zgodnie z niektórymi autorami dynamizm urodzeń powinien ulec zmniejszeniu w wyniku: urbanizacji, udziału kobiet w rynku pracy i wzrostu poziomu życia klasy robotniczej, — czynników, które są w stanie zredukować ilość urodzeń i "średnią liczebność rodziny". Teza ta, która zresztą koliduje z opinią Komisji Demograficznej Narodów Zjednoczonych w odniesieniu do części tropikalnej kontynentu amerykańskiego, nie wydaje się zbyt przekonującą ze względów, które przytoczymy poniżej; w szczególności największe znaczenie ma tu analiza pierwszego z trzech czynników — urbanizacji.

URBANIZACJA I JEJ ISTOTA

Urbanizacja w Ameryce Łacińskiej, kontynencie tradycyjnie rolniczym, działała jako siła napędowa o niezmiernej mocy, rewolucjonizująca bardziej, niż jakkolwiek inna siła warunki egzystencji jej mieszkańców. Wypada zaznaczyć, że rytm urbanizacji wyprzedza w znacznej mierze industrializację, okoliczność, która sama przez się determinuje wyraz ekonomiczny tego zjawiska, określonego jak najbardziej słusznie przez CEPAL jako: "jedno z najpoważniejszych rewolucji naszych czasów". Zgodnie z badaniami przeprowadzonymi przez Unię Panamerykańską ludność miejska Ameryki Łac. szacowana była w r. 1960 na 41 proc., a wiejska na 59 proc. Nie będzie przesadą, jeżeli stwierdzimy, że w r. 1962 region ten może być uznany za jeden z regionów, w którym proces urbanizacyjny czyni największe postępy. Obliczenia brazylijskie z r. 1960 wykazują, że w owym roku 45,08 ludności zamieszkiwało ośrodki miejskie i podmiejskie (w r. 1940 31,24 i w r. 1950 — 36,16 proc.) i jedynie 54,92 — ośrodki wiejskie — (w r. 1940 — 68,76 i w r. 1950 — 63,84 proc.). Choć te dane statystyczne muszą być jeszcze sprawdzone nie można zaprzeczyć, iż ludność brazylijska wykazuje olbrzymi ciąg do przesiedlenia się do ośrodków miejskich, w szczególności zaś do większych miast. Podobne zjawisko występuje w Meksyku (ludność meksykańska, rozmieszczona na obszarach gęstości zaludnienia 25 osób na km. kw., i więcej, zwiększyła się z 5,4 do 6,6 i 12,5, obecnie zaś doszła do 19,8 miliona!) i w innych krajach kontynentu.

(D. c. n.)



JAMIL
NAMI
CURY

A situação atual, é alvo de comentários e opiniões as mais diversas possíveis, quanto ao mecanismo econômico do Brasil.

Como homem de imprensa, é difícil determinar qual a estrada a seguir. Cumprenos apenas, informar, analisar e criticar os fatos gritantes e as desajustadas situações pelas quais nossa Terra transita já há tantos e longos meses de desesperada angústia.

Não há de forma alguma, empresamento de pretender "consertar o Brasil" ou de demonstrar qual o caminho certo, neste emaranhado de rotas àquela usada pelos "camelots" em via pública: muitas palavras com silabadas de bom orador, aplicabilidade do sentido figurado multicolorido para no final, o artigo não ser aquele apresentado, deixando o transeunte-comprador" logrado decepcionado consigo mesmo.

Não atiremos pois a primeira pedra, posto que nós todos neste caso em especial, temos o telhado de vidro — muito fino, aliás.

A situação econômico-financeira do Brasil, é das mais desesperadoras possíveis, posto sermos devedores de fato e de direito, em todos os países de lastro e acervo consideráveis. Por que???

Eis uma pergunta que não apresenta resposta, embora as respostas sejam abundantes e heterogêneas.

O nosso sotema "balanceiro", é o mais paradoxal possível, não permitindo estabilidade na inflação ou na deflação, nem mesmo em pequenos espaços de tempo.

A culpa é de nosso governo, gritamos todos.

Sem sombra de dúvidas, o governo matriz, tem uma responsabilidade enorme, vasta e plenipotenciária em relação à balança econômica-financeira do Brasil, haja vista a lascívia desumana, pertinaz e maldosa a que ficou nossa Terra e nossa gente legadas desde muitos anos.

De análise paragrafada, a situação econômica de fato do Brasil é de fazer inveja a muitos países deste mundo, posto que suas riquezas não são ainda exploradas, são acervo dadivoso, imaturo e promissor.

Por outro lado, o manuseio financeiro é falho de princípio, incerto de estabilidade e de previsão absolutamente ignorada.

As medidas de saneamento são inadmissíveis e de atendimento imediato. O Brasil necessita de equilíbrio monetário desde longas datas e agora mais do que nunca.

A potencialidade ofensiva de ideais que não condizem aos nossos princípios estão de atalaia em todos os pontos vulneráveis da nação, nos exatos "enderços" de fragilidade e de corrupção. O saneamento no padrão de vida do cidadão brasileiro, é a real solução de todos os problemas sociais, que é pelo que o homem luta, porém sem qualquer solução ou expectativa produtiva até esta data, pois que ele não vê outra paisagem senão aquela das greves por aumento de salários, que quando aprovado, nem em dobro dará para adquirir o que antes adquiria.

O desequilíbrio entre receita e despesa, desde há muito vem acirrar os ânimos entre as classes, provocando verdadeiras polémicas desairosas e demagógicas prevaricações.

A Marcha Econômica

Nosso problema deve ser atacado em sua fonte real.

A experiência que o Brasil adquiriu nestes anos todos de permanência em "tubos de ensaio" de mal intencionados, é suficientemente capaz de determinar os pontos cardeais de novas diretrizes para a melhoria de nossa balança econômico-financeira.

O próprio governo federal deve ser o iniciador desta batalha de poupança, alienando suas empresas deficitárias, sem esquecer de indenizar seus servidores, dentro de seus direitos.

É muito importante frizar que o não pagamento dos direitos adquiridos pelos empregados naquelas empresas, provocará o abandono daqueles que ficarão aguardando outras oportunidades no mercado de empregos.

A demagogia em prol do paliativo em forma de móra, deve ser banido de nosso "quadro" político, ad-infinitum". Basta de "picadeiro" e de pagarmos um "ingresso" tão caro, por palhaçadas tão adiposas e sem qualquer senso de hilaridade".

Nossa gente que atualmente atravessa um campo progresso em todos os setores, "a despeito de tudo e de todos os pais da Pátria", não necessita de paliativos demagógicos e de oratórias inflamadas de seres insensibilizados, que com o fervor de suas orações buscam tão somente votos entre aqueles desprovidos de senso de julgamento primário, ou que então de absoluta boa fé, vêm no orador, um real pastor de ovelhas perdidas e desorientadas.

A demagogia aplicada tem suas conquistas, como por exemplo a estabilidade do empregado, o décimo terceiro salário, a assistência médica-hospitalar (precária) e assim, coisas que nunca resolveriam a situação do empregado, que busca algo mais do que isto.

É necessário mais cultura, possibilidade de educação mais aprimorada para os filhos dos empregados, capacidade de vestir-se de forma condizente aos seres vivos, bem como uma alimentação que lhe seja de fato bastante às carências do corpo humano.

Quantas indústrias governamentais, apresentam prejuízos desproporcionais? — Quase todas, senão 90% delas, são um verdadeiro monstro a sugar o "sangue sonante" da união, quando em mãos de organizações particulares e grupos financeiros organizados, poderiam apresentar um considerável lucro e dividindo benefícios a terceiros associados, aumentando o acervo de nossa parque industrial.

Não poderíamos enumerar as razões desta lamentável ocorrência, pois que as causas são tão vastas e complexas, que seria necessário um "dossier" elucidativo que no final concluiria como desleixo, empreguismo e desorganização sem precedentes e falta de previsão.

Enquanto o desespero abraça o homem brasileiro, cansado de assistir a tantas incoerências, a administração pública cria portarias, leis e determinações, que até o momento pouco, ou nada fizeram em prol da indústria, do comércio, ou sequer da lavoura, esta pobre desgraçada "arma" econômica da nação, que nem para si mesma pode reconhecer.

A determinação de número 235 é um mar de paradoxos. Individualizemos os títulos emanados, emitidos e provenientes de todos os negócios, das transações ou mesmo de empréstimos. Após isso, satisfazendo às exigências do fisco, tratemos de levar estes documentos que em todas as partes do mundo apresentam valor de crédito, à casa denominada "Banco", que ali está à nossa espera

para quaisquer transações de dinheiro, como determina o significado da palavra.

A resposta da chamada "casa de crédito" é a mais absurda, pois que o portador terá que se sacrificar, deixando ali mesmo, juros que a Lei chama de extorsivo — quando há desconto, posto que desde a publicação da mal aplicada 235, apenas dez ou quinze por cento dos "borderôs" são descontados, e isto por firmas que por si só têm um lastro às vezes maior do que alguns bancos.

Individualizamos todos os títulos de crédito. Não serão descontados títulos sem aceite... e assim por diante.

As incoerências abundam. Por que não acrescentar a esta última determinação, que serão obrigados a aceitar todos os documentos que simbolizem débito e crédito, aqueles que de fato têm esta obrigação, comprovada por documento comprobatório?

Para se tornar em lei, uma determinação qualquer, precisamos estudar sua estruturação na sua íntegra, para não causar discrepâncias desta natureza, poupando alguns, queimando milhões.

Voltando nossos olhos para o setor industrial, notamos que "em prol" de colaborar com o plano emanado do Ministério da Fazenda do Brasil, no tocante à marcha contra a inflação, notamos que a indústria automobilística "resolveu" reduzir o seu preço de tabela para os veículos aqui fabricados, de até Cr\$ 150.000,00. Ora senhores industriais, isso grita muito alto aos olhos de todo o mundo. Se não houvesse esta súplica sobre joelhos, os senhores não teriam tomado essa atitude, valendo dizer-se entretanto, que se houve esta baixa ou redução, este ato vem esclarecer que era possível negociarem seus produtos nesta base; e que na anterior à seu gosto e gesto, havia a margem de especulação agora noticiada e confessada.

Esta é a indústria que ao invés de concorrer para um progresso honesto desta terra, colabora com a inflação, desempenhando um papel bem preponderante, esquecendo-se das vantagens que lhe são conferidas, desde a sua instalação em solo brasileiro.

Os bancos estrangeiros por sua vez, recebem depositários brasileiros, aplicam seu dinheiro a sacador brasileiro, remetendo até bem pouco tempo todo o seu lucro para a sua matriz em outros países, transformado em moeda de sua origem.

Sabemos que se um banco brasileiro quizesse efetuar o mesmo negócio em países que têm seus bancos aqui, isso seria vetado peremptoriamente, por proibição legal.

A política antinflacionária mal aplicada, pode acarretar sérios problemas à nação.

Da mesma forma que a inflação vai se tornando vultuosa, a deflação não pode ser imposta de forma abrupta e imediata, o que aliás não é de forma alguma o que nos interessa. Nosso interesse real e efetivo, é o que estabelece um equilíbrio de oferta e procura de desconto e descontado, de comprador e vendedor, que o comércio funcione livremente, dentro de normas morais que são o estio de uma nação forte e bem guarnecida.

A política do Ministro da Fazenda dentro e fora do país, vem se tornando deflacionária, sentindo-se mesmo em desenvolvimento ocasionando o característico processo depressionista.

O desemprego já se faz sentir, como um sintoma de regime deflacionário.

Na eventualidade de o Fundo Monetário Internacional se manter intransigente com referência às restrições que o Ministro da Fazenda fez sentir, teremos irremediavelmente uma séria interrupção no setor da importação, que por sua vez impedirá o desenvolvimento do parque industrial brasileiro,

PRZEGLĄD WAŻNIEJSZYCH WYDARZEŃ

... W SÃO PAULO:

Dnia 9 kwietnia odbyło się w kościele OO. Salezjanów w São Paulo nabożeństwo za duszę ś. p. Aleksandry Piłsudskiej, żony Marszałka, zmarłej w Londynie na początku kwietnia. Nabożeństwo urządzone zostało staraniem Towarzystwa im. Józefa Piłsudskiego i Klubu 44.

Mszę żałobną przy polskim ołtarzu odprawił ksiądz rektor Łatka, po czym odmówił modły żałobne koło zaimprovizowanego przy wejściu do kościoła symbolicznego katafalku. Niezmiernie artystyczna gra na organach, w szczególności zaś Marsz Żałobny Chopina z towarzyszeniem dzwonów podniosła jeszcze nastrój uroczystości.

Mimo wczesnej pory dnia powszedniego i niemożności zawiadomienia całej Polonii zebrano się kilkadziesiąt osób z prezesami organizacji polskich pp. W. Średnickim (Tow. im. J. Piłsudskiego), A. Moszkowskim (Klub 44) i F. Piotrowskim (Stow. Polskich Kombatantów) na czele. Wśród pozostałych uczestników przeważała "stara gwardia" ludzka, którzy w młodości byli współtwórcami niepodległości Polski w latach 1918 - 1921, a którzy oddając cześć Zmarłej żegnali jednocześnie jak by całą epokę, przechodzącą już nieodwołalnie do historii.

A. GAWAR.

... W KURYTYBIE:

Wielkim echem odbiła się w całej Paranie audycja, nadana 3 marca przez radio Cambi. ju w Araukarii, poświęcona ożywieniu życia kulturalno-oświatowego w Tow. União Ju-

ventus w Kurytybie, i dotacji książek na rzecz biblioteki tego Towarzystwa.

Jak zawsze tak i tym razem pierwsi przyszli z pomocą rodacy z Araukarii pp. Anas-tazy Flizikowski (4 książki), Stefan Giller (4 książki) i Józef Piestrzeniewicz (10 książek). Biblioteka Towarzystwa czeka na napływ dalszych ofiar.

Tow. União Juventus podaje tą drogą do wiadomości, że jest do dyspozycji wszystkich rodaków. Piękny basen kąpielowy, boisko piłki nożnej i nowoczesnie wyposażona sala do gry w kręgle czeka na miłych gości. Przy towarzysztwie czynne są: amatorska grupa teatralna i polska grupa folklorystyczna znana pod nazwą Młodego Mazowsza. Grupa ta zapoczątkowała po długim okresie martwoty życie artystyczne wśród Polonii zamieszkałej w Brazylii. Przykład Młodego Mazowsza, rozwijającego się bujnie pod opieką artystyczną ks. Józefa Zajęca i prof. Haliny Marcinowskiej, jest zaraźliwy. W ciągu ostatnich dwóch lat wskrzeszone zostały lub powola-

ne na nowo do życia zespoły śpiewacze i tańeczne na prowincji parańskiej. Do tych zespołów należą: grupa z Guajuvira, której piosenkę: "Idzie chmurka, będzie deszcz", śpiewają dziś wszyscy w okolicy; grupa z kolonii Dom Pedro, która zdobyła sobie wielką popularność na ubiegłorocznym festiwalu grudniowym w Kurytybie piosenką: "Mkną po szynach niebieskie tramwaje"; zespoły piosenkarskie z Catanduva, Tomás Coelho, Ponta Grossa, Koła Młodzieży Matki Boskiej Częstochowskiej z Kurytyby, teatralne zespoły amatorskie z Arapongas i Araukarii.

Dziś wszystkie te zespoły tworzą jedną rodzinę. Uwidoczniło się to zwłaszcza na obiedzie u pp. Adama i Józefa Knapików, gdzie gościnni gospodarze z Araukarii podejmowali po staropolsku Młode Mazowsze i zespoły artystyczne z całego regionu Araukarii. Drugim takim przejawem scalenia był grudniowy festiwal w Kurytybie, gdzie tym razem Młode Mazowsze podejmowało młodzież artystyczną pochodzenia polskiego z całej Parany.

Rośnie to co jest dla nas najdroższe — zainteresowanie mową polską.

FRANCISZEK DRANKA

WITOLD ŻONGOLŁOWICZ W 35 rocznicę zgonu

Przerzucam pożyczkę kartki zbioru poezji Żongolłowicza: "Zza krat Pawiaka", wydanej pośmiertnie nakładem wdowy, Eugenii Żongolłowiczowej, zamieszkałej dotychczas w Kurytybie. Pod wierszami miejsce pobytu autora: Cytaśela, X Pawilon, cela 12 dn. 12 sierpnia 1902 r., X Pawilon, cela 37 dn. 23 stycznia 1903 r., Pawiak dn. 27 września 1903 r., Ust-Ważka dn. 23 stycznia 1904 r., Izma dn. 24 kwietnia 1904 r. i znowu Pawiak...

Witold Stanisław Żongolłowicz, jeden z najofiarniejszych działaczy P. P. S. Proletariat, należał do tych, którzy los swój rzucają na szanec. Skazany w roku 1906 przez sąd carski wraz z dwięcioma innymi rewolucjonistami na karę śmierci zostaje uratowany na kilka godzin przed egzekucją przez towarzyszy z P. P. S. Mimo nadwyżonego zdrowia i niebezpieczeństwa nie opuszcza po uwolnieniu pracy konspiracyjnej w Warszawie. Do porzucenia kraju zmusza Żongolłowicza dopiero wyraźny rozkaz przywódców "Proletariatu". Osiada w Belgii. Kiedy jednak rząd belgijski wydaje władzom carskim rewolucjonistę Gerszuniego, wyjeżdża do Paryża. Pracując tam w polskiej sekcji "Proletariatu" styka się z innym działaczem rewolucyjnym, dr Gabrielem Nowickim. Wraz z nim opuszcza Francję i przenosi się w r. 1915 do Brazylii.

Tu, w Kurytybie, otwiera warsztat szewski. W wolnych chwilach nawiązuje kontakty z ludźmi, zrzesza ich. Życie polonijne w Paranie przechodziło wówczas okres stagnacji. Towarzystwo Szkoły Ludowej od wielu lat było nieczynne. Na ożywienie Towarzystwa trzeba pieniędzy. Żongolłowicz nie waha się ani chwili. Odmawiając sobie lepszego garnituru, małżonce — sukni wydaje własnym sumptem 15 serii znaczków z podobiznami sławnych mężów polskich i rozprzeda je w skupiskach polonijnych w Paranie. Cały uzyskany grosz składa do pustej kasy Towarzystwa Szkoły Ludowej.

Nie poprzestając na tym Żongolłowicz zakłada zespół "Oberża Pieśniarska", pisze i wystawia sztuki sceniczne, uczy bezpłatnie w szkole.

Umiera 18 listopada r. 1928. Pozostaje jednak na zawsze we wdzięcznej pamięci Polonii parańskiej.

WOJCIECH BREOWICZ.

A marcha econômica

Dok. ze str. 26

que dela tanto depende, impossibilitando destarte a manutenção das indústrias já existentes e em plena atividade.

A liderança heterogênea anarquista o regime brasileiro ocasionando contenção de desenvolvimento.

Dentro da mesma área política do atual governo, existe contradição de ideais, que impede coesão, que por sua vez compreendéria.

Necessitamos daqueles que nos assistem nas horas difíceis. Procuremos sanar nossas deficiências próprias, para que possamos resolver aquelas com terceiros.

Precisamos tornar homogêneas nossas tendências e ideais políticos de ala definida, ou pelo menos que isso seja feito dentro da área do atual governo, que tantas e tantas vezes tem demonstrado um heterogêneo que inspira reais cuidados, desobedecendo os disticos de nossa bandeira o que aliás nesta hora angustiosa é bem recomendado: — "Ordem e Progresso".

Jamil Nami Cury

POLECAMY MIŁOSIERDZIU naszych Czytelników starszkę Polkę, lat 78, całkowicie samotną, chorą i pozbawioną opieki, nazwisko i adres w Redakcji. Osoba ta otrzymuje rentę w wysokości Cr\$ 2.100,00 miesięcznie, a płaci za mieszkanie w ruderze Cr\$ 1.500,00. Może znalazłby się ktoś w São Paulo kto mógłby zapewnić tej nieszczęśliwej kobiecie dach nad głową, utrzyma się wówczas sama z renty, ponieważ potrzeba ma niewielkie.

Płynęły moje łzy...

Płynęły moje łzy...
Na wielkiej wody toń, gdzie piersią błyska [mewa,
Gdzie głuchy żagłi chrzęst echami mowę [śpiewa.
Na wielkiej wody toń płynęły z ocz mych łzy.
Ciskałem słowa skarg...
Na martwy obszar tundr rzucam słowa [skarg.
Gdzie zgnila pełza pleśń i rdzawe drzemia [wody —
Na martwy obszar tundr rzucam słowa skarg.
Ciskałem bólu jęk...
Pod szklisty nieba strop, gdzie zór się pło- [mień żarzy
I cudne słupy tęcz na słońca stoją straż
Pod szklisty nieba strop ciskałem krzyk i jęk.
A biła ze mnie moc...
Jać wiem, że tylko z mąk, z ucisków dusznych [matni
Upamiętnię twarde spłot, wieczysty węzeł [bratni.
Jać wiem, że z owych mąk ogromna wstanie [moc...
I grzmiał otuchy szept...
Z dalekich leciał stron, gdzie pszczelna gra [kapela,
Gdzie z kręgu płowych rżysk topoli wieniec [strzela,
Z dalekich leciał stron otuchy słodki szept...
Czy stracę pamięć leż?...
Gdy padną mi na pierś szumiące tany złote,
Gdy ziemi świętej proch ślicymi włosy zmioję
Gdy padnę wam na pierś — czy stracę pa- [mieć leż?...]

Witold Żongolłowicz.

Wiersz ten ukazał się w Gazecie Polskiej w Brazylii w numerze z dn. 20 listopada 1938 r. w 10 rocznicę zgonu autora. Wyjęty z teki pośmiertnej nie wszedł on do zbioru "Zza krat Pawiaka".

W. Breowicz

PRZEGLĄD WAŻNIEJSZYCH WYDARZEŃ

Choć mamy już kwiecień wciąż jeszcze mówi się w Polsce o minionej zimie, którą ochrzczono mianem: "zimny stulecia". Mrozy trwały ponad trzy miesiące, przekraczając niekiedy 30 st. C., a na Rzeszowszczyźnie uemiejsił się nawet w nocy z 28 na 1 marca europejski biegun zimna, kiedy to w przygruntowanych warstwach powietrza w okolicy Ustrzyk Dolnych zanotowano temperaturę minus 44 st., co jest absolutnym rekordem zimna w Polsce na przestrzeni minionych stu lat.

Mrozy i śniegi zdeorganizowały służbę transportową. Duże zakłócenia w komunikacji kolejowej, unieruchomiona sieć linii autobusowych groziły sparaliżowaniem normalnego zaopatrzenia przemysłu i ludności. Dzięki ofiarności przede wszystkim szarych ludzi udało się jednak odeprzeć szturm srogiej zimy. Na większych szlakach komunikacyjnych pojawiły się plugi odśnieżające zasypywane zamieciami drogi. O kolejarzach mówi się, że wygrali bitwę o szyny. Dzięki ich bohaterkiej ofiarności pociągi z opóźnieniem, ale jednak kursowały. Oczyszczali oni linie kolejowe, czuwali nad stałe zamrażającymi wrotnicami, reperowali pekające pod wpływem silnego mrozu szyny. W rezultacie miasta i osiedla były nieźle zaopatrzone w żywność, ale węgla na opał brakowało. Trzeba było ograniczyć pracę w fabrykach, wyłączając elektryczność w godzinach szczytów. Elektrownie zwróciły się do konsumentów z dramatycznym apelem o ograniczenie zużycia prądu. I ludzie szli na rękę elektrowniom. Można w ogóle powiedzieć, że ludność zdała w ciągu tych ciężkich miesięcy egzamin obywatelski.

Jak zrykły w zimie ciężkie warunki bytu osłabiły organizmy i epidemia grypy zbierała obfite żniwo. Obok grypy grasowała angina. O rozmiarach tej groźnej epidemii świadczyć może fakt, że np. w osiedlu studentkim w Jelonkach pod Warszawą dnia 16 lutego leżało chorych na anginę 526 osób, przy czym nie rzadkie były wypadki powikłań nerkowych po przebytej chorobie.

Ocieplenie, które nastąpiło po mrozach, wywołało topnienie śniegów i powodzie. Trzeba powiedzieć, że na polach pokrywa śnieżna, która wskutek przejściowych odwilży w zimie stwardniała i zamieniła się prawie w lodowiec, wynosiła od półtora do dwóch metrów grubości. Na szczęście ocieplenie nie było gwałtowne, przymrozki nocne łagodziły sytuację i w rezultacie rozmiary powodzi nie przybrały w tym roku rozmiarów katastroficznych. Przyczyniła się też do tego praca wojska. Saperzy wysadzali z narażeniem życia zatory na rzekach, umożliwiając swobodny spływ lodów. Grubość pokrywy lodowej na głównych rzekach kraju sięgała w nurcie do 60 cm, a przy brzegach lód był jeszcze grubszy. Z chwilą ruszenia lodów zaczęły powstawać zatory lodowe. Najgroźniejszy zator na Wiśle długości ponad 12 km utrzymywał się koło uści Kraski. Woda zalała szereg uści, a potężne kry pozrywały na niektórych rzekach mosty. M. in. zniesiony został drewniany most drogowy w Dęblinie. Powódź dotknęła ogółem 140 miejscowości. Jest to stosunkowo niewiele. Dla porównania warto zaznaczyć, że w r. 1958 woda zalała 1500 miejscowości.

Po przebytej zimie ludzie czują się osłabieni fizycznie i psychicznie. Do poprawy humorów nie przyczyniła się wcale wyższa cena opału, prądu elektrycznego i gazu. Jako przyczynę wyższej ceny podaje konieczność zahamowania spożycia węgla i gazu oraz doprowadzenie do rentowności deficytowych przedsiębiorstw. Wyższe ceny mają nakłaniać do oszczędności. Dotychczasowe ceny detaliczne węgla nie pokrywały podobno kosztów jego wydobycia. Deficytowe były również ceny płacone przez ludność za centralne ogrzewanie, gaz i energię elektryczną.

Wszystko to napewno prawda, ale w warunkach polskich przy niewielkich zarobkach pracowników żyć, o której mowa, stanowi dotkliwie uderzenie dla większości ludzi i przyczyni się do obniżenia i tak już niskiego standardu życiowego.

(as)

PRZEGLĄD POLSKI INFORMUJE:

Wykonanie planu gospodarczego. Z komunikatu Głównego Urzędu Statystycznego dowiadujemy się, że w r. 1962 wykonanie planu gospodarczego natrafiało na duże trudności. Plan w przemyśle społecznym został wprawdzie wykonany w 100,8 proc., ale produkcja niektórych ważnych wyrobów nie została w pełni zrealizowana. Poważniejsze niedobory wystąpiły w produkcji wagonów towarowych i osobowych, samochodów ciężarowych, suwnic, dźwigów portowych, turbogeneratorów do turbin parowych i lodówek. Produkcja rolna spadła o 8,5 proc., przy czym produkcja zwierzęca utrzymała się na poziomie ubiegłego roku (1961). Z innych danych warto wymienić, że wytworzony dochód narodowy wyniósł ok. 427 mld. zł tj. wykazał wzrost o 2,5 proc. wobec zakładanego w planie wzrostu o 7 proc. Gorsze rezultaty wynikają przede wszystkim ze spadku produkcji rolniczej.

Zakupy statystycznego Polaka. W użytkowaniu ludności znajduje się obecnie około 1.460 tys. maszyn do szycia, 320 tys. lodówek, 3.500 tys. pralek elektrycznych, 780 tys. odkurzaczy, 1.200 tys. aparatów fotograficznych, 6.400 tys. odbiorników radiowych, ponad 1.100 tys. telewizorów, 980 tys. motocykli i skuterów oraz prawie 4.600 tys. ro-

werów. Przeciętnie biorąc na każde 100 gospodarstw domowych przypada dziś prawie 12 motocykli, 54 rowery, 42 pralki, 4 lodówki, 76 odbiorników radiowych i 14 telewizorów.

Elektryfikacja wsi. W końcu minionego roku do sieci elektrycznej było podłączonych 2.483 tys. gospodarstw rolnych. Obecnie ok. 67 proc. wszystkich gospodarstw rolnych w Polsce korzysta z elektryczności. Prawie w pełni są zelektryfikowane miejscowości wiejskie na obszarze województw: wrocławskiego, opolskiego, zielonogórskiego, szczecińskiego, katowickiego i koszalińskiego. Ostatnie natomiast miejsca w tej statystyce zajmują kolejno województwa: warszawskie, łódzkie, białostockie, lubelskie, kieleckie i bydgoskie.

Corocznie przybywa 41 tys. łilipucich gospodarstw. — W latach 1950-1960 przytępowało przeciętnie w kraju w ciągu każdego roku ok. 41,5 tys. nowych gospodarstw rolnych. Przeważnie były to gospodarstwa karłowate, nie przekraczające 2 ha, które powstanie swe zawdzięczały działom rodzinnym. Właściciele tych gospodarstw przeważnie zarabują poza rolnictwem i nie dbają o zwiększenie produkcji. Największe rozdrobnienie gospodarstw występuje w woj. rzeszowskim, kieleckim, lubelskim i krakowskim.

Umarła Pola Gojawiczyńska. 29 marca br.

zmarła w Warszawie po długotrwałej chorobie w wieku 67 lat Pola Gojawiczyńska. Pierwsze dwie książki Gojawiczyńskiej ukazały się w r. 1933. Były to: — "Powszedni dzień" i "Ziemia Elżbiety". Największym dziełem pisarki była powieść: "Dziewczęta z Nowolipiek" (1935), która przyniosła jej nagrodę literacką miasta Warszawy. W latach 1937-38 ukazują się: "Rajska jabłoń", tom nowel "Dwoje ludzi", sztuka "Współczesne" i powieść "Słupy ogniste". Po wojnie Gojawiczyńska wydała "Kratę", wspomnienia więzienne i "Stolicę" — reportaż z powojennej Warszawy.

Prezydent Meksyku w Polsce. 1 kwietnia przybył z wizytą do Polski prezydent Meksyku, Adolfo Lopez Mateos. Prezydentowi towarzyszą w podróży małżonka i córka, minister Spraw Zagranicznych Manuel Tello, minister Przemysłu i Handlu Raul Salinas Lozano, działacze gospodarczy i naukowcy i dziennikarze.

Jachtem przez Atlantyk. Czterej polscy żeglarze ze Szczecina przepłynęli Atlantyk w porze najgorszych sztormów na małym jachcie "Hermes II" polskiej konstrukcji i produkcji. Jacht, na którym odbyli podróż, ma niecałe 10 metrów długości i ok. 2 metry szerokości. Długość trasy wyniosła w sumie 16 tys. km. Jacht przebył tę trasę w ciągu 5 miesięcy i 4 dni. Żeglarze wyruszyli ze Szczecina we wrześniu ub. r. a przybyli do Miami 16 lutego br. Załoga "Hermesa II" otrzymała depezę z gratulacjami od prez. Kennedy'ego, który sam jest zamilowanym żeglarzem.

"Flamengo" w Polsce. Znany brazylijski zespół piłkarski "Flamengo", który przyjeżdża do Europy na szereg występów, rozegra w Polsce dwa spotkania — 30 kwietnia i 2 maja.

Uczony lubelski leczy operacyjnie krótkowzroczność. Kilka lat temu możliwościami operacyjnego leczenia krótkowzroczności zainteresował się lubelski uczony prof. Tadeusz Krwawicz. Profesor opracował technikę operacyjną, przy pomocy której można wyciąć kawałek wewnętrznej warstwy rogówki, nie grubszy niż dwie dziesiąte milimetra. W ten sposób na powierzchni oka powstaje niewielkie wklęslenie. Zapadnięta w wyniku operacji powierzchnia rogówki zmienia swoją krzywiznę, a tym samym załamanie promieni światła padających na dno oka. Po operacji i zdjęciu opatrunku pacjent widzi normalnie. Prof. Krwawicz dokonał najpierw doświadczenia na królikach i na ich podstawie obalił dotychczasowy pogląd, że chirurgowie nie wolno ruszyć rogówki bez szkody dla oka. Pięciu jego pacjentów, którzy zaryzykowali operację, widzi już normalnie.

Ludzie dobrej woli uratowali człowieka. 28 grudnia ub. r. o godz. 23, mieszkaniec Warszawy, J. Krzaczyński dowiedział się, że jego kuzyn leżący w Szpitalu Klinicznym w Katowicach znajduje się w bardzo ciężkim stanie. Dla ratowania życia konieczna jest operacja, ale ta może odbyć się tylko wtedy, kiedy chory otrzyma specyfik produkowany przez firmę Bayer, dostępny — i to z dużymi trudnościami — jedynie na terenie NRF. J. Krzaczyński łączy się telefonicznie z Hamburgiem — z mieszkaniem swego znajomego, Webera, prosząc o pomoc. W godzinę potem szpital armii amerykańskiej w Hanowerze odebrał apel Webera, nadany przez niego za pomocą krótkofalówki. Z lotniska w Hanowerze wojskowy samolot amerykański z przesyłką na pokładzie wystartował do Hamburga, stąd samolot "Lufthansy" zabiera lek i transportuje go na lotnisko Tempelhof w Berlinie zach. 30 grudnia 1962 r. rano samolot NRD z lekiem poleciał do Warszawy, skąd Lotnicze Pogotowie Ratunkowe dostarczyło przesyłkę do Katowic.

RESIL S. A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Assentos para automóveis
para qualquer marca

RUA MARTINS BUCHARD, 254 - TEL.: 9-5050 - SÃO PAULO

Insubra
S. A.

A MAIS COMPLETA LINHA DE TODAS AS MÁQUINAS PARA SEU ESCRITÓRIO

Distribuidores exclusivos no Brasil das seguintes marcas:

ADLER — máquinas de escrever e de contabilidade

EVEREST — máquinas de escrever e somar, de calcular e de contabilidade

ROTO-CENTO-PRINTO — duplicadores e mimeógrafos a álcool, tinta e processos heliográficos

CITOGRAPH — equipamentos de endereçar e organização

ORMIG — máquinas de racionalização e organização de trabalho

DIEHL — máquinas de calcular superautomáticas

POSTALIA — máquinas para franquiar correspondência e selos fiscais.

São Paulo: — rua Vitória, 302/4, fone: 37-3171

Rio de Janeiro: — Av. Rio Branco, 138, 14.º, fone: 22-6663 e 22-9880

Pôrto Alegre: — Praça Rui Barbosa, 220 Ed. Tannhauser 2.º, fone: 8323

DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS NAS OUTRAS CAPITAIS DO PAÍS.



Popularna aktorka teatralna i filmowa Maja Wachowiak



Sesja egzaminacyjna na wyższych uczelniach. Na wezwanie profesora oczekują studenci Szkoły Głównej Gospodarstwa Wiejskiego w Warszawie.



Mazowsze tańczy mazura.



Koniec karnawału.



“DERBY”

to powszechnie znane polskie narzędzia rzemieślnicze
 żądaj w każdym sklepie **DERBY**
 w Twoim domu **DERBY**
 w Twoim warsztacie, fabryce **DERBY**
 Również doskonale narzędzia tnące i do drzewa

KUP SAM, POLEĆ INNYM

PRZEDSTAWICIELE:

Rio de Janeiro, São Paulo

f. Sacha Krause, r. México, 11 s. 1408
 tel. 22-8519 Rio de Janeiro

Rio Grande do Sul

f. Suplimex, r. das Andradas, 812
 tel. 75-11 Porto Alegre

Paraná

f. M. Bembnowski, r. Cons. Dantas, 534
 tel. 4-1518 Curitiba

Pernambuco

f. Apex, r. do Bom Jesus, 172, 4 andar,
 tel. 94-26 Recife

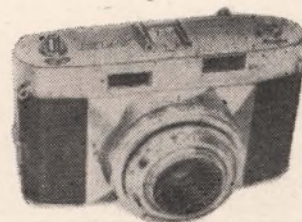
FOTOAMATORZY

W polskim domu — polskie aparaty fotograficzne

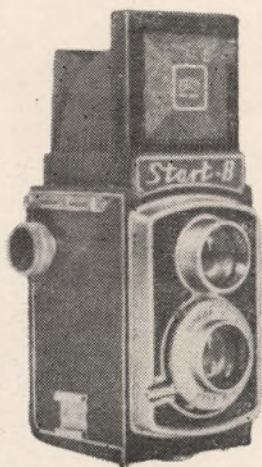
ŻĄDAJ W KAŻDYM SKLEPIE

Wysoka jakość, niska cena, doskonałe zdjęcia

KUP SAM, POLEĆ INNYM



Fenix II



Start

Start II

Fenix IIb

Druh

Alfa

Dystrybutor: f. IBIRAPUERA, São Paulo, rua Abolição, 170

Start B

Fenix Ib

Dystrybutor: f. “Mesbla” — domy towarowe we wszystkich
 większych miastach Brazylii.

Tricot-lã

sweater
original

